O CERCO
DO
PORTO.

O CERCO
DO
PORTO
EM 1832 PARA 1833.

Sua origem, e traição do ex-Infante D. Miguel — Usurpação do Throno de Portugal á Senhora D. Maria 2.ª e perseguição de seus Subditos — Gloriosos feitos dos heroes Liberaes nas Ilhas dos Açores, e seu desembarque nas praias de Portugal — Cerco da Cidade do Porto pelo Exercito do Usurpador, defeza dos Liberaes, e constancia dos Portuenses — Biografia ou a vida, trabalhos, e acções de D. Pedro durante o memoravel sitio — Batalhas Navaes, e total derrota da Esquadra do Usurpador — Nomes dos heroes agraciados por serviços relevantes.

Por um Portuense.

PORTO:

NA TYPOGRAFIA DE FARIA & SILVA;
Rua de St.ª Catharina N.º 2 H.

1840.

INTRODUCÇÃO.

Seis annos de silencio, sem entre tantos e avalisados sabios portuenses haver um, que se lembrasse escrever, para transmittir á posteridade os feitos de constancia, firmeza, e valor de seus patricios e concidadãos, adquiridos no sempre memoravel Cerco posto á Cidade Eterna pelo Exercito do Usurpador desde Setembro do anno de 1832 até o mez de Agosto de 1833, é justamente que me anima a lançar mão da penna, e descrever com a exactidão que meu rude engenho permitte, não só o que por mim foi de perto visto, e observado, mas tambem o que pude indagar e saber pelas partes officiaes de toda a linha de defeza, deixando para circunspectos e sabios escriptores as minuciosidades do acontecido naquella época que ha de fazer parte da Historia de Portugal; por isso que o meu fim é sómente tratar e limitar-me ao Cerco; mas como todas as cousas, todos os acontecimentos sam effeito de uma causa, principiarei por mostral'-a para intelligencia daquelles que tiverem gosto e curiosidade de lêr esta obra.

*

Não cabe ao author a gloria de ser o primeiro em tal transmissão: mais patriotismo, por seu enlace e decidida philantropia pela gloria dos Portuenses, reunio um Estrangeiro, dando-se ao trabalho de escrever uma obra sobre o mesmo assumpto (A guerra civil de Portugal. — O sitio do Porto — A morte de D. Pedro: impressa em Londres em 1836, que offertou a seus amigos); por cujo serviço é digno da estima dos Portuenses, e muito mais daquelles que foram seus camaradas no soffrimento da fome, da peste, e da guerra dentro da gaiola na Cidade eterna; porém aquella sua obra, bem merecedora de elogios, não póde preencher os fins a que fôra dedicada, pelos immensos erros typographicos, que deslustram e invertem o verdadeiro sentido litteral da historia.

Origem do Cerco do Porto — Traição do ex-Infante D. Miguel para com seu Augusto Páe e Rei D. João 6.°, e para com seu Irmão e seu Rei o Senhor D. Pedro 4.°

FACTOS ha que arrastam após si consequencias tristes e funestas a uma Nação; por mais que seus Chefes trabalhem, e procurem o caminho e meios de obstar, e impedir seus resultados, estes sómente param, e finalisam quando á Divina Providencia lhe apraz: assim tem acontecido ao malfadado Portugal desde 1793, quando os Monarchas colligados mandaram seus Exercitos sobre a França fazer guerra á Liberdade: naquella liga entrou o Governo de Portugal com o seu contingente de tropas para reforçar o Exercito Hespanhol no Rousillon, e triunfando a Liberdade seguio-se a paz com Hespanha, conseguindo Portugual comprar por alguns milhões de cruzados sua neutralidade; mas sempre resistindo ás requisições (do Systema Continental) de Napoleão em expulsar de Portugal os Subditos da Gram-Bretanha; resistencia, que deu causa a Portugal ser invadido pelos Exercitos Francez, e Hespanhol em 1807, e de que resultou a precipitada transferencia da Côrte de Portugal para o Brazil.

Os Portuguezes ficaram Subditos da França e governados em nome de Napoleão até 18 de Junho de 1808, dia em que na Cidade do Porto foi procla-

mado o legitimo Governo de Portugal na pessoa do Senhor D. João VI, em nome de quem elles se armaram contra o intruso governo, empenhando-se n' uma guerra até á conclusão da paz geral em 1814 para restaurar a Coroa a seu legitimo Monarcha.

Portugal continuou a ser governado por uma Regencia ás ordens da Corte do Rio de Janeiro, que em todos os seus actos parecia ter abandonado a familia Portugueza, e aquelle abandono deu causa para reclamarem suas antigas instituições e representação Nacional em Cortes no dia 24 de Agosto de 1820, na Cidade do Porto.

S. M. El-Rei D. João VI tendo recebido, acceitado, e approvado no Rio de Janeiro a nova ordem politica, deixou alli seu Filho o Principe D. Pedro, e regressou com a Familia Real para Lisboa aonde chegou a 5 de Julho de 1821, passando espontaneamente a jurar a Constituição da Monarchia na presença do Congresso Nacional.

Aquelle benigno Monarcha, que sobre tudo desejava o bem-estar de seus fieis subditos, não mediou muito tempo sem ver interrompida a marcha feliz da Regeneração em que elles se achavam empenhados; por quanto tendo El-Rei nomeado e conferido no Commando de primeiro Chefe do Exercito a seu Filho D. Miguel, este, tendo (com vistas occultas) seduzido a força armada, marchou com a mesma de Lisboa para Villa Franca; passo este que El-Rei não approvou, mas antes estava resolvido a punir como patenteou na seguinte

PROCLAMAÇÃO.

» Meu Filho o Infante D. Miguel fugio de meus Reaes Paços, e unio-se ao Regimento n.° 23. Eu já o abandonei como Páe, e saberei punil'-o como Rei.

» Pouco a pouco algumas Tropas da Guarnição desta Cidade, mandadas por seus officiaes, se tem escapado, e me tem desobedecido. Aquelles que ainda ha pouco ratificaram o juramento de guardar, e fazer guardar a Constituição Politica da Monarchia Portugueza, que representantes seus e por elles escolhidos fizeram, acabam de perjurar.

» Fiel ao meu juramento, fiel á Religião de nossos Páes, Eu saberei manter aquella Constituição que livremente acceitei; e Eu ainda não faltei uma só vez á Minha palavra. Se quereis ser livres, e continuar a merecer o nome, que por tantos Seculos conservasteis, sêde fieis a vosso juramento. Ninguem tolhe, nem tolheu até hoje, a Minha Authoridade Real. Não deis ouvidos aos aleives, com que pertendem alhearvos de vossos deveres, e da vossa felicidade. Confiai nas Cortes, descançai sobre o Meu Governo. Obedecei á Lei: só assim fareis a Minha e a vossa felicidade. Palacio da Bemposta em 30 de Maio de 1823. = *El-REI com Guarda.* »

El-Reí não penetrou qual era a occulta mão que forcejava para sentar D. Miguel no Throno, nem que a sua retirada com a maior parte dos Portuguezes degenerados, fosse para realisar algum attentado contra Sua Regia Authoridade: deixou Lisboa no dia 2 de Junho, e apresentou-se em Villa Franca, onde aquelles mesmos degenerados o persuadiram de que a reacção era, e tinha por fim collocar El-Rei na sua absoluta Authoridade, acabando e suprimindo a representação Nacional. Então El-Rei convencido por aquelles, não duvidou approvar a resolução, e gradual'-a como serviço feito ao Throno e á Nação; e em consequencia os Representantes da Nação no dia 2 de Junho fecharam as Cortes protestando contra taes occurrencias.

O Infante D. Miguel, a instancias da occulta mão que o desejava ver sentado no Throno, e como Chefe, e Senhor da Força armada, no dia 30 d'Abril de 1824, pela segunda vez, tentou desthronisar seu Páe, ou talvez commetter o horrivel crime de parricida; porém El-Rei D. João tendo previsto, ou já desconfiado de suas sinistras tenções, foi salvo ao abrigo de uma Náu de Guerra Ingleza surta no Téjo, onde a seu bordo fez hir o Infante que d'alli foi conduzido para bordo de outro navio (a Fragata Perola) em o qual brevemente depois sahio da barra fóra, viajar em 13 de Maio de 1824, e ultimamente fazer a sua residencia em Vienna d'Austria debaixo das vistas do Imperador. — Os documentos que se seguem sam sufficiente prova e dignos d'attenção; delles se vê por uma parte os actos praticados pelo Infante contra seu Páe, e seu Soberano, e por outra a clemencia que o Páe e Rei teve com um Filho desobediente e ingrato, perdoando-lhe e occultando suas malevolas tenções, satisfazendo-se sómente em retiral'-o de sua presença para longe.

1.º Documento.

Proclamação.

» Portuguezes! O vosso Rei não vos abandona, pelo contrario só quer libertar-vos do terror, da anciedade que vos opprime, restabelecer a segurança publica, e remover o véo que vos encobre ainda a verdade; na certeza de que á sua voz toda esta Nação leal se unirá para sustentar o Throno, e cessará o choque das opiniões e das paixões exaltadas, que ul-

timamente produzio a mais funesta anarchia, e ameaça o Governo de uma total dissolução.

» Meu Filho o Infante D. Miguel, que ha pouco tempo ainda se cobrio de gloria pela acção heroica que emprehendeu, é o mesmo que impelido agora por sinistras inspirações, e enganado por conselhos traidores, se abalançou a commetter actos, que, ainda quando fossem justos e necessarios, só deviam emanar da Minha Soberana Authoridade, attentando assim contra o poder Real, que não soffre divisão.

» Ao amanhecer do dia 30 d'Abril appareceram todas as Tropas da Capital em armas, e viu-se Meu Filho sahindo de Meus Reaes Paços para se pôr á testa dellas, ordenar sem conhecimento Meu a prisão arbitraria de um immenso numero de individuos de todas as classes, revestidos dos primeiros empregos do Estado, entre os quaes se contavam os Meus proprios Ministros, e alguns dos Meus Camaristas. Viu-se o Paço em que Eu habito, cercado de gente armada, ou antes transformado em prisão; e o accesso a Minha Real Pessoa vedado por espaço de algumas horas. Viram-se finalmente procedimentos tão violentos, que quasi tocaram na ultima méta de uma declarada rebellião, ao ponto de se julgarem obrigados todos os Representantes dos Soberanos da Europa a protestarem formalmente contra a violação da Minha Regia Authoridade.

» Uma tão temeraria resolução ameaçadora das mais fataes consequencias, um tal abuso da confiança que Eu em Meu Filho havia depositado, só teve por explicação e por desculpa a supposição de uma conspiração, que, ainda quando tivesse fundamentos, não podia justificar tão inauditos procedimentos.

» Porém desejando Eu, ainda á custa dos maiores sacrificios, conservar a tranquillidade publica, e

a boa harmonia, entre todos os Membros da Minha Real Familia, Houve por bem, pelo Meu Real Decreto de 3 do corrente, Mandar que se nomeassem juizes para processar legalmente os accusados, e relevar a Meu Filho os excessos de jurisdicção commettidos, na esperança de que assim restituido o legitimo curso das Leis, cessariam as medidas revolucionarias, e se restabeleceria gradualmente a boa ordem. Não aconteceu com tudo o que no Meu Paternal animo anciosamente desejava, mas foram continuando as prisões, e as ordens emanadas em nome do Infante, e assignadas muitas dellas por pessoas obscuras que nenhuma parte tinham no Governo.

„ Decidido a pôr um termo a um tal escandalo publico, e ao menoscabo da Authoridade Real ultrajada, com manifesto damno de Meus leaes Vassallos; e não achando meio de fazer conhecer a Minha Real vontade, por me achar circundado dos facciosos que illudiram a Meu Filho, e que já no dia 30 d'Abril haviam attentado contra a Minha liberdade, resolvi-Me, para evitar um conflicto, cujo exito final não podia com tudo ser duvidoso, vista a fidelidade da Nação Portugueza, a passar á bordo da Náo de Linha Britannica, surta neste Portó, aonde me seguiram os Representantes dos Soberanos da Europa, para francamente fazer conhecer a Meus leaes Vassallos o opprobrio da minha situação, e chamal'-os, se necessario fosse em Minha defeza.

„ Tendo ouvido o Conselho de Meus Ministros, de pessoas doutas, e tementes a Deus, e zelosas do Meu Real Serviço: Hei resolvido reassumir a Auctoridade de Generalissimo de Meus Reaes Exercitos, e dar a demissão ao Infante D. Miguel do Cargo de Commandante em Chefe do Exercito, de que lhe havia feito mercê; prohibindo a todas Authoridades, e a todo qualquer de Meus Vassallos, de obedecer ás

ordens do mesmo Infante, ou dadas em seu nome, debaixo da pena de serem tratados como rebeldes contra a Auctoridade Real, que unicamente me pertence por mercê Divina.

„ Portuguezes! Taes sam as primeiras providencias que tomei, passando immediatamente a dar as ordens que forem convenientes para restituir á liberdade os innocentes que se acharem envolvidos nestas proscripções arbitrarias, assim como para punir aquelles que possam realmente ser culpados como implicados em manobras de associações secretas, contra os quaes quero se proceda segundo o rigor das Leis em vigor; assim a virtude, e a lealdade serão desagravadas, e o crime punido.

„ Soldados! Não vos culpo do que tendes obrado: Vós obedecesteis á voz do Chefe que vos tenho dado; e assim fizesteis o vosso dever. Este Chefe inexperiente foi arrastado involuntariamente, e por conselhos perfidos bem oppostos á sua indole natural e filial obediencia contra um Páe, e contra o seu Rei, ao desacato o mais criminoso: Eu lhe retiro a auctoridade de que perversos intrigantes, sem nenhum caracter publico, lhe fazem abusar, e vos mando que não reconheçaes senão a Minha Auctoridade Real, e em virtude da qual, restringindo-vos aos deveres militares, que vos sam impostos, não uzeis das Armas que confiei á vossa fidelidade, senão em Meu Serviço, obedecendo sempre aos Chefes, que fôr da Minha Real vontade confirmar, ou nomear.

„ Por esta Proclamação confirmo no exercicio da Auctoridade aquelles que della estam revestidos, em quanto não mandar o contrario; e ordeno a todos, e a cada um delles a mais estreita obediencia ao que em Meu Real nome lhes fôr ordenado pelas Authoridades que de ora em diante os devem commandar — Vassallos de todas as classes, observai a ordem e es-

perai do vosso Sóberano a restauração da tranquillidade publica, da justiça, e da segurança geral. = Bordo da Náo Ingleza Windsor Castle surta no Téjo em 9 dè Maio de 1824. = *El-REI com Guarda.* »

2.° Documento.

Carta Regia.

» Infante D. Miguel, Meu muito amado e presado Filho. Eu El-Rei vos envio muito saudar, como aquelle que mais préso e estimo.

» Sendo muito necessario para a conservação do socego da Capital e do Reino, que venhaes em pessoa receber as Minhas Soberanas ordens, Determino que no acto em que esta receberdes, sem a menor demora nem escusa, venhaes immediatamente a bordo da Náo em que me acho, na certeza de que nesta occasião vos renovo que Hei por bem relevar-vos os excessos de jurisdicção, que um zelo indiscreto vos induzio a commetter — O que me pareceu communicar-vos para que assim o executeis como sois obrigado. = A bordo da Náo Windsor Castle em 9 de Maio de 1824. = *El-REI.* »

3.° Documento.

Carta Regia.

» Infante D. Miguel, Meu muito amado e presadó Filho. Eu El-Rei vos envio muito saudar como

aquelle que muito amo e prézo. Em resposta á Carta que hoje me haveis dirigido só tenho a dizer-vos que não cabe no Meu Real animo a vosso respeito outro sentimento, que não seja o do paternal amor que vos tenho, e que me obriga a esquecer os vossos involuntarios erros para, unicamente, me recordar do importante serviço, que o anno passado prestasteis ao Throno, e á Nação. E conhecendo quanto vos pode ser proveitosa a verificação do desejo que manifestaes; Hei por bem conceder-vos a licença, que me pedis, para viajar por algum tempo na Europa, persuadindo-me de que nunca mais terei a louvar-me da vossa conducta. O que assim me pareceu participar-vos para que assim o tenhaes entendido. = Escripta a bordo da Náo Ingleza Windsor Castle surta no Téjo em 12 de Maio de 1824. = *REI.* = Para o Infante D. Miguel. »

4.° Documento.

Decreto de Indulto e Perdão Regio.

» Achando-se ultimado o Processo instituido por occasião dos inauditos e enormes attentados, perpetrados em o insfausto dia 30 d'Abril e seguintes do anno proximo passado; e tendo de pronunciar-se a decisão correspondente a tão extraordinarios acontecimentos, soffre o Meu Regio e Paternal Coração o mais doloroso combate entre os sentimentos, que inspira o horror de tão negros crimes, e a compaixão que excita a severidade da justiça, proporcionada aos excessos da maldade que abortou aquelle calamitoso dia. Não podendo porém separar em Mim os deveres de Rei e o affecto e sensibilidade de Páe de todos os

Meus Vassallos, e contemplando na mais profunda meditação as tristes e gravissimas circunstancias que intervieram naquelles extraordinarios successos, e attendendo igualmente ás regras da justiça distribuitiva nos seus procedimentos sem distinção de pessoas e a outros importantes e ponderosos motivos, que concorrem e induzem o Meu Real Animo a abraçar, neste conflicto, os Conselhos da Minha Suprema e innata Clemencia: Querendo deixar á Posteridade um Monumento indelevel dos Sentimentos Paternaes, que presidem a Minhas Augustas Deliberações, prevalecendo em Minha Alma o amor de Páe á inflexibilidade de Rei, sem com tudo perder de vista o que devo á segurança e tranquillidade de Meus Povos, Sou Servido Decretar o seguinte:

» Concedo geral Indulto e perdão a todos os que tiverem sido arguidos, e se acharem pronunciados em quaesquer processos que se tenham formado por causa dos sobreditos detestaveis delictos; e os Hei por livres e salvos das penas em que incorreram, e em que deviam ser condemnados na conformidade das Leis, soltando-se os que estiverem presos, e levantando-se a todos os sequestros, que pelos mesmos delictos se lhes haja feito.

» Da generalidade deste Indulto e Perdão exceptuo sómente os individuos que mais se complicaram, e manifestaram constituindo-se como chefes, e factores da federação para tão abominaveis crimes, os quaes deverão em direitura sahir para fóra de Meus Reinos, e não poderão voltar a elles sem expressa licença Minha, expedindo-se-lhes para esse effeito os Passaportes necessarios. Com esta limitação, de que não pode prescendir a Minha indefectivel justiça, gosarão estes mesmos Réos das outras graças concedidas aos mais. Os exceptuados vam inscriptos na Relação junta assignada por Fernando Luiz Pereira de Sousa

Barradas do Meu Conselho d'Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça a qual faz parte do presente Decreto.

» Hei por bem ampliar o mesmo Indulto e Perdão aos culpados no tenebroso crime commettido na noite de 28 para 29 de Fevereiro em Salvaterra (1) e aos que foram envolvidos nos factos praticados nesta Corte em a noite de 25 para 26 d'Outubro do anno proximo passado, pondo-se todos igualmente em liberdade.

» Finalmente, Querendo remover da vista dos Meus Vassallos os perniciosos monumentos do crime e da infamia, que tanto os deshonram, e que razões mais ponderosas Me movem a cobrir com impenetravel véo; Mando, que todos os Processos formados pelos referidos crimes, e os que com elles tiverem connexão, sejam immediatamente recolhidos á Secretaria dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça, e nella trancados, e sellados de modo que mais não possam apparecer, nem delles extrahirem-se Certidões. (2)

» Fica por tanto dissolvida a Commissão criminal creada por Decreto de 14 d'Agosto do anno proximo passado.

» E porque a Fidelidade dos Portuguezes foi sempre o seu caracter distinctivo, que só por illusões podia vacilar momentaneamente, seduzidos alguns pelo delirio de poucos perversos, que chegaram a facinal'-os e ainda então debaixo do falso pretexto de manter aquella mesma Fidelidade; não hesito um instante de que o grande exemplo, que neste dia lhes Dou para

---

(1) O assacinio do Marquez de Loulé Camarista de El-Rei dentro no Paço em Salvaterra.

(2) O Preambulo = O Indulto e Perdão = O Processo trancado = tudo indica ser a Rebellião, e Conspiração contra El-Rei, obra de pessoas de alto poder.

restituir a paz e a tranquillidade publica, será por todos cordialmente imitado, para tambem entre si se esquecerem reciprocamente do passado, e viverem d'aqui em diante em perfeita união e concordia, prevenindo-os para esse fim de que os maiores inimigos do Altar e do Throno sam os que, abusando de tão sagrados titulos, cobrindo-se com elles, procuram illudir os incautos, e introduzir partidos, odios, vinganças, e a perturbação geral, que a mesma Religião, e os Soberanos tanto detestam, e reprovam, como contraria a todos os principios de Moral, e a todas as Leis Divinas e Humanas. O sobredito Conselheiro d'Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça o tenha assim entendido, e faça executar. Palacio d'Ajuda em 24 de Junho de 1825. = *Com a Rubrica d'El-REI.* »

Desgostos de toda a especie rapidamente arruinaram a saude de El-Rei, e a morte veio arrebatal'-o do meio dos Portuguezes em o mez de Março de 1826, tendo em antes nomeado, reconhecido, e ratificado os Direitos de Herdeiro e Successor ao Throno de Portugal, em seu Filho Primogenito o Principe D. Pedro Imperador do Brasil, pela Carta Regia de 13 de Maio, e Edicto perpetuo de 5 de Novembro de 1825, encarregando a Regencia do Reino á Infanta D. Isabel Maria, durante a vontade de D. Pedro IV por Decreto de 10 de Março de 1826.

A triste noticia da morte de D. João VI foi levada ao Rio de Janeiro por uma Deputação, que a Regente mandou a cumprimentar El-Rei D. Pedro, e receber suas Reaes Ordens. Foi então que elle deu e outorgou aos Portuguezes a Carta Constitucional em 29 de Abril de 1826, que todas as Ordens do Estado juraram a sua observancia; abdicando ao mesmo tempo a Coroa, e Throno de Portugal em sua

muito presada Filha D. Maria II., sendo estes actos reconhecidos e approvados por toda a Real Familia, por toda a Nação Portugueza, e por todas as Nações Estrangeiras.

Em quanto D. Miguel rezidia em Vienna d' Austria, uma mão occulta manejava em Portugal a Guerra Civil contra a Carta, e contra a Soberania de D. Pedro IV; e o Conde d'Amarante, o promotor como General em Chefe de um pequeno Exercito, levantado na Provincia de Tras-os-Montes de Tropas desmoralisadas, e prejuros comprados com o ouro da Rainha D. Carlota em favor de seu Filho D. Miguel com vistas de o fazer sentar no Throno; porém essa facção foi comprimida pelos nobres esforços do Exercito Nacional auxiliado da energica e patriotica união dos povos, e obrigada a retirar-se do Solo Portuguez ao abrigo do Governo Hespanhol.

Custa a acreditar que D. Pedro ignorasse quaes foram os motivos que obrigaram seu defuncto Páe D. João VI a fazer retirar para longe de sua presença o Infante D. Miguel; porém taes ou quaes circunstancias o induziram a ceder ás supplicas do mesmo Infante, concedendo-lhe o regressar a Portugal com a Patente de seu Logar-Tenente, por Decreto dado no Rio de Janeiro em 3 de Julho de 1827, offerecendo-lhe a mão da Rainha, ligando-o á observancia da Carta Constitucional, e ao reconhecimento e obediencia da legitima Soberana. Tudo isto foi por elle acceito, e ligado com juramentos e promessas feitas, e repetidas em Vienna d'Austria, Paris, Londres, e ultimamente em Lisboa perante toda a Nação reunida em Cortes; e tudo foi por elle ultimamente despresado, e perjurado com a mais escandalosa immoralidade.

*

Usurpação do Throno á Senhora D. Maria 2.ª, e a tyrannia com que se governou e perseguiram os Subditos da mesma Augusta Senhora.

D. Miguel dissimulando suas sinistras tenções, principiou a reger os Portuguezes em nome da Joven Rainha, e segundo a Carta: mas isto foi sómente a ganhar tempo de melhor concertar seus planos esperando por boa occasião de tirar a mascara da impostura, para levar ao fim seus desejos; com effeito ella chegou; e usando do poder e faculdade do Artigo 74 da Carta, dissolveu as Camaras, sem com tudo convocar outras; e desta maneira ficou livre da Representação Nacional; e por conseguinte pondo em andamento o poder absoluto, fez reunir alguns de seus affeiçoados do Clero, da Nobreza, e Povo, (que não duvidaram perjurar) para o declararem Rei, e absoluto contra a vontade geral da Nação, e sem reconhecimento das Nações Estrangeiras que logo retiraram seus Representantes; vindo assim a usurpar o Throno que lhe foi confiado: D. Pedro, que ainda ignorava o que se passava em Portugal, mandou a Joven Rainha para Lisboa; porém ella antes de chegar á Barra do Téjo foi de tudo informada, e resolveu hir para Inglaterra esperar as ordens de Seu Augusto Páe, que a mandou regressar ao Rio de Janeiro.

Os adherentes de D. Miguel achando-se com a vara na mão, e para darem provas de affecto á sua causa, removeram e ultrajaram todas as Authoridades Militares e Civis que lhes pareciam suspeitas; e

as perseguições, que augmentavam cada dia, causavam a emigração para fóra do Reino de muitos honrados e fieis Cidadãos, entre os quaes se contaram Marquezes, Condes, e outras varias personagens. Mandaram para Governador do Porto um homem fanatico, violento, falto de politica, e pouca educação; suas partes ao Governo de Lisboa deram causa á má indisposição contra os habitantes, e motivo a uma ordem para prender o Coronel Commandante do Regimento 6.° de Infanteria; os officiaes e soldados immediatamente se juntaram em desordem no Campo da Regeneração (onde se achava o Quartel do Regimento n.° 18 que compunha a Brigada), gritando viva a *Constituição* e D. Pedro IV, morram os Miguelistas. Nenhuma duvida existe que a revolução de Maio de 1828 tinha estado, havia muito tempo, em cogitação; mas arrebentou antes do tempo determinado, causada pelo comportamento impolitico do Governador (o Careca) que tão ignorante, como cobarde, deu parabens a si mesmo de poder escapar fóra da Cidade, seguido de uma pouca de Cavallaria da Policia, que ficaram fieis a suas ordens.

Os Liberaes do Porto achando-se tão repentinamente livres de toda a restricção, consultaram sobre a organisação de um Governo supremo para dirigir seus negocios a favor da Constituição outorgada por seu legitimo Monarcha D. Pedro IV, á qual em breve as Provincias visinhas adheriram, e as forças de Braga, Guimarães, e Bragança, e uniram na Cidade do Porto, onde se organisou um pequeno Exercito = O seguinte Documento assás prova a justiça com que os Portuenses pertenderam em 1828 salvar a sua Patria das terriveis e funestas consequencias que resultam de um Governo tyranno; e de manter a legitima Authoridade tão atrozmente usurpada.

Manifesto da Junta Provisoria no Porto.

„ A Junta Provisoria encarregada de manter a legitima Authoridade de El-Rei o Senhor D. Pedro IV, faltaria a um de seus mais importantes deveres, se deixasse de manifestar á Nação Portugueza, ás Nações da Europa, e ao Mundo inteiro, os verdadeiros motivos, que a determinaram em tão sisudo empenho; se deixasse no silencio as graves razões que justificam o nobre e denodado esforço com que o brioso, e leal Exercito, unido em sentimentos a um Povo fiel, correu ás armas para coadjuval'-o na justa empreza de manter illesos os Direitos de um Soberano adorado, de salvar a Nação de um opprobrio que nunca maculára as paginas da sua Historia.

„ A Nação Portugueza, na qual o espirito de lealdade, e amor a seus Monarchas é um instincto, pôde enxugar as lagrimas, que lhe havia arrancado a morte de um Rei Clemente, com a elevação de um Rei Legislador, o Senhor D. Pedro IV ao Throno de seus Maiores. A sua Auctoridade foi reconhecida, e em seu nome exercitada desde aquelle doloroso instante; não só pelos subditos Portuguezes, mas pelas outras Potencias, que não tardaram em acreditar seus Ministros junto á Regencia, que o Senhor D. João VI tinha nomeado; ractificando nesse acto o reconhecimento que havia já feito dos Direitos do mesmo Senhor a Coroa de Portugal, pelas Cartas Regias de 13 de Maio e 5 de Novembro de 1825. A mais tranquilla, e geral obediencia marcou por toda a parte aquelle reconhecimento. Um movimento generoso, e concebido na alta sabedoria do Senhor D. Pedro IV produzio um acto de que sam raros os exemplos na Historia.

» O Senhor D. Pedro IV renunciou o poder pleno e absoluto que seu Augusto Páe lhe havia transmittido; e conhecendo que os nossos males provinham de uma administração, que nunca póde ser boá com uma defeituosa organisação politica, procurou cortal'-os pela raiz, dando á Nação Instituições capazes de remediar as necessidades publicas, e accommodadas aos progressos, que o espirito humano tem feito na estrada da civilisação.

» Este benefico presente, este Pacto de Alliança entre o Rei e os seus Subditos, pôz em combustão espiritos desinquietos, homens egoistas, que invocando objectos os mais sagrados, só tinham em vista conservar a presa, que haviam empolgado, para continuarem a beber o sangue da Nação. Desagradava-lhes uma Lei que põe freio ao crime, que reconhece a virtude, e o merecimento; e transpondo todos os deveres, ousaram logo duvidar dos Direitos de seu Author, e em breve disputar-lhos com as armas na mão; contradizendo assim, e do modo mais perjuro, o seu proprio facto, e manifestando ao Mundo, que a perfidia sómente, e o seu mal entendido interesse, era o soberano de seus corações.

» Se o bravo e fiel Exercito debellou, e expellio para Sólo estranho tão abjecta facção, se uma Nação Amiga, Fiel, e antiga Alliada, observando religiosamente os Tratados, nos enviou rapidos soccorros; poderosos inimigos fóra, e dentro do Reino, puderam conseguir o que a força, e a violencia não conseguira; puderam paralisar todo o andamento da Carta Constitucional; perseguir os amantes do seu Rei, das novas Instituições, e da felicidade da sua Patria; tentaram indispôr o Senhor D. Pedro IV contra aquelles mesmos Portuguezes que haviam sustentado os seus Direitos; ousaram denegrir o seu leal

procedimento, attribuindo-lhes projectos, que homem algum sensato póde formar na Europa.

„ Tudo elles soffriam resignados, porque a revolta nunca foi a sua divisa: sabem expor as vidas quando o dever os chama; porém nunca soprar o fogo da discordia.

„ O Senhor D. Pedro IV, em tanta distancia dos Portuguezes, acreditou, em taes circunstancias, que a nomeação do Senhor Infante D. Miguel para seu Logar-Tenente, e Regente do Reino, seria o meio mais efficaz para manter o socego, comprimir partidos, e restabelecer com mão segura e firme a concordia, e harmonia: do Senhor Infante D. Miguel que, tendo jurado a Carta Constitucional, havia dado a maior prova de obediencia ao seu Rei, que tendo contrahido Esponçaes com a Senhora D. Maria II, tinha dado a maior prova de reconhecimento dos Direitos de seu Augusto Irmão: do Senhor Infante D. Miguel, que publica e espontaneamente tinha desapprovado de um punhado de bandidos que, tomando o seu nome por divisa, e abusando da sinceridade do Povo, tinham levantado o estandarte da revolta.

„ Quem não esperaria, que o regresso daquelle Principe ao seio da sua Patria, ao seio da sua Familia Portugueza, hia sanar todas as feridas, que ainda gotejavam sange! Todos nutriam lisongeiras esperanças, mas em quão diverso sentido!

„ Aquelles, que só tem por timbre obedecer ao seu Rei, obedecer á Lei, e promover o bem da Nação, nutriam as esperanças, de que esse bem hia agora consolidar-se. Os inimigos porém, do Rei, da Lei, e de toda a ordem, respiravam o espirito de vingança, e só della nutriam as esperanças. Anciosa esperava toda a Nação, que a voz de um Principe, encarregado de tão altos destinos, no começo da

mais brilhante carreira, lhe assegurasse os principios de justiça, que fariam a base do seu Governo, os principios da fraternal união, que devia enlaçar todos os Portuguezes, fazendo-lhes esquecer antigas desavenças: anciosa esperava a Nação vêr reiterar, e pôr em effeito os desejos, que aquelle Principe tinha manifestado nas cartas que de Vienna d'Austria tinha dirigido a sua Irmãa a Senhora Infanta D. Isabel Maria, então Regente; porém um morno silencio deixou oscillantes as melhores esperanças, e os maus estabeleceram as suas.

» Um tremendo juramento prestado, á face da Representação Nacional e dos Ministros de todas as Nações da Europa, do modo o mais solemne e magestoso, estreitou de novo os vinculos de obediencia, que prendia o Senhor Infante D. Miguel, que em nome de El-Rei começava a governar.

» A velocidade do relampago não iguala á rapidez dos passos retrogrados que, desde o seu primeiro desenvolvimento, presagía o funesto acontecimento, que despertou a lealdade Portugueza.

» A Imprensa, ha muito agrilhoada, gemia ao firmar os mais sediciosos caracteres. Imprimiam-se escriptos, em que se procurava demonstrar que o Senhor D. Pedro IV tinha perdido o Direito á Coroa de Portugal, e que o Senhor Infante D. Miguel era o nosso Rei, e Absoluto: recommendava-se que fossem por toda a parte propagados; e os Amigos do Rei, e da Lei, eram nelles insultados, eram atacados com a mais grosseira imprudencia: o espirito publico agitado, fascinado, e as tochas da Rebellião accêsas de todos os modos. Era no sagrado recinto do Palacio que um bando de perdidos assalariados praticavam os maiores desacatos, insultando o Senhor D. Pedro IV, que até em seus delirios votavam

á morte; atacando as Authoridades mais respeitaveis e os Cidadãos mais probos.

» E taes factos eram tolerados, eram animados á face de um Ministerio, composto de pessoas, entre as quaes havia alguem que decididamente se tinha manifestado contra os Direitos do Senhor D. Pedro IV, em quanto aquelle Ministro, que gosava da opinião e confiança dos Soberanos, intimos Alliados do Mesmo Augusto Senhor, fôra despedido do serviço.

» O crime toma rapidamente o logar da virtude; os bravos Militares que, obedecendo ao Governo de El-Rei, tinham exposto a vida em defeza de seus inauferiveis Direitos, todos os Empregados que tinham sustentado o seu dever, sam em nome de El-Rei, perseguidos, e substituidos por homens conhecidamente rebeldes. A cobardia, e a traição occupam o logar do valor e da lealdade: o horisonte politico se escurece, e tudo offerece a mais horrorosa prespectiva; tudo annuncia a mais espantosa procella: assim um desalento universal paralisa todos os movimentos do corpo social.

» O abatido Commercio espirou, e o proprio Governo sentio resultados de tão doloroso estado na falta das rendas publicas, e no descredito Nacional.

» A Representação Nacional é dissolvida, sem terem sido verificadas as circunstancias, que reclama a Carta, e com o bem conhecido fim de affastar, para longe, quem podesse fiscalisar os actos do Governo. Deixa-se de convocar immediatamente uma nova Camara de Deputados, infringindo duplicadamente um dos mais interessantes artigos da Carta. Uma junta se forma com o apparente pretexto de dar novas instrucções; e o acto da sua creação é a subversão da Carta.

» Promovem-se por toda a parte, com a mais

torpe seducção, e com a maior violencia, actos de perjurio, actos de rebellião, pedindo ao Senhor Infante D. Miguel que houvesse de acclamar-se Rei Absoluto, e acclamando-o de facto em muitas partes.

» Taes procedimentos sam aceitos, e até louvados e a exaltação que esse louvor produz, augmentando o furor dos malvados, prepara a Portugal umas vesperas sicilianas.

» Que fazia a Nação Portugueza? Soffria com magestoso, e desapprovador silencio tantos males: gemia, mas não ousava levantar a voz, na persuasão de que obedecendo, obedecia ao seu Rei legitimo; porque em nome desse Rei, se maquinava a usurpação.

» Mas poderiam subditos fieis conter os sentimentos leaes, que lhes ferviam no peito, ao vêr coroados os esforços dos inimigos do Senhor D. Pedro IV? Ao vêr romper o Pacto Social? Ao vêr chamar com a mais decidida usurpação os Estados do Reino, que haviam tomado uma nova forma com a Carta Constitucional, e que só em conformidade com esta, podiam ter uma existencia? Não..... e os Monarchas todos do Mundo e as Nações todas, com fundamento riscariam Portugal da Lista das Nações, ao vêr que os Portuguezes soffriam, que em despeito do principio de legitimidade, que faz hoje a base do Direito publico da Europa, fosse usurpada a Coroa ao Senhor D. Pedro IV: ao vêr que os Portuguezes não sabiam defender as Instituições, que Magnanimo lhes dera aquelle Rei; ao vêr em fim, que os Portuguezes com tanta facilidade, quebram o juramento, que tão solemnemente haviam prestado.

» Os Ministros das diversas Potencias Estrangeiras tinham cessado as suas funcções junto do Go-

verno de Lisboa; facto demonstrativo dos sentimentos dos seus Soberanos, que haviam reconhecido o Senhor D. Pedro IV, a abdicação na Senhora D. Maria II e a Carta Constitucional; facto demonstrativo da effectiva mudança de Governo. E os Portuguezes haviam de ficar tranquillos devorando o seu proprio opprobrio e festejando os ferros......

„ Sempre foi para defender seus Reis jurados, não para tirar-lhes o Sceptro, que a Nação Portugueza correu ás armas. Não foi a Nação Portugueza a que destronisou o infeliz D. Sancho II, mas sim alguns Nobres descontentes, e alguns Ecclesiasticos orgulhosos, a quem favorecia o espirito de Dominação Temporal, que a Côrte de Roma, em tempos de barbaridade tinha manifestado.

„ Foi preciso um esforço: o brioso Exercito Portuguez, sempre firme na honra, e na obediencia aos Reis, secundou a Nação, que o sanccionou, elegendo a Junta Provisoria, que ha de manter as importantes funcções de que se encarregou em nome do Senhor D. Pedro IV, e dar as mais energicas providencias, até receber as suas Reaes Determinações, ás quaes, jura á face da Europa inteira, obedecer constantemente. . . . .

„ A convicção, que tem a Nação Portugueza da justiça da Causa, augmenta os seus proprios recursos, faz-lhe nutrir as mais bem fundadas esperanças, de que ha de merecer o agrado, e a cooperação dos Soberanos da Europa; de que ha de alcançar a protecção do Deus de Affonso Henriques, Protector dos Reis legitimos, cujo poder se tem manifestado na felicidade, e rapidez com que todos os bons Portuguezes se tem apinhado em roda da Junta Provisoria.

„ O desvairamento dos espiritos tem de acabar: os que em boa fé tem errado, ham de esclarecer-

se; e confundir-se-ham os que se interessam em propagar o erro para chegarem melhor aos seus fins. Um raio da verdade affugenta as mais densas e escuras nuvens, e allumia o mais espesso horisonte.

„ O Senhor D. Pedro IV é o Rei legitimo de Portugal. E, se o não fosse, reconhecel'-o-hiam os Soberanos da Europa?

„ O Senhor D. Pedro IV não é um Estrangeiro; a Senhora D. Maria da Gloria é Portugueza. Ella nasceu em tempo, que o Brasil pertencia á Familia Europêa; e se casos extraordinarios relaxaram os vinculos, que prendiam os Brasileiros, e hoje constituem uma Nação independente, nem por ser Imperador do Brasil, deixou o Senhor D. Pedro de ser Rei de Portugal, nem sua Augusta Filha, Princeza da Beira, perdeu a qualidade de Portugueza.

„ As Cortes de Lamego prohibem, sim, que o Reino de Portugal recaia em um estranho, mas não, que um Rei Portuguez adquira novos Reinos, e conserve os seus Estados: Consultem-se as Historias, e a dos Senhores Reis D. Affonso III — D. Affonso V — e D. Manoel, responderá.

„ Nunca esta disposição se alterou, e se os Estados de 1641 supplicaram Leis para este objecto, o Senhor Rei D. João IV nunca chegou a promulgal'-a, nem os seus Successores.

„ Se a Nação tem exercitado o Direito de dar-se um Rei, foi só na extincção das Dynastias; porém a Dynastia de Bragança, a Dynastia do Senhor D. Pedro IV vive, e reinará sobre os Portuguezes. Os Portuguezes, e o Mundo civilisado conhecem muito bem a nossa Historia, e o Direito publico para metterem em duvida estes principios. Não... Elles os não contestam: sam contestados por um bando de ambiciosos perversos, que desejam es-

tabelecer o seu egoismo sobre a desgraça da Nação.

» Os Direitos pois, do Senhor D. Pedro IV; a tentativa de quebrantal'-os; os males da Nação; a prespectiva de uma Guerra Civil, de uma dissolução geral; a impossibilidade, em que tanta distancia collocára o Senhor D. Pedro IV, de vendicar aquelles mesmos Direitos, determinaram a Junta a sustentar um movimento, que fará sempre a Gloria da Nação Portugueza, e de um Exercito que offerece ao Mundo o mais pasmoso exemplo de valor, lealdade, e virtude, defendendo o seu Rei e as Liberdades Nacionaes.

» Taes sam os principios da Junta Provisoria; e seus Membros perderão antes a vida, do que faltar a tão sagradas obrigações. — Porto 28 de Maio de 1828. »

Quando a primeira noticia da revolução do Porto chegou a Lisboa, o Governo ficou possuido de um terror panico imaginando vêr entrar na Capital o Exercito do Porto; porém não aconteceu assim, porque a falta de Commandantes para operações demorou a sua marcha, que em tal negocio devia ser rapida para obter um feliz resultado. Elles teriam entrado em Lisboa, e reunido á si toda a mais Tropa de Portugal: a demora deu tempo e aso aos Ministros de D. Miguel perderem seu terror panico, concentrar suas forças e opiniões, e mandal'-as sobre o Porto; e uma multidão de paisanos da borda d'agua, armados em guerrilhas, attrahidos pela promessa de saquiarem a Cidade faziam parte do Exercito.

As forças do Porto avançaram em marchas vagarosas sobre a estrada de Lisboa a dar tempo que chegassem varios Officiaes Generaes, emigrados na Inglaterra, por convite que o Governo Provisorio

lhes teria feito. Elles com effeito chegaram, mas era tarde; já a esse tempo o Exercito Liberal tinha tido perto de Coimbra um encontro com a vanguarda das forças Miguelinas, que alli foi batida, e decidida a victoria pelos Liberaes; estes, porém, conhecendo o superior numero de seus inimigos, que marchavam a seu encontro, e à desigualdade d'armas, sem terem Cavallaria para rebater aquella de seus inimigos, além d'um grande numero de guerrilhas; resolveram voltar sobre o Porto, e tinham principiado sua marcha quando se apresentaram aquelles Officiaes Generaes, os quaes não tomaram o Commando em razão de nada já poderem remediar, e voltando, se reembarcaram para a sua emigração.

Aquellas noticias pozeram os habitantes da Cidade em agitação, e o Governo entrou em deliberações de defender a Cidade, e por ultimo foi resolvido abandonar-a por não sacrificar seus habitantes ao assacinio e saque promettido por D. Miguel ao seu Exercito, e Guerrilhas que na mesma entrassem.

O Governo e muitos Cidadãos deixaram a Cidade em Julho de 1828, retiraram sobre a Provincia do Minho com tenção de alli fazer alto, e principiar novas operações, confiados nos recursos que o Norte da mesma offerecia; mas finalmente seus planos falharam, e nem elles já mais podiam encontrar auxilio, ou favor n'um povo supersticioso a quem os numerosos frades em suas praticas aconselhavam, induziam, e inspiravam a ter odio aos pedreiros livres do Porto (1) e isto como serviço feito á Religião; além disso as forças Liberaes diminuiam diariamente, pela deserção de muitas praças, que dei-

(1) Diziam os Frades.

xando as armas voltaram a seus lares: em tal situação resolveu o digno e fiel Commandante, o General Pizarro, passar á Galliza; e assim o seguiram todos que foram fieis a seus juramentos; e hjndo depositar seus armamentos e munições em poder do Governo de Hespanha do Departamento de Orense; marcharam por terra até Terrol, onde embarcaram para Inglaterra em Agosto de 1828. Assim se desfez um Governo, e um Exercito, (inda que pequeno), por ter aceleradamente antes do tempo conbinado, levantado o grito contra a usurpação, em favor da legitima Soberania, e da Liberdade dos Portuguezes.

Aqui temos a Cidade Regeneradora entregue com seus habitantes, ao furor e á rapina de milhares de paisanos armados, em guerrilhas fazendo uma grande parte do Exercito Miguelista, promptos e preparados para o saque que lhes foi promettido; mas, graças á Divina Providencia, que ainda não tinha desamparado aquella porção de habitantes, pois permittio que de entre os adherentes a D. Miguel fosse nomeado para Commandante daquella força o General Povoas homem habil, politico, e moderado, que por suas sabias e moderadas ordens, fez retirar e prohibir a entrada de um só guerrilha, na Cidade: para prova das boas tenções daquelle digno chefe copiarei aqui a falla que fez o Coronel D. João de Castello-Branco, que commandava o primeiro Regimento de Cavallaria da Guarda avançada.

» Soldados, nossas ordens sam de destruir o inimigo no Campo da Batalha; mas todos os mais, como Portuguezes, devem receber nossa protecção: A Lei só póde decidir quem sam os culpados: Este Regimento foi aquartelado aqui ha 17 annos passados quando sua disciplina e bom comportamento lhe ganharam os louros, e amizade dos habitantes. = Eu

exijo de vós, que nesta occasião não lhe deis motivo de mudar daquella opinião favoravel. — Sois prohibidos de commetter o mais pequeno ultrage, e sois mandados castigar immediatamente qualquer destes indignos paisanos que tentar, assim, de infamar o Exercito. »

O Exercito Miguelista entrou na Cidade: a disciplina militar e moderada ordem do digno Chefe foi observada, nenhum Cidadão foi inquietado — os servis ao partido Miguelista immediatamente apresentaram-se com listas accusando muitos, que eram affectos a D. Pedro e á Joven Rainha, porém elles não foram attendidos em uma tal accusação; porque o General como homem sabio, e politico, queria conquistar pará D. Miguel o coração dos Portuenses. Se o General Povoas fosse conservado no Commando, era de esperar que a sua politica e moderação fosse muito vantajosa á causa de D. Miguel nas Provincias do Norte de Portugal; mas elle brevemente foi chamado á Côrte, donde se retirou para tratar de sua saude em sua casa.

D. Miguel não accertou na escolha de seus Ministros e Conselheiros: o Bispo de Vizeu, e o Conde de Basto, dous velhos pirronicos mal intencionados, sem nenhuma politica para com as Nações Estrangeiras, e sem nenhuma moderação para attrahir o coração dos Portuguezes a favor da causa de seu Amo. No pensar daquellas duas furias do inferno, e seus collegas, só eram os Frades, e homens que não tinham que perder, amigos de D. Miguel; todos os mais eram taxados, e tidos por pedreiros livres, e malhados, e destes queriam desfazer-se. Para conseguir seus malvados fins criaram dous Tribunaes de horror, chamados = *Alçada* =, compostos de Ministros da sua confiança para, nas Cidades do

Porto e Lisboa, conhecer e sentenciar os accusados de todas as Provincias de Portugal.

Devassas foram instauradas em todas as Cidades, Villas, e Aldêas: homens depravados miseraveis da mais baixa classe, eram agentes de confidencia, e suas listas de proscriptos foram admittidas sem attenção á verdade, e á justiça: — para obter um emprego publico, o proprietario delle era accusado: — para se ver livre de um credor — para vingar um insulto, e satisfazer um odio particular; o meio era denunciar; d'aqui seguia-se a prisão sem mais conhecimento de causa.

As Cadêas em todo o Reino foram atulhadas de prêsos, homens de bem, não escapando muitas Senhoras, até meninos (1), onde soffrêram não só vexame dos verdugos Carcereiros; mas até a prohibição de suas familias lhes ministrarem o preciso alimento, pelo que muitos finaram dentro da prisão: quando o prêso estava ha tempos em uma Cadêa, ordem repentina lhe era intimada para hir maneatado com ferros, e levado a outras de legoas distantes conhecer novo senhorio, Carcereiro, em cujo transito soffria com paciencia toda a sorte de insultos pelos conductores, e plebe por onde passavam, e alguns houve que foram victimas de taes verdugos antes de chegarem ao seu destino. Na Cadêa de Estremoz, e em outras de menos segurança, foram os desgraçados prêsos victimas da populaça, que lhes tirou a vida a sangue frio, arrombando para isso as Cadêas, por cujo horroroso

(1) Na Bibliotheca Publica do Porto existe uma Lista de 8247 prêsos pertencentes á Alçada da Cidade do Porto, contendo seus nomes, onde prêsos, e o destino que tiveram: é um Documento muito curioso devido ao trabalho de seu Author o Bacharel Pedro da Fonseca Serrão Velloso — O seu titulo é = Collecção de Listas dos prêsos pela Alçada. =

crime não foram punidos, contando-se taes attentados como serviços feitos á causa de D. Miguel.

Ao preso, que pertendia entrar em seu livramento, não lhe era permittido contestar as testemunhas; as accusações e o exame dellas era em segredo — o Réo ignorava tudo até ser citado, ou intimado, para dizer de Facto e Direito em cinco dias que lhe eram concedidos para preparar sua defeza — de Attestados, ou Certidões, de sua boa conducta não se fazia caso em similhante Tribunal, (Inquisitorio): assim foram dadas Sentenças que tiraram a Vida, a Honra, e Bens de muitos Cidadãos, uns levados ao Cadafalso (Martyres da Patria), outros a Degredo em remotas Regiões — outros gemendo em ferros — outros finalmente, que não foram apanhados á Cadêa, emigraram para Reinos Estrangeiros deixando uns e outros, seus Bens, e suas familias ao desamparo, sugeitas aos satellites da usurpação.

Commissões Militares foram estabelecidas; varios officiaes do Exercito Miguelista adherentes á sua causa foram desligados, e deportados, e outros entregues aos verdugos da Alçada. Suas culpas consistiam meramente em serem politicos moderados, systema contrario á marcha feroz, e sanguinaria, seguida, e mandada executar pelo Governo: — por desconfiança, ou realidade de levantamento foi desarmado o Regimento n.° 4 em Lisboa, aonde varios individuos pertencentes ao mesmo foram passados pelas armas: — Os Prelados das Religiões, ou Republicas Fradescas, tambem formaram entre si Tribunaes para conhecer da conducta Civil de seus subditos, e alguns houve que foram condemnados á Carcere perpetuo em seus Conventos: — Nos Conventos de Freiras, dessas virgens roubadas ao Seculo na sua Infancia por mero capricho, ou interesse de suas familias, n'essa mesma prisão perpetua, houve algumas, que soffreram o rigor

do partido Miguelista — Das Escolas da primeira Infancia tinham desapparecido os primeiros rudimentos da Sãa Moral, que ensina aos meninos o conhecimento do seu Creador, e o respeito a seus similhantes; foram estes sãos principios Divinos abandonados, e substituidos pelos de odio, e raiva a tudo que fosse Constitucional: — Os Parochos e Frades que se diz serem Apostolos de Christo, oraculos da verdade, que devendo fazer como lhe incumbe o seu dever de ensinar o Evangelho, de manter os Cidadãos na Paz, e na união a Deus, e ao seu similhante, elles nos Pulpitos á face dos Sagrados Altares, pregavam o assacinio como um serviço feito á Religião, e annunciavam aos Povos um novo Evangelho de perseguição, de sangue, e de morte.

Nos Confissionarios, n'aquelle logar destinado a corregir os vicios, e de aconselhar o remedio para a salvação das Almas por meio da observancia dos Mandamentos de Deus, houve alguns Padres que esquecidos do respeito devido áquelle Santo logar, e da sua obrigação Sacerdotal; exhortavam os penitentes a odio e aborrecimento áquelle, ou áquellas pessoas que seguissem o Systema moderado, e persuadindo-os que o tal Systema era de Pedreiros livres contrario á Religião.

Outra e nova perseguição Militar foi levantada em todo o Reino, formando em cada uma das Cidades, Villas, e Comarcas, novos Regimentos debaixo do Titulo e nome de Voluntarios Realistas, em cujos Corpos se obrigou a assentar praça todo o homem, fosse casado, fosse solteiro, que por seu emprego, ou indigencia estava fóra do alistamento dos Corpos de Milicias.

Os quarenta e oito Regimentos de Milicias do Reino foram levados ao completo de suas forças, cas-

tigando e sequestrando os Bens e fazendas d'aquelles que ao primeiro aviso não se apresentavam.

Os Regimentos de Linha foram promptamente levados ao inteiro de suas praças, pelas diligencias e perseguição dos differentes Capitães Móres das Ordenanças.

As Brigadas do Exercito Miguelista foram compostas de Tropa de Linha, Milicias, e Voluntarios Realistas, que reunidos foram mandados para longe de seus domicillios e de suas familias pisar novo Terreno, e fazer a perseguição aos Povos que não conheciam: em quanto que outros vinham occupar seu Paiz, suas casas, e vexar suas familias: estes Corpos, assim revesados, em pouco tempo alcançaram uma regular disciplina Militar; assim como tambem foram promptos em desmoralisar-se: seus Commandantes escolhidos de entre os adherentes á Causa de D. Miguel os mais acerrimos, conhecidos por perseguidores e inimigos dos Constitucionaes, relevavam a seus Soldados o roubo, o assacinio, as cacetadas, e toda a sorte de insultos feitos ao Cidadão pacifico, a quem appellidaram Malhados.

Para fardar, e municiar um tal Exercito pouco custava ao Governo; os povos foram obrigados a aprompta as requisições pedidas, sem remedio nem repugnancia, e o que não tinha meios, era tido por malhado, e como tal perseguido pela força armada, preso, e castigado.

Um emprestimo forçado sobre as Cidades de Lisboa, e Porto conduzio alguns Cidadãos á desgraça, porque o Negocio, Artes, e Officios, tudo estava em total decadencia, que muitos não tinham, nem ganhavam para o necessario sustento, e seus bens e fazenda foi vendida por pouco para pagamento d'aquelle emprestimo. Um novo Tributo de 480 réis a cada

Os feitos gloriosos dos heroes nas Ilhas dos Açores, e o atrevido desembarque dos mesmos nas Praias de Portugal.

Aquellas Reliquias da liberdade dos Portuguezes, sustentaculo dos Direitos da Joven Rainha ao Seu Throno tão atrozmente usurpado; faltos de todos os recursos; sem alguma protecção; mettidos em um canto da Ilha; suas Praias Bloqueadas por Navios de Guerra mandados de Lisboa, bem como por outros mandados alli estacionar pelo Governo Inglez (1), que obstavam o desembarque dos fieis emigrados de Portugal, que tentaram reunir-se a seus camaradas. Lá no centro da Ilha apparece um Regulo Miguelista, um desses Morgados á testa de sete mil escravos (2) Milicianos, e Guerrilhas promptos a favor de seu Senhor em defeza da usurpação; assim aquelle punhado de bravos homens, se achavam em circunstancias desanimadoras, rodeados de poderosos inimigos por Mar, e por Terra, e inumeraveis eram

(1) O Governo Inglez tinha reconhecido a Senhora D. Maria II Rainha de Portugal e não tinha reconhecido o Governo do usurpador — Prohibe aos Emigrados de embarcar-se para a Ilha 3.ª — Impede alli o desembarque dos Portuguezes· Eis a grande Politica do Governo Britannico bem entendida pelos bons Portuguezes.

(2) Nas Ilhas sam os Morgados Senhores de longas Terras, e por isso muito respeitados e obedecidos dos seus visinhos em geral pobres e miseraveis.

as difficuldades, que tinham a vencer; mas nada foi capaz de os fazer succumbir; elles, dirigidos e mandados, pelo bravo Coronel Torres, cada um era um Sansão; procuraram seus inimigos, que se achavam em força no Pico do Celeiro, cahiram em cima delles, e a completa derrota fez entrar toda a Ilha Terceira na obediencia á Rainha no dia 28 de Outubro de 1828. Que fadigas, que vigilias tiveram para resistir a seus inimigos de dentro e de fóra! até que um raio de esperança arrebentou de repente no dia 8 de Março de 1829 pela chegada á Ilha do Coronel Antonio Pedro de Brito de Plymouth em dous navios com tropa da divisão que tinha emigrado pela Galiza, incluindo nelles o Batalhão de Voluntarios da Senhora D. Maria II, seguindo-se logo apoz destes o Conde de Villa-Flor, que desafiando os Cadafalsos Miguelistas, n'um fraco Barco habilmente Commandado, illudiu os Carcereiros da Ilha, e desembarcou felizmente no dia 22 de Junho. Sua chegada deu renovado vigor e calor aos negocios da Rainha, e desalento a seus inimigos.

Na Ilha uma Regencia em nome da Rainha foi instaurada, e então os negocios principiaram a tomar um sério, e regular andamento, não obstante a falta de todos os recursos; com pouca Tropa, sem uma Embarcação, e bloqueados por inimigos, todos os obstaculos e inconvenientes foram vencidos pela fadiga e acertadas medidas dos Regentes, ajudados pela cooperação d'aquelles bravos e fieis Soldados: obras de defensa foram levantadas para impedir a invasão de seus inimigos, que se preparavam em Lisboa com grandes forças; e sem duvida elles se apresentaram á frente da Ilha levando todos os meios para uma facil Victoria; vinte e uma Embarcações de Guerra consistindo em Náos, Fragatas, Briguess, além de seis Canhoneiras, e com mais de seis mil homens de Tro-

pa escolhida para desembarque; Auctoridades Civis e Militares, Desembargadores para sentencear no Cadafalso, e um Carrasco para executar; todos e cada um prevenidos com ordens e instrucções, e com boa vontade para executar, e pôr em pratica os desejos de seu Soberano. Eis a sorte que estava preparada para aquelles fieis defensores dos Direitos da Sua Rainha.

A Villa da Praia, distante cinco leguas da Bahia d'Angra e da Fortaleza que a defende, offerecia aos invasores o melhor desembarque: ella era defendida por 417 paisanos Voluntarios da Rainha, Commandados pelo distincto Major Manoel Joaquim de Menezes. Em 11 d'Agosto de 1829 o Chefe Maritimo atrevidamente manobrou, contando com a Victoria, e guarnecendo os botes com a primeira Brigada, composta de 1114 bayonetas, commandados por D. Gil, e por Azeredo; os fez saltar em terra protegidos pela poderosa Artilheria da Esquadra. Os Voluntarios receberam o ataque dos invasores com valor desesperado, elles como Leões avançaram a seus inimigos; sem attenção á desigualdade das suas forças, e a victoria foi a completa derrota dos defensores da usurpação, cahindo prisioneiros 389, e o resto com seus dous Commandantes mortos no campo e sobre as ondas do Mar. Os vencedores esquecêram-se nessa occasião de tudo, menos dos deveres d'humanidade — auxiliando seus inimigos derrotados e confundidos, salvando a muitos do meio das ondas do Mar. Outro segundo desembarque foi tentado com 2070 bayonetas em 18 Escaleres, a coberto de uma Escuna e seis Canhoneiras; porém a Artilheria postada nas obras de defeza cooperou muito: seus acertados tiros sobre os Botes e sobre a Esquadra, e a completa derrota dos desembarcados, decidio e atemorisou de tal sorte os escravos de D. Miguel, que obrigaram o Comman-

dante Maritimo a manobrar ao flanco e retirar-se da Ilha seguindo viagem a Lisboa para receber de seu Senhor o premio do serviço.

Uma conspiração, foi descoberta na Ilha Terceira, fomentada pelos officiaes feitos prisioneiros no momento do ataque; elles tinham sido tratados com humanidade e carinho; gosando de liberdade; tinham conseguido seduzir varios Inferiores e Soldados promettendo-lhes premios para, a certos signaes, principiarem suas opperações; tudo isso foi denunciado ao Coronel Torres, então Governador do Castello, e em consequencia foram presos, e apprehendidas — armas e munições de Guerra, que tinham preparado e junto para o premeditado fim; e a final com justo e merecido castigo pagaram sua ingratidão.

Pelo incansavel zelo dos Regentes foi a Ilha posta em uma completa defensa — A força Militar foi augmentada em proporção aos recursos, que aquelle pequeno Terreno offerecia; — Algumas pequenas Embarcações afretadas, outras compradas para servir em suas correspondencias — Pessoas de confiança foram mandadas para algumas Cortes Estrangeiras q, quando não fossem recebidos como Representantes do Governo da Senhora D. Maria II, fossem ao menos informadores de sua Politica; e em perto de dous annos, que se tinham passado (longo tempo em verdade, mas muito curto attendendo ao Governo recem-nascido, e ao sem numero de obstaculos que tinham a vencer), já se achavam com alguns recursos desponiveis, e tentaram reunir ao Governo e obediencia da Rainha todas as ricas Ilhas da Provincia dos Açores, e pôr em Liberdade os Cidadãos, que alli gemiam em Ferros.

Uma e primeira expedição foi sobre a Ilha de S. Jorge onde a Bandeira da Rainha foi Arvorada em 9 de Maio de 1831. Segunda foi a Acção da Galheta onde a Guarnição ficou parte defunta e parte pri-

sioneira e fazendo entrar a Ilha na obediencia á Rainha em 10 de Maio do mesmo anno. Terceira foi o desembarque na Ilha do Fayal e sua conquista fazendo prisioneira a Guarnição, e restabelecido alli o Governo da Rainha em 24 de Junho do mesmo anno. A quarta foi na Ilha de S. Miguel; esta sendo a maior e a mais rica d'aquella Provincia, como tal estava fortificada, e guarnecida por quatro Regimentos de Linha, e pelas Milicias do Paiz; com uma Fragata e um Brigue de guarda Costa. Nenhuma foi a objecção, nem nenhuma difficuldade se offereceu da parte dos Liberaes; elles em pequeno numero voaram a procurar seus inimigos entrincheirados como estavam em boas posições, e guardados pelo Mar por Fortalezas moventes.

Os Liberaes em fracas Embarcações sahiram da Ilha Terceira e no dia primeiro d'Agosto de 1831 em numero de mil e quatrocentos homens Commandados pelo General Conde de Villa-Flor desembarcaram na Ladeira da Velha sem opposição. A força Miguelista estava fortemente postada e entrincheirada sobre a Serra da Velha em numero para cima de seis mil, e bem guarnecida de Artilheria. Os Liberaes avançaram no dia dous sobre o inimigo, e em pouco tempo toda a força Miguelista foi derrotada, e dispersa pelos bosques; e com o auxilio dos habitantes foram perseguidos com perda de tres mil escravos de D. Miguel, ficando o resto prisioneiro; menos o Governador com seu Estado Maior que se escaparam com o Almirante Prego para Lisboa levar as boas novas a seu Senhor. Na Rica Ilha de S. Miguel fluctuou immediatamente a Bandeira da Rainha; e seus fieis habitantes se bem-diziam uns aos outros, por se verem n'aquelle dia livres de seus oppressores, e restabelecido o Governo Liberal de sua amavel Rainha.

Os Negocios da Rainha dirigidos pela Regencia

na Ilha Terceira cada dia tomaram mais energia, tanto em recursos Financeiros, como em relações: já os Carcereiros d'aquella vasta Provincia tinham desestido de tal empresa: os emigrados de todas as partes, já encontravam alli o paternal asilo. A Liberdade individual tinha alli o fundamento de seu alicerce; mas era necessario que D. Pedro tomasse ostensivamente a parte nos Negocios de Sua Magestade Fidelissima como seu Pae, Tutor, e Natural defensor.

A Regencia Representou a D. Pedro por meio de uma Deputação as circunstancias occorrentes pedindo-lhe a sua cooperação. Não se póde atinar qual a Politica que D. Pedro usou a respeito do usurpador do Throno de Portugal (D. Miguel) para o deixar impune pelo espaço de quatro annos, e ser preciso que os Portuguezes fieis amigos de D. Pedro passassem tantos encommodos, fizessem tantos sacrificios, soffrerem tantos trabalhos, para revendicar os Direitos, sustentar as instituições, e o Throno á Joven Rainha; porém D. Pedro a final depois de bem inteirado de todas as maquinações, e desenganado que só a sua presença na Europa podia fazer retrogradar o adiantamento a que tinha deixado elevar os negocios a D. Miguel contra o seu decóro, e contra os interesses de Sua Amada Filha, elle abandona um Imperio que Abdica em seu Filho, e tomando sómente o Titulo de Duque de Bragança embarcou-se com a Imperatriz, e com Sua Filha para a Europa em 13 d'Abril de 1831, a fim de pessoalmente vir castigar o ingrato usurpador, e assentar Sua Filha no Throno, que lhe tinha sido usurpado. Ao passar nos Açores escreveu ao Conde de Villa-Flor a seguinte Carta.

„ Meu caro Conde e Amigo. — Havendo Eu em consequencia de uma revolução de Tropa e Povo, a

qual teve logar no Imperio do Brasil, Abdicado em Meu Filho, hoje D. Pedro II, a Corôa que os Brasileiros Me haviam espontaneamente offerecido, e Eu defendi, em quanto a honra, e a Constituição do mesmo Imperio mo permittiam, resolvi passar á Europa: e assim o faço a bordo da Fragata Ingleza La Volage.

„ As forçosas circunstancias de uma navegação de 47 dias me trouxeram á vista do Porto da Ilha do Fayal, e aqui me chega a mui fausta noticia, que V. Exc.ª animado sempre dos puros sentimentos de fidelidade, e amor para com a sua Patria, e á Augusta Pessoa da Senhora D. Maria II, Minha muito Amada e Presada Filha, acaba de fazer triunfar de novo a Causa da Justiça, e da Razão, supplantando o partido usurpador nas Ilhas de S. Jorge, e Pico, arrancando-as pela virtude e coragem ás garras da traição e do despotismo.

„ Esta acção liberal, e nobre engrandecerá (se é possivel) a gloria de V. Exc.ª quando, a penna imparcial da Historia indicar aos Povos Livres o nome dos Heroes seus defensores.

„ A Rainha de Portugal, que partio do Rio de Janeiro na mesma occasião em que Eu, faz agora viagem para o Porto de Brest na Fragata La Saine, que os Delegados da Nação Franceza naquella Corte poseram á disposição da Mesma Augusta Senhora para seu transporte áquelle Porto.

„ Como natural Tutor de Minha Filha, como verdadeiro Constitucional, e antigo affeiçoado Amigo de V. Exc.ª; Eu aproveito esta feliz occasião para dar-lhe um testemunho do meu respeito por tanto valor e constancia: e de meu agradecimento por tão heroicos, e sustentados sentimentos de honra, e fidelidade á Soberana Causa da liberdade legal: e em Nome da Rainha Fidelissima o authoriso a que faça

constar a todos os bravos defensores de seus imprescriptiveis Direitos a Alta Consideração em que a Mesma Augusta Senhora terá estes relevantes serviços.

» Eu posso assegurar a V. Exc.ª, e a todos os Portuguezes honrados, que incansavel em promover na Europa os interesses de Sua Filha, o Páe como simples particular, se votará de todo o Coração, como o fez Soberano, em favor da Causa da legitimidade, e da Constituição. Se Me não couber o prazer de mostrar de outra sorte a V. Exc.ª Minha satisfação e estima, sirva esta Carta da mais authentica prova da gratidão, e amisade que a V. Exc.ª conservará em quanto viva. = *D. Pedro de Alcantara de Bragança e Bourbon.* = Bordo da Fragata Volage em 30 de Maio de 1831. »

D. Pedro chegou á Europa, e depois de ter visitado as Cortes de França e de Inglaterra, deixou Sua Imperial Familia, e dirigindo-se com os reforços que nesse curto tempo póde aprompter para a Ilha Terceira reunio-se aos fieis defensores dos Direitos de Sua Augusta Filha. Embarcou-se na Fragata Rainha de Portugal no Porto de Belleisle, onde patenteou a todo o mundo as suas tenções no Documento, que se segue.

Manifesto de D. Pedro, Duque de Bragança.

» Chamado a succeder a Meu Augusto Páe no Throno de Portugal, como seu Filho Primogenito, pelas Leis fundamentaes da Monarchia, mencionadas na Carta de Lei, e Edicto Perpetuo de 15 de Novembro de 1825; fui formalmente reconhecido como Rei de Portugal por todas as Potencias e pelo

Nação Portugueza, que Me enviou á Côrte do Rio de Janeiro uma Deputação composta dos tres differentes Estados; e desejando Eu ainda á custa dos maiores sacrificios assegurar a fortuna de Meus leaes Subditos de ambos os hemispherios; e não querendo que as relações d'amizade reciprocas, tão felizmente estabelecidas entre os dous Paizes pela independencia de ambos, pudessem ser compromettidas pela reunião fortuita de duas Coroas sobre uma mesma cabeça; decidio-Me a abdicar a Coroa de Portugal em favor da Minha muito Amada, e Presada Filha, D. Maria da Gloria, que igualmente foi reconhecida por todas as Potencias, e pela Nação Portugueza.

» Ao tempo de concluir esta abdicação, os Meus deveres, e os Meus sentimentos a prol do Paiz que Me deu o nascimento, e da nobre Nação Portugueza, que Me havia jurado fidelidade, induziram-Me a seguir o exemplo de Meu Illustre Avô o Senhor D. João IV, aproveitando o curto espaço de Meu Reinado, para restituir, como elle fizera, á Nação Portugueza a posse de seus antigos foros, e privilegios; cumprindo dessa maneira tambem as promessas de Meu Augusto Páe, de gloriosa memoria, annunciadas na sua Proclamação de 31 de Maio de 1823, e na Carta de Lei de 4 de Junho de 1824.

» Com este fim promulguei a Carta Constitucional de 29 de Abril de 1826, na qual se acha virtualmente rivalidada a antiga fórma do Governo Portuguez, e Constituição do Estado: e para que esta Carta fosse realmente uma confirmação, e um seguimento da Lei fundamental da Monarchia, garanti em primeiro logar a protecção mais solemne, e o mais profundo respeito á Sacrosanta Religião de nossos Páes: confirmei a Lei da Succcssão com todas as clausulas das Côrtes de Lamego; fixei as épocas para a convocação das Côrtes, como outr'ora já

se havia praticado nos Reinados do Senhor D. Affonso V, e D. João III, reconheci os dous principios fundamentaes do Governo Portuguez, isto é, que as Leis só em Côrtes se fariam, e que as imposições, e administração da fazenda publica só nellas seriam discutidas e jámais fóra dellas, e finalmente determinei que se juntasse em uma só Camara os dous Braços do Clero, e da Nobreza, compostos dos grandes do Reino, ecclesiasticos, e seculares, por ter mostrado a experiencia os inconvenientes que resultavam da separada deliberação destes dous Braços.

» Accrescentei algumas outras providencias, tendentes todas a firmar a independencia da Nação, a dignidade, e auctoridade Real, e a liberdade e prosperidade dos Povos. E desejoso de não aventurar estes dons aos riscos e inconvenientes de uma Menoridade, julguei que o meio de os assegurar seria o de unir Minha Augusta Filha a um Principe Portuguez, a quem naturalmente, pela conformidade da Religião, e nascimento, mais a que nenhum outro devia interessar a completa realisação de tantos beneficios com que Eu pertendi felicitar a Nação Portugueza; persuadindo-Me tambem que os bons exemplos do Meu virtuoso parente, o Monarcha, em cuja Côrte rezidira; o tivesse tornado digno de avaliar a grande confiança que nelle punha um Irmão, que delle fazia depender os destinos de Sua Muito Amada Filha.

» Tal é a origem da escolha que fiz do Infante D. Miguel: escolha funesta, que comigo tem deplorado tantas victimas innocentes, e que marcará uma das mais desastrosas epochas da Historia Portugueza.

» O Infante D. Miguel, depois de haver-Me, prestado juramento como a seu natural Soberano, e á Carta Constitucional na qualidade de Subdito Portuguez; depois de haver de Mim solicitado o cargo de Regente do Reino de Portugal, e Algarve, e seus

Dominios, que Eu effectivamente lhe conferi com o titulo de Meu Logar Tenente, por Decreto de 3 de Junho de 1827; depois de ter entrado no exercicio de tão eminentes funcções; prestado livre e voluntario juramento de manter a Carta Constitucional, tal qual tinha sido por Mim dada á Nação Portugueza, e de entregar a Corôa á Senhora D. Maria II, logo que tocasse a epôcha da sua Menoridade, arrojando-se a commetter um attentado sem exemplo pelas circumstancias que o acompanharam.

» Debaixo do pretexto de decidir uma questão, que nem de facto, nem de direito, estava litigiosa, violando a Carta Constitucional, que acabava de jurar, convocou os tres Estados do Reino da maneira mais illegal, e illusoria, abusando assim da auctoridade que Eu havia confiado; e atropellando o respeito devido a todos os Soberanos da Europa, que haviam reconhecido como Rainha de Portugal a Senhora D. Maria II, fez decidir pelos suppostos mandatarios, que se achavam reunidos debaixo do seu poder e influencia, que era a elle, e não a Mim, que devia passar a Coroa de Portugal quando falleceu o Senhor D. João VI. E desta maneira usurpou o Infante D. Miguel para si o Throno cujo deposito Eu lhe havia confiado.

» As Potencias Estrangeiras estigmatisaram este acto de rebellião, fazendo immediatamente retirar os seus Representantes da Corte de Lisboa, e os Meus Ministros Plenipotenciarios, como Imperador do Brasil, nas Cortes de Vienna e Londres, fizeram os dous solemnes protestos de 24 de Maio, e 8 de Agosto de 1828 contra toda e qualquer violação de Meus Direitos hereditarios, e dos de Minha Filha — contra a abolição das instituições espontaneamente outorgadas por Mim, e legalmente estabelecidas em Portugal — contra a illegitima, e insidiosa convocação

dos antigos Estados daquelle Reino, que haviam deixado de existir, já por effeito de uma diuturnissima prescripção, já em virtude das mencionadas instituições, — contra a precipitada decisão dos chamados Tres Estados do Reino, e os argumentos em que a apoiaram, — nomeadamente contra a falsa interpretação de uma Lei feita nas Côrtes de Lamego, e outra feita em 12 de Setembro de 1642 por El-Rei D. João IV a pedido dos Tres Estados, e em confirmação da mencionada Lei das Côrtes de Lamego.

„ Todos estes protestos foram sellados com o sangue que quasi quotidianamente tem vertido, desde então, tantos milhares de victimas da mais acrisolada fidelidade: e na verdade esta criminosa usurpação, collocando o Principe que a perpetrou no caminho da illegalidade e da violencia, tem feito pezar sobre os desgraçados Portuguezes, um cumulo de males superior a quantos jámais foram supportados.

„ Para sustentar um Governo que blasonava emanar da vontade Nacional, foi preciso levantar-se cadafalsos onde foram immolados um grande numero daquelles, que tentaram resistir ao jugo atroz da usurpação; encheram-se de victimas todas as prisões do Reino, castigando-se por esta forma não o crime, mas a lealdade, e o respeito á fé jurada: innumeraveis innocentes victimas foram enviadas para os horrorosos desertos d'Africa, outros tem acabado sua existencia em horriveis carceres á força d'angustias, e de tormentos, e finalmente os paizes estrangeiros encheram-se de Portuguezes fugitivos da sua Patria, constrangidos a supportarem longe della as amarguras de um não merecido desterro!!

„ Por essa forma se desencadearam sobre o Paiz em que Eu nasci todos os horrores que póde excitar a perversidade humana! Opprimidos os povos pelos ultrages que commettem as auctoridades que os go-

*

vernam; manchadas as paginas da historia Portugueza pelas affrontosas satisfações com que o frenetico governo da usurpação se tem visto obrigado a expiar alguns actos da sua irreflectida atrocidade contra Subditos Estrangeiros, em menoscabo de seus Governos; interrompidas as relações diplomaticas, e commerciaes com a Europa inteira, em fim a tyrannia manchando o Throno; a miseria e a oppressão suffocando os mais nobres sentimentos do Povo! eis o quadro lastimoso que apresenta Portugal ha perto de quatro annos. O Meu Coração afflicto pela existencia de tão horriveis males, consola-se porém reconhecendo a Protecção visivel que Deus, Dispensador dos Thronos, concede á nobre e justa causa que defendemos.

» Ao contemplar, que apesar dos maiores obstaculos de todo o genero, a lealdade pode salvar na Ilha Terceira (asylo e baluarte da Liberdade Portugueza, já illustrado em outras epochas da nossa historia) os escassos meios com que seus nobres defensores não só tem conseguido desde alli juntar novamente ao Dominio da Minha Augusta Filha as outras Ilhas dos Açores, mas tambem reunir as forças com que hoje contamos, não posso deixar de reconhecer a Protecção especial da Divina Providencia.

» Confiado no seu amparo, e havendo-Me representado a Regencia actual em nome da Rainha Fidelissima, por via de uma Deputação que enviou á Presença da mesma Soberana e á Minha, os vivos desejos que tinham os Povos das Ilhas dos Açores, e mais subditos fieis daquella Senhora, residentes nas sobreditas Ilhas, de que, tomando Eu ostensivamente a parte que Me cabe nos Negocios de Sua Magestade Fidelissima como Páe, Tutor, e natural Defensor, e como Chefe da Casa de Bragança, désse em tão grande crise as providencias promptas e effi-

cazes, que as circunstancias imperiosamente reclamam; movido finalmente dos deveres que Me impõe a Lei fundamental de Portugal, resolvo-Me a abandonar o repouso a que as Minhas actuaes circunstancias Me levariam; e deixando no Continente os objectos que mais caros sam ao Meu Coração, vou-Me reunir aos Portuguezes, que á custa dos maiores sacrificios se tem sustentado por seu heroico valor contra todos os esforços da usurpação.

» Depois de agradecer nas Ilhas dos Açores aos individuos que compozeram a Regencia (que Nomiei por estar ausente) o patriotismo com que desempenharam em circunstancias tão difficultosas o seu encargo, reassumirei (pelos motivos que ficam ponderados) a auctoridade, que na mesma Regencia se achava depositada, a qual conservarei até que, estabelecido em Portugal o Governo legitimo de Minha Augusta Filha, deliberem as Côrtes Geraes da Nação Portugueza, (a cuja convocação immediatamente mandarei proceder) se convém que Eu continue no exercicio dos Direitos, que se acham designados no Artigo 92 da Carta Constitucional: e resolvida que seja esta questão affirmativamente, prestarei o juramento exigido pela mesma Carta para o exercicio da Regencia permanente.

» Será então que os Portuguezes opprimidos, verão chegar o termo dos males, que ha tanto tempo os flagellam: não deverão temer as reações, e as vinganças por parte de seus irmãos, que os vam resgatar: ao momento de os abraçarem, os que estiveram tanto tempo longe do Solo Patrio deplorarão com elles os infortunios porque tem passado, e prometterão sepultal'-os em eterno esquecimento. Quanto aos desgraçados cuja consciencia culpavel teme a ruina da usurpação, de que foram os fautores, devem estar certos que, se a acção das Leis os pode castigar

com a perda dos direitos politicos, de que fizeram um tão vergonhoso abuso para desgraça de sua Patria, nenhum delles ficará privado nem da sua vida, nem dos direitos civis, nem de suas propriedades, (salvo o direito de terceiro) como o foram desgraçadamente tantos homens honrados cujo crime era defender a Lei do Paiz.

„ Publicar-se-ha um Decreto de Amnistia, em que sejam marcados os limites deste indulto; declarando desde já que não será acolhida declaração alguma sobre acontecimentos ou opiniões passadas, evitando-se por meio de medidas opportunas que ninguem possa pára o futuro ser inquietado por taes motivos.

„ Sobre estas bases occupar-Me-hei com o mais constante disvelo de outras muitas medidas não menos convenientes á honra e ao bem estar da Nação Portugueza, sendo uma das primeiras o restabelecimento das relações politicas e commerciaes que existiam entre Portugal e os de mais Estados, respeitando religiosamente seus Direitos e evitando escrupulosamente todo e qualquer compromettimento em questões de politica estrangeira e que possam inquietar para o futuro as nações alliadas e visinhas.

„ Portugal ganhará todas as vantagens que resultam da paz interna, e da consideração dos Estrangeiros: o credito se restabelecerá pelo reconhecimento de todas as dividas do Estado, quer nacionaes quer estrangeiras legalmente contrahidas, e com isso se acharão meios para o seu pagamento, o que sem duvida influirá sobre a prosperidade publica.

„ Asseguro áquella parte do Exercito Portuguez que, illudida, hoje sustenta a usurpação, que será por mim acolhida, se renunciando a defeza da tyrannia, se unir espontaneamente ao Exercito Libertador — Exercito que prestará sua força á sustentação das Leis, e será o mais firme apoio do Throno Constitu-

cional e do bem estar de seus Concidadãos: igualmente asseguro aos Militares da segunda linha que não tomarem parte na defeza da usurpação, que não serão encommodados, e immediatamente serão dispensados do serviço, a fim de poderem voltar ao seio de suas familias, e aos seus trabalhos domesticos, de que ha tanto tempo se acham separados.

„ Não duvidando, que estas minhas francas expressões penetrarão os Corações dos Portuguezes honrados, e amantes da Patria, e que elles não hesitarão em vir unir-se a Mim, e aos leaes e denodados compatriotas que Me acompanham na heroica empreza da restauração do Throno Constitucional da Rainha Fidelissima, Minha Augusta Filha; Declaro que não vou levar a Portugal os horrores da Guerra Civil, mas sim a paz e a reconciliação, arvorando sobre os muros de Lisboa o Estandarte Real da mesma Soberana, como o pedem as Leis da eterna justiça e os votos unanimes de todas as Nações cultas do Universo. Bordo da Fragata Rainha de Portugal aos 12 de Fevereiro de 1832. = *D. PEDRO, Duque de Bragança.* „

É chegado D. Pedro á Ilha Terceira e com elle um pequeno numero de Estrangeiros engajados ao serviço da Rainha, com parte dos Portuguezes emigrados que ainda existiam pela França. Não é possivel pintar o grau de prazer, enthusiasmo, e valor que infundio no coração de todos a presença do Páe e protector da Joven Rainha, e dos fieis defensores de seus Direitos e da liberdade legal, e se elles até alli tinham feito prodigios de valor defendendo e arrancando da mão e dominio do usurpador toda a rica Provincia dos Açores; agora commandados pelo grande Pedro, e confiados na Divina Providencia não duvidaram de que, pondo o pé em terreno de

sensores da usurpação sacrificavam suas vidas para sustentar a tyrannia sobre a escravidão (elles mesmos bem o sabiam) mas não tinham remedio; porque o Governo Miguelino habilmente prevenio, mandando as Milicias e Voluntarios das Provincias do Sul para servir nas columnas do Norte, e as deste para servir nas do Sul, tolhendo desta maneira que esses militares voltassem para suas casas na primeira occasião opportuna, e mesmo porque eram prêsos e rigorosamente castigados; e eis o motivo da firmeza do numeroso Exercito de D. Miguel e unidos como estavam cada Brigada composta de um Regimento de Linha na direita, Milicias na esquerda, e Voluntarios no centro vigiando uns aos outros.

O Brigadeiro José Cardoso commandava uma Brigada Miguelina postada nas immediações de Mindêlo: D. Pedro enviou a terra o seu Ajudante de Ordens (Sá Nogueira) levar áquelle Commandante um exemplar do seu Manifesto de 2 de Fevereiro, e outro da Proclamação que acabava de dirigir á Nação Portugueza, a fim de que tomando conhecimento dos principios alli estabelecidos, se decidisse a poupar o sangue Portuguez, ou a tomar sobre si a responsabilidade daquelle que viesse a correr por effeito da sua obstinação.

Proclamação de D. Pedro aos Portuguezes.

„ Portuguezes! — É chegado o tempo de sacudir o jugo tyrannico, que vos opprime. A' frente do Exercito Libertador, que Tenho a gloria de Commandar em Chefe, Eu vos offereço a Paz, a Reconcilliação, e a liberdade. Vinde, Portuguezes, unir-vos ás Bandeiras da vossa legitima Rainha a

Senhora D. Maria II. Animai-vos: Contai com a Minha Protecção. Não hesiteis um só instante. Salvai a vossa honra em quanto é tempo. Estai certos que cumprirei fielmente as promessas, que vos fiz no Meu Manifesto.

» Livrar a humanidade opprimida. Restabelecer a Ordem. Restaurar o Throno legitimo da Minha Augusta Filha, e com ella a Carta Constitucional, que vos Dei, e vós livremente jurasteis, eis os motivos, que Me moveram (confiado na vossa cooperação) a pôr-Me á testa de tão nobre e justa Causa.

» Sam estas Minhas unicas vistas: Meu unico interesse é a gloria, é o vosso bem. Nem outro podia ser o do Chefe da Serenissima Casa de Bragança, Descendente Primogenito dos vossos Reis, e que espontaneamente abdicou (para sempre) Duas Corôas.

» Portuguezes! Entrai nos vossos deveres. Proclamai de novamente os inalienaveis Direitos da vossa Soberana e da Carta Constitucional. Aproveitai-vos do soccorro que venho prestar-vos. Ajudai-Me a salvar a Patria que Me vio nascer. Mostrai ao Mundo, que não sois traidores; que não sois perjuros; que estaveis constrangidos, e que sois dignos de gozar daquella Liberdade, que vos é garantida na mesma Carta. Não vos deixeis illudir por aquelles, que vos pintam o Governo Constitucional como inimigo da nossa Santa Religião: esses sam decididamente hypocritas, que se valem da mesma Religião para abusarem da vossa boa fé. A protecção e o respeito á Religião de nossos Páes continuará a ser um dos Meus principaes cuidados e do Governo.

» Não temaes vinganças particulares: os soldados, que Me seguem, obedecem a Minha voz. Ninguem será privado, nem da sua vida, nem dos seus direitos civis, nem das suas propriedades: de nenhu-

ma destas garantias gozaes actualmente debaixo do Governo usurpador.

» Ministros do Altar; Militares de todas as graduações, Portuguezes em geral, abandonai immediatamente o usurpador. Não queiraes por vossa obstinação introduzir a Guerra civil (que Eu desejo evitar) no malfadado Portugal, já cançado de tanto soffrer, exhausto de todos os meios e reduzido ao ultimo apuro de miseria, e de aviltamento. Lembrai-vos, que vossos maiores se engrandeceram e tiveram nome na Historia, porque souberam apreciar a Liberdade. Não me obrigueis a empregar a força para vos libertar. Não percaes uma tão boa occasião de mostrar ao mundo, que ainda sois dignos de formar uma Nação livre. Concorrei pela vossa parte para derribar a tyrannia; acabar com os horrores do mais feroz despotismo; estabelecer a Paz, a Reconciliação e a Liberdade. = *D. PEDRO, Duque de Bragança.*

Desembarque na Praia de Mindêlo, em 8 de Julho de 1832.

Voltou o Ajudante de Campo com uma resposta negativa, e D. Pedro havendo cumprido com o que seu coração lhe dictava, ordenou que o Exercito desembarcasse no ponto que já se achava fixado; (Praia de Mindêlo) este ponto offerecia a dobrada vantagem de não oppôr uma resistencia immediata, e de dividir as forças inimigas, cortando pelo centro as suas posições; em consequencia daquella ordem, pelas duas horas e meia da tarde de 8 de Julho de 1832, as embarcações de guerra tomaram posição na Praia a menos de tiro de metralha da terra; e ás tres horas começou o desembarque sem opposição algu-

ma, apparecendo apenas em reconhecimento poucas patrulhas de Cavallaria, que foram desalojadas por alguns tiros do Brigue = Liberal.

A guarnição do Brigue de Guerra = Conde de Villa Flor = foi a primeira que, saltando em terra, cravou a Bandeira da Senhora D. Maria II no ponto de desembarque, e logo depois della o General Conde de Villa Flor com todo o seu Estado Maior, uma parte do Batalhão de Marinha com os seus Chefes respectivos, foram os primeiros que conseguiram saltar na Praia. O General, á medida que as tropas desembarcavam, começou a guarnecer os pontos convenientes para a segurança do desembarque. Os Batalhões de Caçadores n.^{os} 2 e 3, debaixo do commando do Tenente Coronel Shwalback, foram occupar a crista da Montanha, cujas vertentes vam á margem direita do Leça; aonde se achavam reunidas as forças Miguelinas do Porto. O Batalhão de Marinha foi estabelecer-se em Perafita, e o de Caçadores n.° 5 em Pedras Ruivas; ficando desde logo os Liberaes por estas disposições, senhores de observar os movimentos do inimigo, e occupando ao mesmo tempo todas as estradas, para impedir a reunião das forças do Brigadeiro Cardoso com as do Santa Martha.

O desembarque foi feito com tal presteza, e a disposição das tropas foi tão rapida, que ás seis horas da tarde aquellas posições estavam occupadas, e ás nove da noite o Exercito Libertador achava-se desembarcado sem a mais leve resistencia, e preenchidos completamente os desejos do Senhor D. Pedro.

Nesta mesma tarde desembarcou o Senhor D. Pedro entre acclamações e enthusiasmo inexplicavel da tropa, e habitantes que de todas as Aldêas proximas vieram vèr e saudar (como elles mesmos diziam) o seu Libertador; o Vice-Almirante que acom-

panhou ao Senhor D. Pedro no Escaler, levando a bandeira que as Senhoras do Fayal haviam bordado, e offerecido ao mesmo Augusto Senhor, este encontrando o Batalhão de Voluntarios da Rainha em columna na Praia, tomou em suas mãos a bandeira, e com expressões dignas da occasião e do Corpo a quem as dirigia, a entregou áquelle Batalhão.

A presença de D. Pedro, o já conhecido valor dos bravos que commandava, o atrevido desembarque em uma praia, mesmo na presença de seus numerosos inimigos; foi um golpe mortal para o Exercito do usurpador, e seus adherentes: elles perderam immediatamente toda a sua força moral, e fysica, a ponto que seus Commandantes julgaram, e com razão, retiral'-os para longe daquelles lugares; evitando assim de ser por elles mesmos engrossadas as fileiras dos novos hospedes. O Brigadeiro Cardoso não se atreveu a impedir o desembarque, nem a disputar a posse do terreno que occupava: elle se pôz em retirada vagando toda a noite desse mesmo dia 8 pela estrada que segue d'alli a Penafiel, por não poder já effectuar a sua juncção com os do Porto. O Visconde de Santa Martha que tinha postado as forças do seu commando até Leça, (uma legua distante do Porto) naquella mesma noite evacuou a Cidade com todas as suas grandes forças, passando o Rio Douro para o Sul, inutilisando a rica ponte, a fim de impedir a deserção dos seus, e a passagem rapida dos Liberaes. Todas as Auctoridades e Empregados foram mandados sahir: as familias Miguelinas seguiram os seus, protestando voltar brevemente em triunfo, e então ficou a Cidade alliviada dos verdugos da humanidade.

Entrada do Exercito Libertador no Porto.

Aos raios da aurora do dia 9 de Julho de 1832, acharam-se os fieis habitantes da heroica Cidade Regeneradora na sua liberdade individual, sem a presença daquelles de quem por quatro annos soffreram tanta oppressão e vexames. O prazer e contentamento que produzio no coração de todos a repentina mudança de sua sorte naquelle dia brilhante, nunca podem ser riscados da sublime idéa dos bons Portuenses.

Pelas oito horas o Tenente Coronel Shwalback que commandava a vanguarda de Caçadores n.os 2 e 3, entrou na Cidade no meio de vivas e felicitações do povo, e foi postar-se na Praça Nova dando os vivas á Rainha, e á Carta, sendo correspondido do povo, como seus feitos mereciam: naquelle mesmo momento o povo fez desapparecer daquelle logar os horrorosos patibulos, que por quatro annos successivos estiveram levantados, sacrificando victimas da probidade e da honra ao capricho e á venalidade de julgadores infames, e amedrontando os Cidadãos pacificos, que, ainda á custa de sacrificios de todos os generos, tinham conseguido escapar á sua barbaridade, e á sua tyrannia: os prêsos politicos foram igualmente postos em liberdade por aquelles honrados habitantes.

O Senhor D. Pedro á testa do Exercito entrou na Cidade pelo meio dia. O enthusiasmo com que os habitantes do campo corriam para terem o gosto de vêr o Salvador da Patria, o Páe da sua Rainha, deu a esta marcha o caracter que lhe competia de um verdadeiro triunfo nacional; e a alegria e acclamações com que D. Pedro foi recebido na Cidade, excede tudo quanto a imaginação póde alcançar; elle

tamento voluntario em toda a Arma, e felizmente em poucos dias um grande numero de mancebos da Cidade entrou nas fileiras do Exercito Liberal.

Como as maiores forças Miguelinas tinham passado o Douro para o Sul, deixando ao Norte sómente as competentes guarnições nas Praças, os Liberaes tentaram de ganhar influencia por se estenderem até Braga, Guimarães, Penafiel, em distancia de 8 leguas, a fim de obter os recursos que aquelles terrenos offereciam de mantimentos, recrutas, e alguns cavallos para remonta; os destacamentos chegaram a seus destinos — em Braga, na sua chegada tudo desertou para as montanhas, e então foram recebidos a portas fechadas; — em Guimarães pelo contrario não só foram bem recebidos, mas immediatamente se lhe reuniram os bravos fiéis defensores da Liberdade, que para escapar aos ferros, e á tyrannia Miguelina, tinham feito desde 1828 seu quartel nas impenetraveis montanhas de Fafe, commandados por Manoel Joaquim Lobo, e destes bravos se formou o Corpo denominado Batalhão do Minho, bem conhecido por seus feitos de valor em toda a campanha contra o usurpador.

Reconhecimento em Penafiel em 17 de Julho.

A Brigada Miguelina, commandada pelo Brigadeiro Cardoso, occupava Penafiel: os Liberaes avançaram, e em poucas horas de uma bem disputada resistencia tomaram posse da Cidade, e as forças Miguelinas foram dispersas com perda para mais de 200 entre mortos, feridos, e prisioneiros: esta expedição, bem como as outras tiveram de recolher-se ao Porto em consequencia dos movimentos do General Santa

Maria, que tendo recebido grandes reforços repassou o Douro para o Norte, vindo a occupar a forte posição de Vallongo e Ponte Ferreira a duas leguas do Porto: esta manobra obrigou os Liberaes a abandonarem aquelles terrenos, e a retirarem-se antes de serem cortados por seus inimigos.

Reconhecimento, e Batalha em Ponte Ferreira em 22 e 23 de Julho.

No dia 22 de Julho, de manhãa, uma columna Liberal, commandada pelo Coronel Henrique da Silva, foi destinada a fazer um reconhecimento sobre o inimigo; o encontro foi na estrada de Vallongo; os Liberaes carregando intrepidamente a grande guarda de Cavallaria, forçaram-a a retirar-se a todo o galope, deixando morto no campo o seu commandante, e alguns soldados; e empenhando-se um renhido combate, obrigaram finalmente o inimigo a desmascarar suas forças, e a fazer conhecer as posições que tinha escolhido para defender-se: conseguido assim o objecto daquelle reconhecimento, a columna retirou-se tranquillamente diante de seus inimigos, e veio occupar a forte posição de Rio Tinto entre Vallongo e Porto; não obstante tiveram alguma perda.

D. Pedro informado das forças do inimigo, não obstante serem muito superiores em toda a arma, e muito mais em Cavallaria por não ter nenhuma, assim mesmo resolveu de uma vez tentar e dar em seus inimigos hum primeiro decisivo golpe, e com a fortuna deste, resolver o methodo que devia adoptar para os destruir. Em consequencia determinou com todas as suas forças, que não excediam a seis mil homens, procurar e carregar o inimigo, que contava

para cima de quinze mil, em suas fortes e escolhidas posições de Ponte Ferreira, a meia legua de Vallongo, e no dia 23 de Julho pelas onze horas da manhãa desembocaram as columnas dos Liberaes sobre o campo da batalha; travando-se um renhido e sanguinolento combate por sete horas successivas, commandado em chefe por D. Pedro; a noite veio pôr termo a esta gloriosa acção em favor dos Liberaes, que pela manhãa se acharam senhores de todo o campo pela debandada, e fuga de seus inimigos pela estrada de Baltar e Penafiel, com perda para mais de 1:200 homens; sendo a dos Liberaes de mais de 400, que comparada a suas forças não foi pequena.

D. Pedro pertendia continuar, e perseguir o inimigo na sua debandada; porém ao saber que boatos os mais absurdos e os mais ridiculos foram durante a noite espalhados na Cidade do Porto, tendo apparencias de um plano combinado para semear a desordem e o pasmo no partido Liberal, a fim de favorecer a causa dos Miguelistas, — que os Liberaes tinham sido derrotados, — sua retirada para o Porto cortada, — quinze mil homens debaixo das ordens do General Povoas estavam prestes a passar o Douro para occupar a Cidade, — familias a fugir para bordo de navios, — e, o que mais foi, o embarque de algumas Auctoridades — tal era a confusão na Cidade, que D. Pedro apressadamente voltou com seu triunfante Exercito, a fim de acalmar os receios dos habitantes com sua presença.

Estas ultimas acções desenganaram os Chefes do Exercito Liberal ácerca da sua posição em Portugal, e conceberam a bem fundada idéa, de que só a sua energia, sua coragem, e grandes sacrificios, podiam conseguir por força o que já não podiam obter por persuasão e justiça; visto que o Exercito Miguelista já se achava compromettido com D. Pedro e rôtos os

laços de attenção que devia tributar-lhe como Principe.

Uma outra Divisão Miguelina é chegada a Souttorendo (4 leguas ao Sul do Porto) commandada pelo General Povoas: os Liberaes no dia 7 de Agosto tentaram um reconhecimento, e marcharam sobre aquelle ponto; rompeu o fogo, e a acção sería um outro triunfo de gloria para as armas Liberaes se estes tivessem na retaguarda a competente reserva em seu apoio, e por similhante falta tiveram de retirar-se em debandada com perda consideravel.

Finalmente conhecendo D. Pedro, e sabendo que o Exercito Miguelista diariamente augmentava, que tropas de toda a parte do Reino marchavam sobre a Cidade do Porto, e de Lisboa estava a sahir a Esquadra Miguelista para bloquear por mar a entrada da Barra; resolveu seguir a defensiva em quanto se preparava, e chegava a occasião de dar um golpe mortal em seus inimigos; lançou mão de quantos recursos que a sua actividade, a sua energia lhe ministravam; e então seus raros talentos começaram a brilhar com resplandecente lustre. Elle achou nos habitantes da Cidade cooperação e boa vontade para tudo fazer com rapidez; — Linhas de defeza e Reductos nas extremidades da Cidade foram immediatamente construidos, serviço este de que nenhum Cidadão se eximio. ao ver que o mesmo D. Pedro as dirigia, e que mesmo algumas vezes usando, e tomando os instrumentos dava exemplo no trabalho.

A actividade, e habilidade de D. Pedro fez apparecer artilheria para guarnecer os reductos: elle hindo ao Arsenal do Porto alli achou cincoenta e tantas peças, e grande porção de bala, que os Miguelistas tinham deixado por incapazes, é verdade ferrugentas, e desmontadas, mas na mão de um habil homem tudo aproveitou, e em pouco tempo, com

estas e as que traziam, e outras de navios mercantes, acharam-se os reductos guarnecidos. — Abrio-se um emprestimo em dinheiro voluntario a que os Capitalistas concorreram com as sommas desejadas: — Batalhões moveis, fixos, e provisorios foram logo levantados, de maneira que em breves dias contou D. Pedro ter para mais de quinze mil homens em armas, e de boa vontade, para defeza da Cidade, de suas familias e bens.

O Convento da Serra do Pilar ao Sul do Douro era uma posição vantajosa para os Miguelistas lançar seus projectís sobre a Cidade; isto não esqueceu a D. Pedro que logo tomou posse delle, entregando sua defeza ao Bravo Coronel Torres; as obras de defeza foram acceleradamente construidas e guarnecido com tropas de linha, e por um Batalhão de Marinhos voluntarios de Villa Nova, a quem appellidaram de Polacos pela bravura e denodado valor com que defenderam de repetidos ataques aquelle baluarte talvez da salvação da Cidade, e liberdade dos Portuguezes.

Não esqueceu a D. Pedro o prevenir-se para um longo e duradouro sitio, obtendo das Nações Estrangeiras, pelo seu dinheiro e pela sua firma, artilheria, armas, munições, fardamentos, cavallos, recrutas para suprir as perdas que já tinha tido e para as que esperava ter, mantimentos de toda a especie, não só para o Exercito como para o Povo da Cidade.

Tambem não esqueceu a D. Pedro mandar a sua pequena Esquadra naval reforçada com alguns navios mercantes armados no Rio Douro, commandados por Sartorius, bloquear e impedir a prompta sahida da Miguelina, que se preparava para sahir de Lisboa sobre a costa do Porto.

Cerco do Porto pelo Exercito do usurpador, principiado em 8 de Setembro de 1832 — Descripção das linhas Liberaes e Miguelistas — Defeza dos Liberaes, e constancia dos Portuenses.

A rica e opulenta Cidade do Porto que tem sido por mais de uma vez o baluarte da defeza dos Direitos de seus legitimos Monarchas, e da Liberdade Nacional; está situada a uma legua do Oceano ao Norte do Rio Douro, que corre de Leste a Oeste: é edificada sobre rochas e pequenos valles, bem como sam as Aldêas ou Povoações que a rodeam; e por isso offerece uma linha de defeza, que sendo corajosamente servida, torna-se uma fortaleza impenetravel, e só pode ser assaltada por bombas e balas conduzidas por grossos canhões postados nas eminencias ao Sul do Douro.

As linhas de defeza, mandadas construir por D. Pedro para defender a Cidade da invasão Miguelina, em circunferencia mediam para mais de duas leguas, tendo seu principio no Caes e sitio do Bicalho na margem ao Norte do Douro, estendendo-se por todo o Caes ao Leste até á China em Campanhãa, cobertas por baterias construidas nas eminencias da Cidade, que ao mesmo tempo dominavam e respondiam ás do inimigo construidas nas alturas ao Sul do Douro. — Sendo a primeira na Boaviagem — segunda na Torre da Marca — terceira na Bandeirinha — quarta nas Virtudes — quinta na Victoria — sexta no Paço

Episcopal — setima em Santa Clara — oitava nas Fontainhas — nona no Seminario — decima na China — além de outras bocas de fogo collocadas em differentes posições da linha, a qual continuando seguio a direcção do Norte pelo Padrão de Companhãa, e Mirante de Barros Lima onde uma bateria defendia o Valle que fica sobre Campanhãa, tendo na sua frente o reducto da Lomba — continuando ao alto do Senhor do Bomfim a fechar com a bateria neste lugar construida — e seguindo até outra grande bateria na Goella de Páo que ambas dominavam o Valle e Estrada de Vallongo; — desta posição seguio na direcção do Esté ao alto da Povoa de Cima onde outra bateria dominava o Valle das Antas — deste atravessando pelo mesmo foi fechar em outra bateria nos Campos da Agua-ardente, ficando na rectaguarda a grande bateria da Quinta dos Congregados, que não só apoiava o fogo daquella, mas dominava todo o Valle das Antas até á Cruz da Regateira no caminho para Guimarães: d'alli seguio pelo Lindo Valle a fechar no Monte Pedral, tendo na sua rectaguarda a bateria de São Braz que defendia a planicie do Lindo Valle, e outra no Serio que defendia a estrada de Braga, e Paranhos, — a bateria da Gloria no Monte Pedral defendia os Valles entre Paranhos e a estrada de Braga e o Valle de Regadas; tendo na sua frente fóra das linhas o Monte das Medalhas aonde foi construida uma soberba bateria que dominava o Valle de S. Mamede até ao Seixozo na estrada de Villa do Conde; — continuou a linha do Monte Pedral ao Monte Captivo a fechar na bateria alli construida, bem como outra na Falperra que defendia o Valle do Carvalhido; seguindo depois até ao Bom Successo onde havia outra bateria que defendia os Valles do Carvalhido, Ramalde, Lordello na estrada de Mathosinhos; — finalmente outra bateria no

lugar de Paiva e Pena que defendia o Valle de Lordello sobre a planice do Monte da Rabida, fechando a linha na bateria da Boaviagem, e Bicalho onde teve seu principio.

No circulo de toda a linha foram cortadas as ruas e caminhos transitaveis para dentro da Cidade, e defendidos por bocas de fogo, e minados até certa distancia para se verificar a explosão no tempo conveniente de ataque. — A Fortaleza da entrada da Barra de São João da Foz do Douro a uma legua da Cidade foi reparada e guarnecida, a fim de proteger a navegação para dentro e para fóra.

O inimigo aproximando-se á Cidade deu a conhecer suas tenções de impedir a entrada de navios pela Barra; as forças Liberaes não eram sufficientes para guarnecer uma linha tão longa; mas era indispensavel segurar um asilo na Costa do Mar, e deste abrir communicação com a Cidade porque a de terra já estava perdida, então por D. Pedro foi ordenado não só estender a linha até ao mar, mas tambem dar-lhe outra direcção avançando para fóra uma milha desde o Monte Pedral ao Carvalhido, Prelada, Mirante, Ramalde, Lordello, Monte do Pastelleiro, direita á Senhora da Luz, sobre a praia, ficando assim com livre transito a estrada de S. João da Foz á Cidade; obras construidas debaixo do fogo do inimigo, sendo este forçado a largar as posições da Luz, bem como outras do Pastelleiro, e Mirante onde os Liberaes estabeleceram suas baterias que immediatamente guarneceram e fortificaram.

Os Miguelistas principiaram suas obras de circumvalação em distancia de uma milha, escolhendo boas posições para se conservarem seguros, e impedir qualquer soccorro de mantimentos e outros objectos para dentro da Cidade; e ao mesmo tempo a coberto de suas baterias atacar os Liberaes, e destruil

os edificios, e seus habitantes com o bombardeamento; elles tinham todas as proporções para construir suas obras com promptidão e segurança; milhares de trabalhadores de todo o Reino eram presos e obrigados a hirem trabalhar em taes obras gratuitamente: materiaes não lhe faltavam: de Lisboa, e outras partes forneceram munições e artilheria, entre esta uma memoravel calumbrina de extraordinario calibre (baptisada em Lisboa — o papa malhados), esta monstruosa peça era conhecida dos Liberaes por Paulo Cordeiro nome do Contratador do Tabaco por ser elle quem a mandou fazer ou vir de Inglaterra, e a offereceu a D. Miguel seu senhor; deve-se fazer justiça aos officiaes Engenheiros ao serviço de D. Miguel, pela construcção de suas linhas, e baterias, que na verdade desempenharam bem a sua Arte levando-as a um estado de perfeição, que jámais houverão obras de campanha mais bem construidas.

Uma bateria Miguelina foi levantada no Areal do Cabedello ao Sul da desembocadura do Rio Douro junto á Barra, impedindo assim a entrada do mais pequeno barco — 2.ª na Pedra do Cão — 3.ª em S. Payo — 4.ª no Monte da Furada — 5.ª no Verdinho — 6.ª no Castello de Gaya — 7.ª no Pinhal de D. Leonor — 8.ª na Barroza — 9.ª na Lavoura — 10.ª na Fonte Santa — 11.ª na Quinta do Fartura — 12.ª no Pinhalmiudo — 13.ª Bateria Nova — 14.ª no Crasto — 15.ª em Campo Bello — 16.ª em Oliveira — 17.ª na Quinta do Baetas — 18.ª na Pedra Salgada.

Aquellas dezoito baterias construidas nas eminencias ao Sul do Rio Douro guarnecidas por grossos canhões, e morteiros, dominavam a Cidade que se acha situada ao Norte do mesmo; — seus flancos cobertos e defendidos por soberbos entrincheiramentos a fechar no sitio de Fonte de Vinha; e atravessando o Rio Douro para o Norte, levantaram outra soberba bate-

ria no Monte de Valbom, e seguiram a linha ao Pico de Tim aonde formaram o Forte deste nome, e d'alli ao Monte Sobral formando neste um grande e forte reducto com acampamento até ao Pinheiro queimado onde construiram outra grande bateria — continuando a linha ao Forte Real no alto de Contemil — seguio ao Forte de Lamas, tendo na sua frente o monte das Antas a meia milha entre as duas linhas, onde levantaram uma fortissima bateria (com a qual muito encommodavam aos Liberaes mesmo nas suas baterias desde Barros Lima em circumferencia até á Agoa-ardente) do Forte de Lamas seguio a linha ao Este até Paranhos aonde construiram o Forte de D. Miguel (obra habilmente construida) tendo este na frente a distancia de tiro de fuzil das linhas dos Liberaes o Forte do Covello e d'onde faziam sobre os mesmos, e sobre suas baterias do Lindo Valle um terrivel fogo — seguio a linha por S. Mamede á Tilheira onde outro Forte foi levantado, e continuou por Ramalde até o Forte de Serralves tendo na sua frente as fortificações da Arreteira, Bulgos, Prelada, Cruzinhas — d'alli seguio ao Forte da Ervilha, até ao grande e disputado Forte do Castro, a fechar no do Queijo sobre o mar distante uma milha de S. João de Foz; — além das fortificações mencionadas tinham na retaguarda varios Fortes em apoio de suas linhas.

Tres ataques sobre as linhas Liberaes em 8, 9, e 10 de Setembro.

A obra defeza da Serra do Pilar ainda não estava em estado de repellir qualquer ataque do inimigo, quando no dia 8 de Setembro foram as forças Liberaes postadas na Bandeira ao Sul do Rio Douro, ata-

cadas pelas Miguelistas em grande numero, e supposto que foram fortemente repellidos pelo valor dos Liberaes commandados por Sá Nogueira, que nesta acção perdeu o seu braço direito, tiveram de retirar-se sobre a Serra do Pilar debaixo do commando do Major Bravo que a defendeu, e repellio o inimigo naquella parte, por maneira digna dos maiores louvores: Sá Nogueira tinha perdido o braço, mas assim mesmo nunca deixou de exercitar as funcções do seu posto, assignando com a mão esquerda as participações e ordens do dia agradecendo á tropa que se distinguio com valor. Os Voluntarios de Villa Nova commandados pelo Major Fontoura neste dia deram mostra daquillo de que eram capazes batendo-se como soldados de campanha. D. Pedro durante o ataque achava-se na bateria do Seminario ao Norte do Douro protegendo a defeza da Serra do Pilar por um ateado fogo de artilheria, chovendo granada e balla raza sobre as columnas inimigas, que perderam muita gente, sendo a perda dos Liberaes nesta acção 38.

Logo que o inimigo principiou seu ataque sobre a Serra do Pilar, appareceu tambem ao Norte em grande força na frente da Agua-ardente, Quinta do Covello, e no Serio onde pertendeu ganhar alguns pontos; que foram corajosamente defendidos pelos piquetes Liberaes, e pelo vivo fogo cruzado das baterias que o obrigou a ceder da sua pertinacia retirando-se depois de sete horas de combate com perda consideravel sendo a dos Liberaes por este lado 11.

No dia 9 continuou o inimigo atacando as mesmas posições, que no dia 8 não pôde ganhar; porém alli encontrando a mesma resistencia nos valentes defensores da Serra do Pilar commandados pelo bravo General Torres, tiveram de retirar-se com bastante perda no fim de algumas horas de combate. A mesma sorte teve o ataque ao Norte, que tendo ganha-

do as posições dos piquetes Liberaes de Paranhos, e Casa Amarella nas Antas, foi obrigado a deixal-as com perda de dez homens mortos, grande numero de feridos, e algumas munições: depois de sete horas e meia de fogo, sendo a perda dos Liberaes 4 mortos e 29 feridos.

No dia 10 tentou o inimigo outro ataque sobre a Serra do Pilar, e aproximando-se das trincheiras foi repellido pela valente guarnição, que tendo já adquirido força moral sobre seus inimigos, sahio fóra, e o resultado foi a fuga dos escravos de D. Miguel com ferimento de tres Liberaes, entre elles o distiucto voluntario Celestino Malóque de Dunquerque que veio e outro irmão com duas embarcações suas, e á sua custa servir a Causa da Liberdade — tal é o espirito da Nação Franceza pela liberdade do seu similhante.

Na mesma tarde appareceu por baixo da Serra do Pilar, na baixa de Villa Nova uma força inimiga; o General Torres ordenou uma sortida, e cahindo vigorosamente sobre seus inimigos os forçou a abandonar as casas e ruas na dita Villa, pondo-se em fuga; deixando alguns mortos sendo destes, dous officiaes; — a perda dos Liberaes nesta sortida foi de 2 Officiaes, 1 Sargento e 4 bravos Voluntarios.

S. M. I. o Senhor D. Pedro IV Duque de Bragança occupando os pontos dos ataques, observando os movimentos do inimigo, alli foi testemunha da porfiada defeza, que os piquetes fizeram, e não duvidou de ultimar a empreza a que se propoz, ao ver que até os convalescentes do Hospital espontaneamente sahiram para se reunir a seus corpos, e uma grande parte dos habitantes correrem armados ás trincheiras; e dizendo alguns a S. M. I., que a causa não era só d'Elle, e de Sua Augusta Filha, mas de todos.

Os Chefes do Exercito Miguelista conheceram então a difficultosa empreza de penetrarem na Cidade

segundo as ordens, e vontade de seu Senhor; e em conselho resolveram um Cerco formal de circunvalação, levantando baterias, trincheiras, fortes, e linhas de defeza como já fica dito, e em poucos dias suas obras foram completadas; a Cidade com oitenta mil habitantes foi rigorosamente sitiada, e ao funebre estrondo dos canhões principiaram-se a semear bombas, e balas sobre ella, de dia e de noite; mas nada foi capaz de assustar, e fazer diminuir a coragem, e bravura de seus valentes e Liberaes defensores, nem a energia e sentimentos dos habitantes de ambos os sexos.

Sortida dos Liberaes ao Campo inimigo em 16 de Setembro.

As baterias que o inimigo estabeleceu nas posições em frente do Serio, Lindo Valle, Agua-ardente, era sem duvida um ponto de apoio para penetrar na Cidade sem muita difficuldade não obstante estar tudo prevenido para o repellir; em consequencia S. M. I. resolveu o distruir-lhe suas obras, ordenou uma sortida ao Campo do Inimigo, marchando os Liberaes em duas columnas pela estrada d'Agua-ardente, e do Serio, a flanquear-lhe a direita, e esquerda, em quanto, que outra avançando pelo centro, forçou-o a largar os trabalhos e em menos de uma hora estavam as baterias inimigas arrasadas; este porém carregando em grande força sobre os Liberaes, travou-se um renhido combate, e o fogo cessou ás oito horas da noite. O inimigo nesta acção perdeu mais de 700 homens mortos, feridos, e prisioneiros; sendo a perda dos Liberaes de 151 entre estes 20 eram officiaes. esta sortida sendo de gloria para os Liberaes com tudo nada ganharam, porque diminuiram sua pequena

força, e tiveram de abandonar as posições outra vez a seus inimigos.

O Exercito Miguelista que sitiava a Cidade contava já para mais de 30 mil homens, e diariamente era reforçado por tropas, que de todos os pontos do Reino marchavam a reunir-se-lhe, além de grande numero de Frades, e de ex-Empregados publicos, e paisanos que de toda a parte se apresentaram armados em guerrilhas promptos para entrar no saque promettido pelo usurpador.

D. Miguel e seus perversos conselheiros decretaram a tomada da Cidade, o saque, e a extincção de seus habitantes: tudo isto era sabido no Palacio de D. Pedro, e fóra delle, sem com tudo fazer a minima alteração no animo dos sitiados, mas antes augmentou sua coragem para se defenderem de seus verdugos. Os Generaes Miguelistas duvidavam (e não se enganavam) do bom exito no cumprimento das ordens de seu Senhor, e entrando em conselho esteve o negocio indeciso; porém os Frades, e ex-Empregados publicos armados, alcunhando os do conselho de traidores a seu amo, venceram que em dia de S. Miguel fosse a Cidade atacada, e sua triunfante entrada festejada nas casas de seus apaniguados; em consequencia de uma tão barbara, e deshumana decisão, o Chefe Miguelista proclamou ao seu Exercito animando-os, e incitando para o cumprimento das ordens de seu Senhor, — e um dos seus §§ continha o seguinte — « Soldados! o dia do ataque seja aquelle da vossa victoria; mas olhai, que não haverá victoria completa em quanto existir um só revolucionario; jurai pois que não largareis as armas, e que não descançareis em quanto não tiverdes extincto inteiramente os rebeldes. Aguas Santas 27 de Setembro de 1832. — *Gaspar Teixeira — Visconde do Peso da Regoa.*

Grande ataque ás linhas dos Liberaes em 29 de Setembro.

No dia 29 de Setembro de 1832 pelas 7 horas da manhãa o inimigo apresentou uma consideravel força em frente da linha dos Liberaes desde o Padrão de Campanhãa até ao Sério, que obrigou os piquetes a recolherem-se dentro da linha depois de uma vigorosa resistencia, de que resultou consideravel perda de ambas as partes.

A cortadura da estrada de S. Cosme ao Padrão de Campanhãa, defendida por um batalhão de atiradores commandado pelo Tenente Coronel Conde da Remposta, foi carregado por uma força inimiga de 5,000 homens apoiados por outra iguál, e tendo aquelle batalhão defendido a sua posição com valor, sempre o inimigo conseguio penetrar até á Rua vinte e nove de Setembro, com duas peças, e um obuz, cujo passo lhe foi disputado, e sustentado por tempo de duas horas pelos bravos atiradores que ainda restavam a pé, quando foram reforçados por 3 companhias dos Regimentos n.° 6, e 10 d'Infanteria, — e 3 de Caçadores n.° 3, — alguns Voluntarios do 1.° Batalhão Fixo da Cidade com 25 do Corpo de Guias a cavallo, os quaes sendo engajados no renhido combate em que aquelle Corpo estava empenhado, de tal maneira foi por elles o inimigo carregado, que teve de largar sua artilheria pondo-se em completa desordem, e retirada com perda consideravel nesta parte, sendo a dos Liberaes acima de 200.

Outra columna inimiga de 2,000 homens destacou do monte das Antas sobre a Praça das Flores na estrada de Vallongo em frente das baterias do Bomfim, e Fojo, defendida pelo Batalhão de Marinha com-

mandado pelo Tenente Coronel Burell; foi este de tal maneira carregado, que depois de uma porfiada resistencia, e de ter perdido seu Commandante, e maior parte de sua força em mortos e feridos, teve de recolher-se dentro da linha, e deixar apossar o inimigo daquelle ponto, bem como se apoderou da bateria da Lomba, em cujos pontos perderam os Liberaes para mais de 100 de seus bravos: o inimigo continuou um tiroteio sobre a linha até ás duas horas da tarde, quando tentou romper e penetral'-a; porém sendo o Batalhão de Marinha reforçado por duas companhias do 5.° de Caçadores, commandados pelo Major José Maria de Sousa obrigou o inimigo a abandonar sua tentativa.

Ao mesmo tempo tentou o inimigo, com uma outra força de 5,000 homens, atacar as trincheiras, e bateria da Quinta do Captivo, defendida pelo 2.° Batalhão de Infanteria n.° 18, commandado pelo Tenente Coronel Amâro dos Santos Barrozo, e apesar do grande fogo de fuzilaria, e metralha, chegou a penetrar até ao parapeito, e porta da Quinta, d'onde foi repellido á bayoneta, perseguido, e obrigado a retirar sua artilheria assestada sobre a altura das Antas, na frente d'aquella bateria.

O projecto do inimigo foi atacar em grande força aquelle ponto, e o do Padrão, entretendo e encommodando ao mesmo tempo os flancos com um tiroteio, divertindo assim os Liberaes, a fim de não poderem reforçar os dous pontos atacados.

O Batalhão de Voluntarios da Senhora D. Maria II, e parte do 1.° Movel que guarneciam o centro da linha, nos campos em frente d'Agua-ardente, foram ao mesmo tempo engajados n'um tiroteio com o inimigo, que em força consideravel pertendeu chamar naquelle sitio a attenção dos Liberaes, vindo sua pertinacia a custar-lhe uma grande perda em mor-

tos, feridos, e prisioneiros, sendo a dos Liberaes em attenção ao seu menor numero, consideravel.

Outra força inimiga atacou a altura das Medalhas, na frente do Monte Pedral, d'onde os Liberaes foram obrigados a retirar-se para dentro da linha, depois d'uma porfiada resistencia; porém sendo reforçados sahiram, e carregaram com tal valor sobre o inimigo, que retomaram a altura, e o obrigaram a retirar precipitadamente com grande perda em mortos, e feridos de parte a parte.

Restava ainda uma consideravel força inimiga na baixa, em frente do Captivo, protegida por uma forte columna que occupava o lugar das Antas: foi então mandada uma força composta dos Regimentos n.º 6, e 18 — Caçadores n.º 5, e do da Marinha debaixo do commando do Tenente Coronel Pacheco, flanquear o inimigo pela esquerda, e ao mesmo tempo outra força commandada pelo Marjor Miranda, marchou na direcção do Covello, chamando a attenção do inimigo sobre aquelle ponto: foram estes movimentos executados com summa vantagem, produzindo o desejado effeito; porque sendo o inimigo acossado pelo fogo de artilheria, e pelo vivo ataque da fuzilaria, foi obrigado a abandonar a baixa na frente do Captivo, que occupava com mais de 2,000 homens, e retirou ao mesmo tempo a columna, que havia postado no lugar das Antas.

Pelo lado do Covello outra força de 400 a 500 homens, se apresentou na frente dos Liberaes, correndo e dando vivas, pedindo se lhes não fizesse fogo; o que fez persuadir a muitos que elles pertendiam deixar as bandeiras da usurpação; porém o Major Miranda que commandava as forças Liberaes, conhecendo pelos movimentos do inimigo, que suas tenções eram, de envolver as forças do seu commando, correu para um Sargento, que vinha na frente, e gritou-

lhe = quem vive = a resposta foi = D. Miguel = por cujo atrevimento, no mesmo acto, cahio acutilado ás mãos do Cammandante Liberal, que immediatamente ordenou a seus Soldados fizessem fogo, de que resultou a vergonhosa fuga do inimigo, deixando no campo 38 Officiaes e Soldados mortos, e 19 prisioneiros: o inimigo destacou, do pinhal visinho, uma força de 600 homens para proteger os fugitivos, e então os Liberaes se retiraram para dentro de suas linhas.''

Em quanto durava o maior calor do ataque, na direita e centro da linha dos Liberaes, o Coronel Shwalbak com seis companhias de Caçadores n.º 2, 3, e 5 avançou sobre o inimigo, que occupava a Prelada, e que encommodava a linha na frente do Carvalhido, conseguio por este movimento desalojal'-o daquelle ponto, no que soffreram bastante perda em mortos, feridos, e prisioneiros, sendo a dos Liberaes insignificante.

A Serra do Pilar, ao Sul do Douro, foi tambem neste dia atacada por tres columnas Miguelistas, dirigindo-se uma ao ponto da Eira, outra ao centro da Cêrca, e outra flanqueando a direita d'aquellas fortificações, e protegidos pelo fogo da sua artilheria, collocada em quatro differentes pontos: o inimigo foi repellido por um continuado fogo de fuzilaria, e artilheria, e obrigado a retirar-se para suas primitivas posições com bastante perda, e pouca da parte dos Liberaes.

As baterias inimigas ao Sul do Douro, durante todo o dia, lançaram sôbre a Cidade grande numero de bombas, e supposto que algum estrago fizeram, nem por isso fez abater, ou intimidar os animos, e coragem de seus habitantes.

Finalmente ás seis horas da tarde, depois de onze horas de um renhido, e teimoso ataque, estava o Exercito Liberal senhor de suas anteriores posições,

ganhadas quasi todas á ponta da bayoneta, e vendo o inimigo baldados seus esforços, abandonou a empreza retirando-se para suas primeiras posições; ficando em poder dos Liberaes 300 prisioneiros, 400 armas, 3 peças d'artilheria, e varias caixas de munições — todo o campo juncado de mortos, e feridos que, segundo as contas mais exactas, subio de 7.000 a perda, que neste dia soffreu o Exercito Miguelista; sendo a lamentavel perda dos Liberaes, neste glorioso dia, 646, dos quaes muitos eram Officiaes, estes para ganhar a liberdade, e aquelles a escravidão da sua patria.

Tal foi o resultado de um dos dias que, mais cubrio de gloria o Exercito fiel de S. M. F. a Senhora D. Maria II, e de que foi testemunha S. M. I. o Senhor D. Pedro Duque de Bragança, de saudosa memoria, que assistindo, e dando suas Imperiaes Ordens em todos os pontos do ataque, vio a final fugir, diante dos Estandartes da Liberdade, os escravos da facção liberticida.

S. M. I. sentio em Seu Paternal Coração a morte, e as feridas, não só dos heroes que defenderam a justa causa do Throno ligitimo, e da Constituição; mas tambem as inumeraveis victimas, que juncaram a terra, em defeza da tyrannia, e do crime: S. M. I. vio e consolou os feridos, que vinham conduzidos para os hospitaes, e recommendou muito positivamente o curativo dos prisioneiros feridos, e a immunidade dos sãos, foi visitar alguns Officiaes superiores, que cahiram feridos, e voltou ao Paço pelas dez horas da noite, e se recolheu a tomar descanço das fadigas do dia.

O Tenente General Conde de Villa-Flor (hoje por seus relevantes serviços, Duque da Terceira), foi o Commandante em Chefe desta gloriosa acção, em cuja se empenhou parte do Exercito Liberal, e seria

injustiça fazer excepção de elogios, quando todos bravos, Officiaes superiores, e subalternos, Sargentos, Cabos, e Soldados, rivalisaram em valor e coragem; cada qual em seu posto, e em suas posições encontrando-se, e batendo-se cada um com cinco, e dez inimigos; pois que toda a tropa que repellio aquella tentativa, de tão longo tempo premeditada, e tão desesperadamente executada, não excedia a 2,500 bayonetas, além de parte do 1.° Batalhão Fixo, composto de Caixeiros, e de outros Voluntarios, que se bateram como Soldados aguerridos.

Não é possivel fazer uma justa idéa da tranquillidade que reinou em toda a Cidade, em o curso do dia, que durou a batalha; prova da confiança que tinham em seus defensores: os leaes Portuenses desenvolveram n'aquelle dia, como já o haviam feito em outras occasiões, a maior coragem, a maior generosidade, e o maior patriotismo; uns correndo armados fazendo fogo nas trincheiras, e fóra d'ellas, onde rivalisaram de valor com a tropa; outros conduzindo, e levando munições aos defensores; outros conduzindo do campo da batalha os feridos amigos, e inimigos para os hospitaes, mostrando em tudo, e por toda a parte, o maior disvello e caridade.

E que elogios não sam devidos ao bello sexo feminino; só quem vio, e presenciou pòdia, e póde avaliar a coragem e virtudes, que n'aquella occasião desenvolveram: ellas nas trincheiras, e debaixo do fogo do inimigo ministrando polvora, e agua aos defensores, e animando-os ao combate; ajudando a conduzir os feridos aos hospitaes; aonde familias inteiras, ranchos de Senhoras, se apresentaram levando panos, fios, e refrescos para os doentes; e muitas mãos delicadas, de taes Senhoras, curou as feridas de seus bravos defensores, e as de seus inimigos com o mesmo carinho, e caridade; e finalmente os dignos habitan-

tes, espontaneamente mandaram entregar nos differentes hospitaes, camas completas para repouso dos bravos feridos no campo da honra; e tal foi a concurrencia que, uma grande quantidade ficou em deposito para sobreselente.

Nomes dos bravos Officiaes a quem, por sorte coube mostrar neste brilhante dia de gloria, a sua coragem, seu valor, e distinctos serviços feitos em defeza da Liberdade, e do Throno usurpado á Senhora D. Maria II.

Generaes.

Commandante em Chefe, Conde de Villa-Flor. — Cabreira. — Miranda. — Azeredo. — Pizarro. — Conde d'Alva.

Brigadeiros.

Valdez, ferido. — Palhares, morto. — Henrique da Silva. — Brito. — Torres.

Coroneis.

Burell, morto. — Hodges, ferido. — Serpa Pinto, ferido. — João Nepomuceno. — Shwalbak. — Silva Lopes. — Pinto Arraes. — Moscoso. — Julio de Carvalho. — Costa. — Brayner.

Tenentes Coroneis.

Conde da Bemposta, ferido. — Sá Camello, morto. — Pacheco. — Amaro Barrozo. — Marianno Barrozo. — Menezes. — Serra. — Barros. — Colmieiro. — Mendes.

Majores.

Gentil, morto. — Eça, ferido. — Shaw, ferido. — Pimentel. — Vieira. — Mesquita. — Sousa. — Miranda. — Bravo. — Leal. — Mariani. — Loureiro. — Gil Corrêa. — Barros Lima.

Capitães.

Montenegro, morto. — Brandão, morto. — Lastever, ferido. — Cabral, ferido. — Almeida, ferido. — Breyner. — Moniz. — Barreiros. — Garcez Palha. — Barboza. — Cunha. — Taborda. — Passos. — David. — João Luiz da Silva.

Tenentes e Alferes.

D. Francisco Alencastre, morto. — Tavares, morto. — Negrão, morto. — Luiz Serrão, morto. — José Serrão, morto. — Guilherme de Carvalho, morto. — Vasconcellos, morto. — Sueiro, ferido. — Beça, ferido. — Migueis, ferido. — Azevedo. — Zagallo. — Aparicio. — Amaral. — Roque. — Mideiros. — Antonio de Mello. — José de Mello. — Cunha. — Santos Coutinho. — Renaldes. — Paricini. — Montenegro. — Novaes. — Freire. — José Maria de Carvalho. — Julio de Carvalho. — Telles. — Valdez. — Moraes. — Faria. — Serumenha. — Valente. — Trancoso. — Pessoa. — Ávila. — Marquez de Ponte de Lima. — Pascoalinho. Almeida. — Jaques da Cunha. — Alzena. — Costa e Silva. — Gorjão. — Florido. — Vellozo. — Mattos.

A lição dada pelos Liberaes ao Exercito Miguelista, póde dizer-se que, foi o vencimento da Causa da Rainha, a quéda do usurpador, e a restauração da Liberdade a todos os Portuguezes; por quanto a morte de muitos, os gemidos e lamentações dos feri-

dos, tal impressão, e terror causou entre as fileiras dos escravos do usurpador, a ponto que seus Generaes não tiveram poder para impedir a deserção de milhares, que na noite de 29 para 30 abandonaram suas bandeiras, e por consequencia foram obrigados a deixar o sitio ao Norte do Douro, e tomar quarteis a tres e quatro leguas distante da Cidade; ficando os da parte do Sul firmes em suas posições.

Como uma grande parte do Exercito Miguelista era composto de Milicianos, homens proprietarios, e lavradores chefes de familias, arrancados por força de entre os braços de suas caras esposas e filhos, para servir ao usurpador; elles, ao verem que seus visinhos camaradas, e amigos cahiram mortos no campo da deshonra, correram a seus lares com tenção de nunca mais voltarem; mas coitados, enganaram-se, porque, ordens foram immediatamente passadas aos Capitães Móres das Ordenanças, que cumpriram de bom grado o mandato de seu Senhor; e juntando a sua cohorte, cahiram em casa d'aquelles pacificos lavradores, e sem-lhes causar remorsos as lagrimas dos innocentes filhinhos, os conduziram maniatados e entregaram á desapiedada furia dos Commandantes Miguelistas, onde soffreram exemplar castigo; e foi assim que conseguiram em pouco tempo tornar effectiva a reunião de seu Exercito.

No dia 30 ás seis horas da manhãa sahio S. M. I. na forma do seu diario costume, dirigio-se ás baterias, correu toda a linha de defeza, e depois de ter dado suas Imperiaes ordens, para os promptos reparos, e melhoramento de fortificações para a recepção de seus inimigos que, não tardariam a visital'-as; — passou a todos os hospitaes a visitar, e consolar os doentes feridos na batalha de hontem, onde elle mesmo ajudou a fazer algumas amputações, igualmente foi visitar os prisioneiros feridos, a quem dirigio expressões de

Pae, consollando-os, e sentindo muito a sua infeliz sorte como Portuguezes, promettendo-lhes que, logo depois da sua cura, os mandaria para onde lhes conviesse, e a sua palavra foi Imperialmente cumprida: eram quatro horas da tarde quando, S. M. I. tendo concluido sua visita nos differentes hospitaes, regressou ao Paço a tomar algum repouso, e a cuidar nos differentes negocios, e despacho de Gabinete.

Annos de S. M. I. o Senhor D. Pedro em 12 *de Outubro de* 1832.

Os escravos do usurpador depois da derrota que haviam soffrido no dia 29, suspenderam seus projectis hostis sobre a Cidade, até o dia 10 de Outubro; porém no dia 11 pela manhãa, começaram a lançar bombas, sobre a Cidade, continuando todo o dia, e noite, annunciando assim o seguinte dia 12; dia Natalicio do incomparavel D. Pedro, que principiaram a festejar ao romper da aurora com um choveiro de bombas e granadas sobre a Cidade, demonstrando assim seu rancor e raiva, pela perdida acção do dia 29: aos eccos surdos dos obuzes, e morteiros do inimigo, respondiam os festivos sons dos foguetes de artificio, que cruzavam no ar com as mortiferas granadas, e com o som tremendo da bomba que rebentava, em quanto que, pelas praças e ruas, giravam bandos do povo com musicas, entoando hymnos patrioticos em honra, e memoria do seu Libertador.

Ataque á Serra do Pilar em 14 *de Outubro.*

No dia 13 pelas seis horas da manhãa, o inimigo dirigio o fogo de toda a sua artilheria de cinco ba-

terias, sobre a Serra do Pilar, e sem descontinuar nesse dia, e noite, e no dia 14 até ás duas horas da tarde, em trinta e tres horas successivas lançaram contra aquella fortificação para mais de tres mil balas, granadas, ou bombas, as quaes produziram grande estrago no edificio, abrindo uma grande brecha, na muralha; mas o incansavel General Torres, e a heroica guarnição que elle commandava, tendo o cuidado em remediar os estragos, esperou com resolução, sangue frio, e tranquillamente, sem disparar um tiro, o assalto que o inimigo se propoz effectuar sobre aquella fortificação.

Ás 3 horas da tarde nove bombas, ao mesmo tempo, cahiram, e rebentaram no recinto das linhas de defeza, e n'esse mesmo instante, o inimigo impetuosamente se arrojou sobre os defensores daquelle baluarte da liberdade, com uma força de 7,000 homens, protegidos pelo vivo fogo da artilheria de posição, e de outras peças de campanha, divididos em tres columnas, — uma pela Eira, — outra pelo centro da Cêrca, — terceira pela Calçada de Villa Nova, que foram vigorosamente repellidas ao primeiro choque; e sendo o inimigo reforçado pelas suas reservas, carregou successivamente em força todos os seus pontos de ataque, renovado por seis vezes, e por seis vezes foram rechaçados pelo vivo fogo dos defensores, a quem se reuniram muitos dos habitantes da Cidade, que passando o Rio, foram tomar quinhão no perigo, e honra de tão illustres defensores: tendo o inimigo perdido as esperanças que atrevidamente tinha concebido, cessou o seu fogo, e se poz em completa retirada, depois de tres horas de porfiado combate, em que não pôde conseguir pisar com armas na mão aquelle recinto sagrado da honra, do valor, e lealdade: ás sete horas da tarde ficaram os piquetes Liberaes postados em suas antigas posições: este setimo

ataque feito á Serra do Pilar, custou ao inimigo mais de 600 mortos, e feridos, incluindo um Brigadeiro: os Liberaes perderam 69 dos quaes 5 eram Officiaes, os feridos que o inimigo deixou no campo, fóra das linhas, morreram quasi todos por falta de socorro, que não foi possivel ministrar-lhes; por quanto, querendo os Liberaes recolhel'-os, a fim de os salvar, applicando-lhes a necessaria cura, não o poderam conseguir, pelo continuado fogo que o inimigo fazia sobre o lugar onde elles existiam, e de que muitos foram victimas, acabando na boca das armas de seus mesmos camaradas.

Desenganado o inimigo de que, apesar das fracas obras de defeza dos Liberaes, não lhe era possivel penetrar as suas fortificações; porque seus peitos, decidida coragem, e valor, suppriam todas as faltas, e eram as principaes e verdadeiras trincheiras, e os reductos de defeza da Liberdade, decidiram continuar a bombear a Cidade, dirigindo particularmente sua attenção ao Palacio de Moraes, aonde S. M. I. o Senhor D. Pedro residia, d'onde foi obrigado a mudar-se para outro, na Rua de Cedofeita; não porque taes projectis fizessem alguma impressão no Seu animo, coragem, e sangue frio, com que Elle mesmo se apresentava na varanda do Palacio, a vêr fazer as pontarias directamente a S. I. Pessoa; mas sim para evitar os estragos n'aquellē magestoso Edificio: alli mesmo não escapou á furiosa raiva dos satellites da usurpação: elles apenas tiveram noticia do segundo Palacio, lá mesmo, e a tanta distancia mandaram immensas balas, lançadas pela celebre columbrina Paulo Cordeiro, (de que igualmente S. M. I. zombava, pois nada era capaz de abalar, e fazer succumbir tão grande Alma.)

Ataque á Serra do Pilar em 24 de Outubro.

O Duque de Lafões chegou a Villa Nova, a tomar o commando do Exercito Miguelista ao Sul do Douro, e alli foi recebido com repique de Sinos, menos na Serra do Pilar, onde o General Torres os mandou dobrar a defunto, fazendo-lhe assim lembrar, que se tentasse atacar aquelle baluarte da Liberdade, alli mesmo seria a sua sepultura, e o caso não esteve longe de verificar-se no ataque, que determinou fazer sobre aquella impenetravel fortaleza na noite do dia 24 de Outubro, onde o novo campeão da usurpação encontrou os mesmos bravos, que tantas lições tinham dado a seus antecessores: o inimigo com todas as suas forças principiou o seu ataque pelas oito horas da noite; esta surpresa áquella hora não esperada, nem por isso surtio o desejado effeito, porque os Liberaes não dormiam, e vigilantes receberam este oitavo ataque, defendendo-se com a mesma coragem, com o mesmo valor que costumavam; e fazendo nesta occasião uso das granadas de mão, com cuja arma obrigaram o inimigo a ceder da empreza, retirando-se com perda de 100 mortos, e grande numero de feridos, sendo felizmente a dos Liberaes só dous.

Sortida dos Liberaes ao Sul do Douro em 14 de Novembro.

Em quanto o Exercito Miguelista do Norte da Cidade, se occupava em reunir os debandados do dia 29 de Setembro, o outro Exercito tambem Miguelista ao Sul do Douro, e de novo commandado pelo

Conde de Barbacena, resolveu apertar o sitio por meio de baterias levantadas na sua esquerda, encommodando assim a Villa e Castello de S. João da Foz, e ameaçando ao mesmo tempo disputar a entrada, e sahida de embarcações pela barra.

Nestas circunstancias S. M. I. resolveu mandar fazer uma sortida sobre a margem esquerda, ao Sul do Douro, para destruir os intrincheiramentos, e baterias que o inimigo alli tinha construido: para este fim ordenou ao Coronel Shwalbak que, á frente de 1,600 homens passa-se o Rio na Quinta da China, desembarcando em Quebrantões, para ameaçar em flanco ás posições do inimigo, em quanto uma força de 600 homens sahindo da Serra do Pilar, e chamando a attenção deste, sobre um novo ponto de ataque; aquella força podesse tomar de revéz as suas baterias e destruil'-as. Em quanto isto acontecia na direita do inimigo, foi restabelecida a ponte por onde os Voluntarios da Cidade, passaram a inquietar o centro da linha, e proteger tudo quanto quizesse passar para a Cidade: ao mesmo tempo o Capitão Morgell com um troço de marinheiros armados, passaram o Rio no sitio do Bicalho, cahiram em cima da bateria da Furada, com o fim de destruil'-a, e conter o inimigo, que não fosse acudir e reforçar a sua direita.

Eram tres horas e meia da manhãa do dia 14 de Novembro, quando se effectuou o embarque na presença de S. M. I., e pelas cinco achava-se tudo desembarcado, e ao mesmo tempo avançando sobre o inimigo, que não contava a tal hora com a visita; os piquetes inimigos foram surprehendidos, a fortissima bateria construida defronte da Serra do Pilar, com onze bocas de fogo, foi tudo completamente inutilisado e arrasado, e o inimigo levado de posição em posição, ou pelo fogo, ou pela bayoneta foi forçado a recolher-se ao seu intrincheiramento no alto

da Bandeira: restava uma pequena força de Infanteria que, ao abrigo de um muro e dos bosques, faziam vivo fogo sobre a retaguarda dos Liberaes, e duas peças ligeiras collocadas na crista da montanha, que ameaçavam em flanco; mas S. M. I. que se achava na posição do Seminario, mandou alli collocar uma peça de campanha, e dirigindo elle mesmo os primeiros tiros sobre o inimigo, ó obrigou bem depressa a abandonar aquelle terreno.

A força que tinha sahido da Serra do Pilar, commandada peló Major Miranda, e pelo Major Fontoura, concorreram efficazmente em juncção com a do Coronel Shwalbak na destruição d'aquella grande bateria, e o General Torres para facilitar a sortida da sua guarnição, encarregou os postos avançados do lado da Calçada de Villa Nova, ao Alferes Peixoto do Regimento n.° 18, que não só desalojou o piquete inimigo, e lhes destruio suas trincheiras; mas sendo reforçado por Voluntarios da Cidade, continuou perseguindo o inimigo até ao arco das Freiras, fazendo-lhe vinte prisioneiros, entre os quaes um official, e retirou-se ao seu posto.

O troço de marinheiros armados, commandados pelo Capitão Morgell, atacaram a bateria de morteiros da Furada, conseguindo encravar dous, e inutilisar munições, e conseguiriam destruir tudo, se ferido mortalmente o Capitão Morgell, não fosse preciso retirarem-se.

Assim foram 6,000 inimigos batidos, e levados até ás suas mais fortes posições, por uma força pequena, mas brava, e corajosa; conseguindo portanto o fim d'aquella sortida, ó Coronel Shwalbak pôz as tropas em movimento sobre a Serra do Pilar, como lhe havia sido ordenado, e S. M. I. teve a satisfação de ver aquelles bravos retirar-se em boa ordem, e tranquillamente diante de um inimigo, de tal mo-

do assombrado da ousadia dos Liberaes, que até não se atreveu a picar-lhe a retirada; ás nove horas e meia da manhãa cessou o combate, e ás onze entraram na Cidade as tropas que d'alli tinham marchado.

A perda dos Liberaes nesta sortida, entre mortos e feridos não chegou á cem, tendo a lamentar a perda do Capitão Morgell — Alferes Aragão do 5.° de Caçadores — Ajudante Pires do 2.° de Caçadores: a perda do inimigo, segundo as informações mais exactas, subio á 700, entre mortos, feridos, 80 prisioneiros, e 67 que voluntariamente se passaram.

Sortida dos Liberaes ao campo do inimigo em 17 de Novembro.

O Exercito Miguelista da parte do Norte, tinha reunido quasi todas as suas praças debandadas, e recebido novos reforços, commandados pelo General Telles Jordão; e os seus trabalhos de fortificação, e intrincheiramentos augmentava-se com rapidez: o Conde de Barbacena igualmente mandou accelerar as obras de circumvalação da parte do Sul, até á Pedra do Cão, defronte da fortaleza de S. João da Foz, e tudo indicava mudança de plano, suspendendo e trocando os futeis ataques, em o bombardeamento da Cidade, e em cortar o recurso de viveres para dentro da mesma.

A Cidade não estava fornecida de mantimentos sufficientes, e necessarios para sustento de oitenta mil habitantes, que se achavam dentro de suas linhas: o inverno principiava, e por consequencia com o mau tempo ficaria a barra intransitavel: nestas calamitosas circunstancias S. M. I. resolveu, no dia 17 de Novembro, mandar fazer uma sortida sobre o inimi-

go da parte do Norte, destruir e arrasar seus intrincheiramentos, e baterias, incendiar seus acampamentos, contel'-o em respeito, e abrir caminho para entrada de mantimentos na Cidade.

Para este fim ordenou ao bravo Coronel Shwalbak que, á frente de uma columna composta do 1.° Batalhão de Infanteria n.° 6, e parte do Regimento da Armada, e o Corpo de Guias, e Lanceiros commandados pelo Brigadeiro França, sahissem pela estrada de Vallongo a atacar em frente o inimigo, postado entre esta estrada e o Douro — uma força do 5.° de Caçadores sahindo da sua posição, fosse occupar a altura das Antas, desalojando o piquete inimigo que alli se achava, e proteger o movimento da outra columna composta do 3.° de Caçadores, e do de Atiradores commandados pelo Tenente Coronel Sequeira, a qual sahindo pelo Captivo atacaria o inimigo que se achava por aquelle lado, e apoiar em flanco a esquerda do ataque; em quanto parte do Batalhão de Caçadores n.° 2, avançando pela estrada de S. Cosme, protegia pela direita o movimento geral: neste mesmo tempo todos os Corpos na frente de suas posições observariam o inimigo, e os seus movimentos tirando delle a vantagem, que as circunstancias permitissem.

Os piquetes inimigos postados, na frente da Capella de São Roque, a meia legua da Cidade, na estrada de Vallongo, foram immediatamente desalojados pelas forças do Coronel Shwalbak, e postos em retirada: em quanto que, estes bravos seguiam, e perseguiam o inimigo que fugia diante delles, o Tenente Coronel Soares com 200 Caçadores do Batalhão n.° 2, avançou pela estrada de S. Cosme, forçou o inimigo além da Ponte de Campanhãa, e protegeu assim aquelle movimento.

A columna que havia marchado pelo Captivo,

commandada pelo Tenente Coronel Zeferino, tendo vencido todos os obstaculos dos caminhos, que o inimigo tinha obstruido fortemente; encontrou na sua frente uma consideravel força, bem intrincheirada, que obrigou ao Tenente Coronel a prolongar a sua linha, até á estrada da Cruz da Regateira, desalojando por aquelle lado o inimigo de todos os seus postos, e sustentando aquella posição, que conservou até ao fim do ataque principal. Em quanto que, as valentes columnas Liberaes preenchiam o seu dever na direita da linha, no centro della, o piquete do bravo Batalhão de Voluntarios da Senhora D. Maria II, no sitio da Agua-ardente, debaixo das ordens do Major Pimentel, (que foi gravemente ferido), atacou e desalojou das suas posições, o piquete inimigo, apesar da superioridade das suas forças.

Uma força do n.º 18 commandada pelo Major Miranda, atacou o Forte do Covello á esquerda da Agua-ardente, e depois de uma vigorosa resistencia, conseguio envolver o inimigo, e fazer-lhe 31 prisioneiros, inclusivè um Official: finalmente, em circunferencia de meia legua, desde Valbom até ao Covello, foram arrasados seus intrincheiramentos, suas baterias, e incendiados seus acampamentos, bem como foram arrasados todos os muros, casas, e tudo quanto podia encobrir o inimigo, tudo foi completamente destruido, e em consequencia, por alguns dias entrou na Cidade, quantidade de viveres atrahidos pelo bom preço do mercado.

Preenchido assim o objecto da sortida, o Coronel Shwalbak Commandante das operações neste dia, fez pôr em movimento a tropa, que pela direita e esquerda, se retirou tranquillamente diante de seus inimigos.

O valor, e enthusiasmo com que as tropas correram em todos os pontos ao combate, é digno dos

maiores elogios; elles avançaram sobre seus inimigos procurando-os, e levando-os ainda além de seus acampamentos, sem attenção ao desigual numero de forças, para mostrar aos escravos da usurpação, que aquella sortida era um simples reconhecimento, para n'um dia ser verificado pela liberdade, o ataque de morte do despotismo: a artilheria das baterias Liberaes, protegeu muito as operações deste dia, fazendo um damno consideravel nas fileiras do inimigo, que perdeu uns 700 homens, sendo a perda dos Liberaes de 174, inclusivè 15 Officiaes.

Sortida dos Liberaes ao campo do inimigo em 28 de Novembro.

Não obstante ser conhecido que, das sortidas ao campo do inimigo, pouca vantagem tiravam os Liberaes; mas antes hiam desimando, e enfraquecendo suas forças, que deviam poupar, póis que perdendo um homem, era igual a dez inimigos: estes tinham todo o Reino para recuperar suas percas, e os Liberaes só se limitavam aos recursos de uma Cidade cercada, e bombeada, e de alguns poucos recrutas que, o seu ouro podia atrahir da França e Inglaterra, bem como munições e mantimentos para o Exercito, e habitantes da Cidade.

O inimigo tendo ao Norte do Douro em frente da esquerda dos Liberaes, reunido grandes forças, e construido varias obras com que ameaçava vedar, e tolher aos Liberaes os recursos, que por aquelle lado podiam obter; neste sentido resolveu S. M. I. mandar fazer no dia 28 de Novembro, outra sortida ao campo do inimigo, a fim de destruir suas obras, e contel-o em respeito por algum tempo, em quanto

pela barra entravam os recursos de mantimentos, de homens, de cavallos, e de munições, que se esperavam de França, e de Inglaterra: para este effeito, ordenou que uma força commandada pelo General Brito, sahisse pelo caminho de Ramalde: Outra força commandada pelo Coronel Queiroz, sahisse ao mesmo tempo pela estrada do Padrão da Legua.

Ao meio dia de 28 de Novembro, as duas columnas obrando simultaneamente, desembocaram sobre o acampamento do inimigo, tendo antes surprehendido os seus piquetes, e rompido seus intrincheiramentos, levando tudo diante de si até á baixa de São Gens, e Senhora da Hora; em quanto que os Soldados prisioneiros commandados pelo Capitão Barreiros, arrasaram suas obras, e incendiaram seus abarracamentos; eram duas horas da tarde quando as chammas consumiam, e devoravam os acampamentos inimigos do Sério, do Padrão da Legua, da Senhora da Hora, de Ramalde, Bouças, e Serralves, armamentos, equipamentos, e effeitos de todas as especies e bagagens, que o inimigo completamente surprehendido, nelles tinha deixado; os ranchos foram lançados no fogo, as caldeiras destruidas, grande quantidade de armas foram quebradas; em fim, tudo quanto existia n'aquelles acampamentos foi reduzido a cinzas, e inteiramente inutilisado: 52 prisioneiros, 22 apresentados, e grande quantidade de ferramentas, foi o fructo recolhido desta sortida; além do terror que, a natureza do combate, e a arrogancia com que um punhado de bravos Liberaes, se atreveram a penetrar um tão numeroso Exercito, e destruir seus acampamentos pondo tudo em desordem, fazendo-lhe mais a perda de 1,000 homens entre mortos e feridos; assim ás quatro horas da tarde, todas as forças Liberaes estavam restituidas ás suas primeiras posições; menos 272 mortos e feridos, sendo 32 Officiaes. A

rapidez das operações naquelle dia, de tal maneira surprehendeu ao inimigo, que Telles Jordão, General Miguelista, custosamente escapou de ficar prisioneiro.

O inimigo que da parte do Sul, diariamente fazia presente de algumas bombas aos habitantes da Cidade, foi neste dia mais generoso, em recompensa da visita que os Liberaes fizeram a seus camaradas da parte do Norte; elles toda a tarde e noite raivosos, mandaram um diluvio de balas, e bombas sobre a Cidade, sem que com tudo seus effeitos fossem notaveis, á excepção de uma bomba incendiaria que, penetrando n'um armazem de linho no Convento de São Domingos, reduzio este todo á cinzas, não podendo a isso obstar a diligencia, e fadiga da Companhia dos Incendios, que mesmo debaixo dos projectis que o inimigo áquelle sitio positivamente dirigia, não lhe foi possivel atalhar.

Fogo sobre os Navios a entrar pela Barra.

As fortificações do inimigo ao Sul do Douro, estavam adiantadas até á desembocadura na barra, o terrivel fogo que faziam sobre as embarcações de Guerra Liberaes, que se estavam apromptando e equipando, as obrigou a sahir para o mar mesmo debaixo de muito risco; o Ave de Graça foi mettido a pique, e outros que não poderam vencer, ou porque ainda não estavam em estado de velejar, foram postos em abrigo debaixo d'agua, antes que pelo inimigo mettidas ao fundo: neste mesmo tempo entrou pela barra o Raven, Cuter de Guerra Inglez, sua bandeira não foi respeitada dos Miguelistas pelo fogo de suas baterias: um marinheiro foi morto, e outros

feridos a bordo do Childers, Brigue de Guerra Inglez, Commandante Deans, e seu aparelho mui damnificado; o Representante Inglez pedio satisfação da offensa, a resposta foi, que os tiros foram dirigidos ao Castello da Foz, e que elles interviram o momento: um navio Francez carregado de farinha, foi mettido a pique á entrada da barra; e um Hiate Portuguez com carga de milho, teve a mesma sorte.

Antes disto acontecer, tinham os Liberaes recebido algumas reorutas estrangeiras, cavallos, artilheria, e munições; e tódos os dias esperavam mais, e algumas já se achavam fóra da barra, esperando occasião de entrada, o que não poderam conseguir, á vista do impedimento do inimigo; o terrivel inverno approximava-se, e quando a entrada não fosse interrompida por aquelle, ella o vinha a ser por outro elemento mais forte da natureza.

Sortida aos Armazens de Vinho do Cabaço em 17 de Dezembro.

Os Liberaes por tres vezes debaixo de fogo, tinham passado a Villa Nova, d'onde conseguiram tirar do Armazem da Praia, porções de vinho pertencente á Companhia: os armazens da Cidade estavam desprovidos d'esse precioso licor, que fazendo parte do alimento de seus habitantes, creados e habituados com elle, torna-se quasi da primeira necessidade: um outro armazem tambem pertencente á Companhia no sitio do Cabaço, não offerecia muita difficuldade; os Liberaes tentaram passar para a Cidade o vinho alli existente, e ao mesmo tempo destruir, e arrasar os muros da Cêrca do Convento do Valle de Piedade; d'onde os piquetes inimigos a coberto destes, e

sem risco interceptavam, tomavam, e espancavam as pessoas que daquella margem do Rio, pertendiam passar alguma qualidade de mantimentos para a Cidade, cujo sitio, a todos os respeitos, offerecia por aquelle lado as especulações.

No dia 17 de Dezembro ás 7 horas da manhãa, uma força de 400 homens, e alguns Voluntarios Liberaes embarcaram em Massarellos, e atravessando o Rio desembarcaram no Caes, perto do armazem, e carregando logo os piquetes inimigos, os levaram até ás alturas do Candal, onde sustentaram por tres horas, um vivissimo fogo, a dar tempo que se concluisse a opperação da tirada do vinho, e arrasamento dos muros do Convento, que serviam de coberto ao inimigo; mas como este se achava em tal posição que, póde em menos de uma hora, reunir mais de 6,000 homens; força mais que superior á dos Liberaes, tiveram estes de retirar-se precipitadamente sobre a margem do Rio; aqui esperavam elles achar as embarcações em que pertendiam passar outra vez á Cidade; porém qual não foi sua surpresa ao ver, que nem uma alli existia, tendo voltado á Cidade carregadas com vinho, e seus remadores renitentes em conduzil-as á salvação dos camaradas, que se achavam afflictos na margem do Rio, sem terem mais terreno que quarenta palmos de Caes que pisavam, e perdidas todas as esperanças de ganhar mais: alli perto achavam-se ancorados tres Navios de Guerra Inglezes, e alguns mercantes: muitos dos Soldados se lançaram ao mar, apoiando-se nas amarras, e viradores d'aquellas embarcações; alguns foram salvos a bordo dos merbantes, onde acharam a hospitalidade, que o conflito exigia; outros a quem sua má fortuna guiou a salvar-se a bordo dos Navios de Guerra; seus Commandantes, por quererem sustentar a politica de não intervir, negaram-lhes o soccorro; e aquelles infelizes

não podendo voltar para reunir-se a seus camaradas, ou antes entregarem-se prisioneiros a seus inimigos, foram victimas morrendo afogados!! Este facto praticado por Commandantes de Navios de Guerra, pertencentes a uma Nação, que se diz protectora da humanidade, certamente é digno da eterna memoria de todos os Portuguezes.

A perda dos Liberaes n'aquella tentativa foi de 74 homens, inclusivè 5 Officiaes; tendo a lamentar-se a maneira, como os mais delles foram precipitados no Douro, por causa daquelle negado soccorro.

Acontecimentos notaveis desde 18 de Dezembro, até 7 de Janeiro de 1833.

O fogo das baterias inimigas da parte do Sul, na forma do seu costume, continuou dia e noite encommodando, e mimoseando os habitantes da Cidade com bombas, e foguetes incendiarios, que alguns estragos tinham feito; porém o mais notavel, foi o incendio na Alfandega, aonde grande porção de fazendas, calculadas no valor para mais de cem contos de réis, foram consumidas pelas chammas; não obstando a isso os esforços dos empregados nas Companhias das Bombas, que muito se distinguiram naquella occasião: — o Brigue de Guerra Coquet, que se achava ancorado no Douro, entre Quebrantões, e o Seminario, foi mettido no fundo pelo fogo da bateria inimiga, construida em Oliveira do Douro, podendo apenas salvar-se a tripulação.

Os possuidores de viveres principiaram a retiral'os em seus armazens, ou a escondel'os, seu preço cada dia augmentava cincoenta por cento, e dias houve que por dinheiro algum vendiam; naquella penosa

situação, o Governo do Municipio fez publicar um Edito, para que todos os possuidores de viveres os puzessem á venda francamente; e como d'aquella salutar providencia, não resultasse o desejado effeito; o Governo resolveu mandar proceder a rigorosas buscas, e tudo quanto appareceu foi distribuido ao povo por seus regulares preços; mas que foi isso para supprir necessidades de uma população tão numerosa, em uma Cidade cercada, e vedadas todas as entradas para ella.

A peste ou a contagiosa molestia da Colera-morbus, tinha graçado tanto no Exercito, como nos habitantes; os doentes eram immensos, e cada dia em augmento; a fome habitava em o maior numero das familias, tudo se tinha acabado menos arroz, e assucar que sempre houve em abundancia, e por muito tempo foi o unico alimento dos sitiados: que scena tão desagradavel se apresentava a seus olhos! E em que triste situação se achava n'aquella época o Governo dos Liberaes; mas a Alma do Grande Pedro não foi, nem era capaz de succumbir; Elle com a mesma presença de espirito a tudo acudio, a tudo deu remedio, coadjuvado por seus dignos Ministros, e Conselheiros, e ajudado da boa vontade dos habitantes: hospitaes separados e proprios para recolher, e curar os doentes acommettidos do contagio: no Convento das Carmellitas estabeleceu a factura da sopa economica, presidida e administrada por dignos Cidadãos, que com toda a caridade distribuiam rações, com as quaes alimentavam diariamente mais de oito mil, de seus irmãos pobres.

Em o 1.º de Janeiro de 1833 desembarcou na Costa o General Francez Solignac, um esclarecido patriota liberal, encanecido na carreira das armas, distincto por feitos brilhantes; deixou a sua patria, e veio associar a sua gloria á dos defensores da Libe-

dade Portugueza, e ajudal'-os na causa em que se achavam empenhados, desembainhando sua espada nos campos da batalha, em defeza da Rainha legitima: S. M. I. o Senhor D. Pedro Duque de Bragança, Commandante em Chefe, admittio aquelle bravo General ao serviço da Rainha, nomeando-o Marechal Commandante do Exercito Libral, por Decreto de 8 do dito mez e anno, com applauso e contentamento do mesmo Exercito, e de todos os habitantes empenhados na nobre causa; cujo posto exercia o digno, incomparavel, e distincto por seus bem conhecidos feitos, o Duque da Terceira, a quem S. M. I. tinha escolhido para marchar a outra parte, exercer feitos mais gloriosos, e fazer serviços mais relevantes a toda a Nação.

Desembarque de varios objectos na Praia da Foz — e opposição do inimigo: — em 8 de Janeiro de 1833.

Os Liberaes estavam senhores da fortaleza de S. João da Foz, e do alto do Faról da Senhora da Luz, aonde tinham construido um reducto, — a Praia na curta distancia de uma a outra posição, offerecia um pequeno areal entre os immensos rochedos, que a natureza alli produzio, e as encrespadas ondas do mar tem descoberto; por aquelle pequeno areal, destinado pela Divina Providencia, para soccorrer os defensores da justa causa, e do Throno usurpado á Joven Rainha, principiaram os Liberaes não com pouco risco do mar, e por entre rochedos a receber alguns reforços, e provisões de bordo dos navios ancorados na Costa; isto mesmo á vista do inimigo, que pensando ter fechado todas as communicações,

e recursos aos sitiados, por terra e pela barra, escapou-lhe aquelle cantinho.

O Governo Liberal destinou o dia 8 de Janeiro de 1833, para se fazer o primeiro desembarque, de varios antigos para o Exercito, e igualmente para os habitantes; as Catraias e mais embarcações destinadas a fazer aquella operação, sahiram de noite pela barra, mesmo debaixo do fogo do inimigo, que se tinha estabelecido no areal da ponta do Cabedello, ao Sul da barra, com o fim de obstar o transito do mais pequeno barco; — o Coronel Bacon, Commandante dos Lanceiros, foi mandado postar o Corpo do seu commando, no alto do Pastelleiro e de Lordello, com o fim de observar os movimentos do inimigo, facilitar e segurar livre transito pela estrada da Foz á Cidade; em quanto que os destacamentos da fortaleza da Foz, e Senhora da Luz reforçados por Voluntarios, e parte do Batalhão de Francezes, coadjuvava e protegiam o desembarque, que naquelle dia ás sete horas da manhãa, principiou a effectuar-se na praia da Costa; e em duas horas estavam em terra 130 cavallos — 200 bois — 4,000 quintaes de bacalhau — porção de carneiros — gallinhas, e outros generos. Telles Jordão, General Miguelista, commandava as forças inimigas sobre a Foz, tentou oppor-se áquelle desembarque, e atacando a fortaleza, e Senhora da Luz, foi repellido pela valente guarnição, que protegida pelo fogo da artilheria, conseguio pôr o inimigo em retirada, deixando no campo grande numero de mortos, e oitenta feridos; — os Liberaes perderam um Major, quatro Voluntarios, e alguns feridos.

Linhas de defeza para cobrir, e segurar livre o transito da Foz á Cidade.

Os Generaes Miguelistas estavão persuadidos, e seguros de que a Cidade atacada pelo fogo destruidor de suas baterias, pela peste, e pela fome, viria um dia a render-se, e entregar-se á discripção; sem que fosse necessario arriscarem-se a uma acção geral, de cujo resultado seria para elles outro fatal dia similhante ao 29 de Setembro do passado anno; porém ao ver que lhes tinha escapado aquelle caminho, por onde os Liberaes principiavão a receber provisões, empenhárão-se na construcção de novas baterias, em o Pinhal, monte do Castro, e Serralves, que dominavão o sitio e Costa do desembarque, o unico apoio para a defeza do Porto.

O Exercito Liberal, n'aquella época, apenas contava dez mil homens combatentes (mas valentes, e decididos), que guarnecião toda a linha, á frente de oitenta mil de que se compunha o Exercito inimigo sobre a Cidade: o ponto do desembarque na Foz, e o caminho em distancia de uma legua até á Cidade, era infallivelmente preciso segural-o, para a livre condução dos generos desembarcados; tudo offerecia difficuldades, que a Alma do Grande Pedro, e só Elle era, e foi capaz de removêr e remediar.

S. M. I. immediatamente mandou, que as linhas de defeza da esquerda, e parte de Oeste se estendessem ao Carvalhido, Ramalde, Lordello, Pasteleiro, a fechar no Forte da Senhora da Luz, ficando assim livre a praia do desembarque, e coberto o caminho do transito para a Cidade; foi nesta mesma occasião em que os habitantes derão mais provas de sua energia, valor, e constancia, acompanhando, e traba-

lhando com S. M. I. na construcção d'aquellas obras, que por milagre, ou pela actividade do seu magnanimo Director, ellas foram principiadas, e rapidamente concluidas, ainda que em ligeiro ponto por falta dos precisos braços, e utensilios, e guarnecidas na propôrção das fôrças combatentes do Exercito Liberal; que apesar de serem poucos, elles com seus peitos, valor, e bravura, repelliram o inimigo sempre que este tentou cortar, e invadir aquellas debeis linhas de defeza.

A Costa do Porto, em mezes invernosos, é regularmente tormentosa, o imminente perigo afugenta os Nautas daquelle arriscado mar; porém quiz a Divina Providencia que, aquelle mez do Janeiro de 1833, fosse um tempo bonançoso e aprasivel, para os sitiados continuarem a receber pelo ponto destinado, as provisões de bordo dos navios, que em grande numero se achavam ancorados na Costa: o desembarque, apesar de ser feito de noite, com tudo em poucos dias a Cidade foi abastecida de generos de primeira necessidade, e o Exercito dos Liberaes reforçado por centenares de recrutas, chegados das Ilhas dos Açores, de Inglaterra, de França, e da Belgica; bem como de cavallos Inglezes, e Francezes, sem que o inimigo se atrevesse a obstar a taes recursos.

Ataque pelos Liberaes ao Forte do Monte do Castro em 24 de Janeiro.

Os Generaes Miguelistas tinham todas as proporções para construir suas obras de fortificação, com rapidez e segurança; milhares de escravos do usurpador foram empregados em tal serviço, e muito breve

elles levantaram no monte do Castro um soberbo, e impenetravel Forte, com seis bocas de fogo, dominando o sitio do desembarque; cujo Forte era forçoso ser destruido pelos Liberaes, quando não podesse ser tomado e conservado por estes.

Em taes circunstancias, S. M. I. deu suas Imperiaes ordens ao Marechal Solignac, que á frente de mil e tresentos bravos Soldados, oitenta Lanceiros a cavallo, com quatro peças de artilheria, sahio no dia 24 ás duas horas da tarde, pelo caminho de Lordello, ás alturas do Pasteleiro, e fez occupar em frente de S. João da Foz, as posições que cobriam a Senhora da Luz, fazendo expulsar dellas os póstos inimigos; este reunindo uma força de sete a oito mil homens, em frente dos Batalhões Liberaes, foi necessario todo o valor destes bravos, para se sustentarem em suas respectivas posições, contra forças tão superiores, até ás quatro horas da tarde; quando então atrevidamente avançaram ao Forte, que o inimigo estava construindo no monte do Castro; e atacando-o com a maior intrepidez, foi então por elles tomado, queimando, e destruindo todas aquellas obras; retirando-se o inimigo, ou fugindo na maior desordem, tendo perdido na acção para mais de 700 homens: eram oito horas da noite, tendo os Liberaes preenchido os fins daquella sortida, quando o Marechal Solignac abandonando o Forte, ordenou que as tropas voltassem pelo caminho de Lordello, ás posições que antes occupavam: tendo a lamentar-se a perda de 252 bravos, inclusivè 6 Officiaes do Exercito Liberal.

Tristes, e notaveis occurrencias.

No segundo mez do anno de 1833, achou-se ainda D. Pedro lutando com immensas difficuldades;

por uma parte, a falta da precisa união dos Liberaes, filha da emulação por recompensa de serviços; por outra, o Exercito diminuindo, mas por molestias, outros cahidos no campo da honra, em defeza dos direitos da Rainha, e da Liberdade dos Portuguezes; provisões não faltavam fóra da barra; mas o seu desembarque era ameaçado por elementos mais poderosos, que o inimigo de terra: polvora, e o mantimento dos fuzis e dos canhões, estava por desembarcar; o Commandante do navio declarou trazer ordem, para antes disso, receber a seu bordo o valor do carregamento: o Thesouro, principal movel de todas as operações, estava no ultimo apuro de finanças; todas aquellas difficuldades, e obstaculos foram vencidos pelo Grande, e incomparavel D. Pedro, coadjuvado por seus dignos, e habeis Ministros: o da Guerra, Agostinho José Freire, trabalhou incessantemente no recrutamento, tanto na linha, como em Voluntarios provisorios, elevando toda a força armada a um numero respeitavel; não equivalente ao Exercito inimigo, porque isso não era possivel, mas na proporção de um Liberal para seis do usurpador: o da Fazenda, José da Silva Carvalho, aquelle habil Ministro pela sua astucia, e boas maneiras que empregou, fez immediatamente apparecer, e entrar no Thesouro, numerario sufficiente, com o que se removeram e aplanaram, muitas, e mui urgentes difficuldades no vencimento da causa, em que os Liberaes se achavam empenhados.

Regresso do Marechal, Conde Saldanha, ao Porto.

Quando o Marechal Saldanha, aquelle benemerito, e sabio militar, bem conhecido por seus talen-

tos, e serviços, attestados por tantos, e tão honrosos distinctivos, ganhados no campo da honra; sahio de Plymouth commandando uma divisão de emigrados Portuguezes, para desembarcar na Ilha Terceira, e alli partilhar com seus irmãos de armas, da gloria, ou dos trabalhos na defeza da causa da Rainha, e da Liberdade; seus inimigos, e rivaes, envejosos pelos feitos gloriosos, que seus talentos alli podiam desenvolver, não duvidaram (mesmo com risco da causa em que se achavam empenhados) de promover malignos projectos para impedir, que elle com a divisão que commandava, desembarcasse n'aquella Ilha, aonde chegou a 16 de Janeiro de 1829; e com effeito elle foi obrigado a voltar, e á hir desembarcar na França em 29 do dito mez: os protestos que fez sobre as aguas da Terceira, contra Wolpe, Commandante dos navios de guerra Inglezes, cruzando sobre aquella Ilha, por lhe obstar ao desembarque, e por mandar descarregar sua artilheria sobre os navios, que conduziam aquella divisão, e o manifesto feito na França, bem claro mostra, quem foram os autores da intriga: estes, ainda não satisfeitos, continuaram o mesmo manejo perante S. M. I., então ainda Imperador no Brasil, e de tal maneira, que S. M. I. tendo acreditado, quando voltou á Europa aportando na França, e alli fazendo aprompta r uma expedição de Francezes, ao serviço da Rainha, e de emigrados Portuguezes, com os quaes passou á Ilha Terceira, deixou ficar em esquecimento aquelle digno, sabio, e valente General.

O Marechal Solignac, que conhecia os talentos do Marechal Saldanha, não duvidou desenganar D. Pedro do erro em que laborava, despresando os relevantes serviços, que elle podia, e era capaz de fazer á causa da liberdade; e desenvolvendo-se n'essa occasião a falsa intriga; então S. M. I. mui positiva-

mente mandou convidal'-o a vir tomar parte na lucta em que se achava empenhado: o Marechal, Conde de Saldanha, annuindo aos desejos de S. M. I., partio de França, e desembarcando na praia de S. João da Foz, no dia 25 de Janeiro de 1833, veio unir-se aos defensores do Porto, na crise a mais arriscada; a confiança e amisade, que a tropa, e os habitantes tinham no heroe recem-chegado, foi justificada por immensos, e repetidos vivas, em todas as ruas por onde transitou, até ao seu quartel.

Ataque do inimigo sobre as linhas de Lordello, e Foz em 4 de Março.

A posição do Forte do Castro tomada, e abandonada no dia 24 de Janeiro; achava-se completamente fortificada pelos Miguelistas, bem como Serralves; ambos construidos n'uma posição muito prejudicial ás operações do desembarque: o Marechal, Conde de Saldanha, foi mandado tomar conta de toda a esquerda da linha de defeza, que protegia o desembarque, e a communicação da linha com a Foz: seus serviços nesta occasião nunca podem ser apreciados de mais; com fraquissimos meios, elle habilmente se aproveitou das vantagens, que o terreno offerecia, cortado como era, por muros de pedra, que dividiam os campos de agricultura, escolhendo aquelles, cujos angulos, davam um fogo cruzeiro; á pressa, elle levantou uma banqueta por de traz, e cortando fóssos na frente, construidos em linhas soffriveis para cobrirem seus atiradores, tudo communicado por uma estrada coberta; construio um reducto ou bateria no Pinhal, e outro no Pasteleiro; estas duas bellas posições, dominando por um fogo cruzeiro o Forte do

Castro, obstou ao inimigo ganhar á Senhora da Luz, e por tanto a completar suas vistas de cortar as communicações com o mar, e de aniquilar a linha da esquerda dos Liberaes: na verdade, aquelle General mostrou nesta occasião, seu talento na tatica de linhas de defeza: a popularidade de Saldanha, a confiança que o povo alto, e baixo tinham nelle, concorreu muito para a prompta construcção d'aquellas obras: o Exercito era composto de homens dos officios mecanicos, a quem era penoso o trabalho, e outro que não fosse Saldanha, não conseguiria fazer, como elle fez, de uma tal gente gastadores, e sapadores, perdendo sete homens antes de completar metade da obra, porque os trabalhadores estavam sempre debaixo de fogo, e frequentemente eram obrigados a largar as ferramentas, para com as armas na mão defender o terreno: obras exteriores em flexa, nos entrevallos das duas baterias do Pinhal, e Pasteleiro, foram de muita utilidade nos subsequentes ataques; a uma dellas os Soldados lhe chamavam a flexa dos mortos, por piquete nenhum voltar d'alli sem participar de alguma perca: este ponto foi verdadeiramente o mais importante da defeza do Porto, o local não dava nenhuma vantagem aos sitiados, onde tiveram de effectuar tudo á força de laboriosos trabalhos, pois eram meramente campos de agricultura: aquelle General desenvolveu tanto zelo, e actividade na conclusão d'aquelles trabalhos, quanta habilidade, e coragem mostrou em defendel'-os.

No dia 3 de Março ainda não estavam completas as obras, e menos guarnecidas da competente artilheria, quando o General Saldanha teve noticia, que no seguinte dia seria atacado em suas posições pelo inimigo, elle immediatamente deu suas ordens, e conseguio naquella noite ficar toda a artilheria montada, e collocada nas novas baterias.

Ao romper da aurora no dia 4, os Miguelistas fizeram um ataque falso sobre a direita das linhas do Porto, e ao depois foram apparecendo columnas fortes, marchando sobre a posição que Saldanha occupava: este bravo, e circunspecto General encarregou ao Coronel Pacheco, de defender o reducto do Pinhal á esquerda do Pasteleiro com um Batalhão do Regimento n.° 10, ás ordens do Major Carneiro, e com o 1.° Batalhão de paisanos do Minho, ás ordens do Coronel Ozorio: a posição do Pasteleiro foi encarregada ao Major Cabral para a defender com parte do 3.° Regimento do seu commando: a flexa que ligava estas duas posições, foi occupada por um forte piquete do 3.°, e 10.°: a posição da Senhora da Luz foi occupada, e defendida pelo 1.° Batalhão Movel de paisanos, commandado pelo Major Rangel: a communicação entre o Pasteleiro, e Lordello foi confiada ao bravo Major Shaw, commandando um destacamento de Escocezes, e de Voluntarios Inglezes: Lordello estava occupado por um Batalhão do Regimento 9.° de Infanteria.

Mal se conheciam os objectos, quando uma nuvem de atiradores inimigos, se lançaram sobre a primeira linha das fortificações, seguidos por fortes destacamentos, e estes por grossas columnas, marchando com intrepidez sobre as posições de Lordello, Pasteleiro, e Pinhal, e sobre os pontos de communicação entre estas posições; ao mesmo tempo que outra columna se dirigia entre a posição do Pinhal, e Senhora da Luz.

O General Saldanha prohibio, que as tropas Liberaes respondessem ao vivissimo fogo, que o inimigo sobre elles fazia, e deixando-o aproximar foi o inimigo recebido com uma só descarga, e logo carregado á bayoneta vigorosamente pelas bravas tropas, e ao mesmo tempo jogando sobre suas columnas a ar-

tilheria, com que não contava n'aquellas posições, foi tal a mortandade nas columnas inimigas, e o terror que lhe imprimio o sangue frio, com que os Liberaes avançaram em todos os pontos sobre elles, que os officiaes do usurpador não poderam fazer tornar á carga os seus Soldados, e os foguetes de congreve lançados do Forte da Luz, e a artilheria do Pasteleiro completaram a total derrota do inimigo nesta tentativa: assim foi repellido aquelle ataque, e malograda a victoria, que os satellites da usurpação contavam n'aquelle dia alcançar; deixando mortos no campo 300, e o numero de feridos passou de 1,200: a perda dos Liberaes neste glorioso combate foi de 2 Officiaes, e 13 Soldados mortos, e de 10 Officiaes, e 84 Soldados feridos. Todos os Officiaes, e Soldados a quem coube por sorte entrar nesta memoravel acção, rivalisaram em se distinguir; cada um no seu posto se encheu de gloria; todos, e cada um mereceram a estima de S. M. I., e a gratidão de seus Concidadãos.

Ataque á Serra do Pilar em 4 de Março.

O inimigo da parte do Sul, principiou na madrugada do dia 4 pelas tres horas um terrivel fogo sobre a posição da Serra do Pilar; a artilheria de todas as suas baterias, que descobriam aquella invencivel posição, trabalharam, e mais de mil bombas foram arrojadas sobre seus defensores: além disto, o inimigo pelas oito horas, sahio do seu acampamento do campo da Carabella, em duas fortes columnas; uma por Quebrantões, outra pela Fervença dirigindo-se ambas ao muro da Cêrca, e rompendo fogo por uma linha de atiradores, foi respondido pelos defensores, com tiros de metralha sobre suas reservas, com

tal felicidade, que o inimigo ás nove horas cedeu de sua tentativa, retirando-se com perda consideravel, sendo a dos defensores de seis homens, inclusivè um Official.

Perigosa situação dos Liberaes — Constancia dos Portuenses.

Imperiosas difficuldades continuaram a mortificar a Alma do Grande Pedro! — A Cidade cercada por um numeroso Exercito inimigo — os mantimentos de toda a especie estavam consumidos — o inverno continuando; e por consequencia impedido o desembarque de provisões na Costa do mar — a fome, a peste, as bombas, as granadas, consumiam e affligiam aos sitiados — os feridos, as viuvas, e orfãos dos páes cahidos no campo da honra e da liberdade, traspassavam a Alma do Grande Páe da Patria — o Exercito, e os habitantes, por muito tempo seu unico sustento foi arroz com assucar; privados de todas as commodidades da vida, sempre com a mesma firmeza.

Houve naquella época, quem lembrasse a D. Pedro para transigir com o usurpador, a sua resposta foi, que » NUNCA » pois estava resolvido a sugeitar-se ao resultado final da contenda, qualquer que elle fosse, e da mesma sorte o Exercito que tinha a gloria de Commandar, bem como todos os habitantes da Cidade, que tantas provas tinham dado do seu valor, e lealdade pela causa da Rainha, e aborrecimento ao déspota, e tyranno usurpador.

Ataque do inimigo sobre as linhas Liberaes, desde as Antas até á Foz — Retomada das Antas — Coragem dos Portuenses em 24 de Março.

No dia 24 de Março o inimigo, não obstante a inutilidade das suas passadas emprezas, e esquecido da lição que no dia 4 tinha levado, meditou com toda a sua má fortuna, dirigir mais um ataque contra as posições dos Liberaes, principiando pela direita; mas seu principal objecto, e fim, foi atacar a posição de Saldanha na parte do Pasteleiro, e Pinhal, para assim cortar a communicação da Cidade com a Foz.

S. M. I. ordenou, que a posição das Antas até alli occupada sómente pelos piquetes Liberaes, fosse fortificada; cuja obra principiou na noite do dia 23: pelas onze horas do dia 24, o inimigo em força de 3,000 homens atacou os piquetes n'aquella posição, e depois de uma renhida disputa contra forças muitissimo superiores, foram obrigados a retirar-se sobre suas reservas, vindo a tomar posição perto das linhas: esta circunstancia facilitou ao inimigo occasião para destruir as obras principiadas.

S. M. I. apenas recebeu a participação, dirigio-se ás linhas naquelle sitio das Antas, e comprehendeu desde logo, que aquella tentativa era pretexto, e uma diversão destinada a favorecer um ataque verdadeiro sobre a esquerda, e uma repetição do projecto do dia 4, esta idéa foi promptamente confirmada; por quanto o inimigo bem depressa rompeu o fogo de todas as suas baterias, sobre os differentes pontos da esquerda, desmascarando com isso o seu projecto, que suppunha ter até alli habilmente disfarçado.

Ao mesmo tempo o General Conde Saldanha, Commandante das posições na esquerda, participou,

que o inimigo começava a sahir dos seus intrincheiramentos em tres columnas, dirigindó-se duas aceleradamente sobre o reducto do Pinhal, que defendia o Coronel Torres com parte do Regimento n.° 6 do seu commando, e por elle foi vigorosamente repellido com muita perda o inimigo, e de tal modo amedrontado, que apesar dos repetidos esforços de seus Officiaes, a tropa não ousou atacar de novo: ao mesmo tempo outra columna se dirigia ao Pasteleiro, porém exposta desde o momento em que se mostrou ao fogo da artilheria, e dos foguetes de congreve, que sobre ella cahiram, não chegou a effectuar o seu ataque, e fugio em completa desordem.

Inutilisado assim o projecto do inimigo sobre a esquerda, ordenou S. M. I. immediatamente a occupação do reducto das Antas, de que o inimigo tinha tomado posse.

Apenas o General Duque da Terceira, Commandante do districto das Antas, recebeu as ordens de S. M. I., fez destacar duas columnas; a 1.ª composta de um destacamento do Regimento n.° 9, commandada pelo Coronel Menezes, e de outro destacamento do n.° 10, commandado pelo Major Vaz de Carvalho, e de um Batalhão do Regimento de Marinha, commandado pelo Major Brownson: esta columna ás ordens do Brigadeiro Shwalbak, sahindo pela estrada de Vallongo, atacou a esquerda da posição que o inimigo occupava em maior força, e cortou a communicação desta, com a que elle tinha á esquerda da mesma estrada: entre tanto outra columna composta do 1.° Batalhão de Marinha, do commando do Major Sadler — de um destacamento do Regimento n.° 3, commandado pelo Capitão Araujo, e de outro de Caçadores n.° 5, commandado pelo Coronel Silva Pereira, combinando seus movimentos

com aquella primeira, atacou pela direita do inimigo a posição das Antas.

O Coronel Silva Pereira atacou intrepidamente a posição, a qual o inimigo logo abandonou: sendo porém fortemente apoiado pelas suas reservas, voltou á carga; e umas, e outras tropas disputaram vivamente o terreno, no qual foi ferido gravemente, e depois morto o Major Sadler: em quanto isto acontecia, a columna do Brigadeiro Shwalbak atacou impetuosamente, e desalojou o inimigo da sua esquerda: forçoso foi ao inimigo rechaçado nas suas posições, retirar-se com precepitação aos seus intrincheiramentos, e deixar restabelecer os piquetes Liberaes além de todas as posições, que d'antes occupavam: a este tempo desfilaram tres esquadrões de Cavallaria, ameaçando a columna do Brigadeiro Shwalbak; então oitenta Lanceiros commandados pelo Major D. Antonio de Mello, 30 Officiaes do Corpo de Guias a cavallo, e 28 Voluntarios Nacionaes de cavallo, tomaram com a maior rapidez a conveniente posição, para se oppôr a qualquer projecto da Cavallaria inimiga, a qual se contentou em tomar formatura, e continuar a ser espectadora indifferente da vergonhosa fuga da sua Infanteria.

Ao mesmo tempo tinha o inimigo prolongado sobre a sua direita uma linha de atiradores, na intenção de proteger aquelle ataque, distrahindo por este meio as forças Liberaes, mais proximas ao ponto do mesmo; porém um piquete do Regimento de Voluntarios da Rainha, commandado pelo Capitão Coutinho, combinado com outro do n.° 10, ás ordens do Tenente Moraes, carregaram o inimigo além da casa Negra, desalojando-o daquelle ponto no qual se estabeleceram.

Sendo quasi noite ficaram os Liberaes inteiramente senhores do reducto das Antas, de todas as

posições, e o inimigo forçado a recolher-se aos seus intrincheiramentos.

Os Generaes Miguelistas empenharam-se nesta acção confiados na tropa fresca, que de Lisboa tinha chegado, e apresentando-a na frente das suas columnas contavam com a victoria: malogradas foram suas esperanças, e pela completa derrota que neste dia experimentaram os recem-chegados, conheceram, qual seria sua sorte, se tornassem a apparecer em campo contra os bravos de que se compunha o Exercito Libertador.

Não é facil dar uma exacta idéa da tranquillidade, que neste dia, bem como em todos os de combate, se observou nos habitantes da Leal Cidade, e o enthusiasmo, e sangue frio com que armados, corriam ás trincheiras: os Batalhões Nacionaes, os Provisorios, e de Empregados Publicos, mostraram a mais determinada coragem, e vontade de tomar parte no combate; Soldados convalescentes, nada pôde impedir, que sahissem dos hospitaes com seus armamentos, reunir-se a seus Corpos, e alli partilharem com seus camaradas da gloria, ou dos trabalhos: á vista de tão decidido valor, e coragem dos defensores da Liberdade, e da legitima Causa da Rainha, como era possivel, que os satellites da usurpação podesem pisar, por um só momento, o sagrado recinto da Liberdade?!

Nesta porfiada contenda, que durou todo o dia, os dous Exercitos por mais de uma vez perderam, e ganharam seus terrenos; de parte a parte bateram-se fortemente, e promettendo o dia ser sanguinoso pelo encarniçamento dos dous Exercitos; com tudo os Liberaes nesta gloriosa acção sómente perderam em mortos, e feridos 325, sendo 31 Officiaes, e prisioneiros 63. O inimigo deixou sobre o campo da batalha no sitio das Antas, 186 mortos, e 65 prisioneiros

em poder dos Liberaes, e levantou feridos para mais de 1,000, segundo as noticias: no reducto do Pinhal, e do Pasteleiro junto á Foz não foi sua perda de menos consequencia; por quanto, os atacantes, querendo retirar-se, não foram apoiados por suas reservas, e por isso soffreram tanta perda, que poucos voltaram para se queixarem de como tinham sido abandonados na avançada.

Na gloriosa defeza deste dia, tiveram parte o Ministro da Guerra, Agostinho José Freire, e o da Marinha, Bernardo de Sá Nogueira, (que foi ferido em uma perna): estes dous intrepidos, e corajosos militares sahiram das linhas, e pondo-se á frente da tropa Liberal, que acompanharam, e animaram nos lugares mais arriscados, deram mais uma prova do seu valor.

S. M. I. foi testemunha dos feitos gloriosos, e dos elogios a que todos os Officiaes, e Soldados tiveram direito, pelo seu comportamento de valor e coragem, que desenvolveram n'aquella occasião, batendo-se contra forças tão desiguaes.

Em quanto o inimigo, da parte do Norte, forcejava para destruir as fortificações, e penetrar as linhas dos Liberaes; os da parte do Sul não se descuidaram de applicar bombas, e granadas sobre a Cidade: a paciencia soffredora dos Portuenses, o sangue frio com que esperavam os terriveis effeitos, que similhantes projectis costumam produzir, tudo isto a par da fome, e peste, que os affligia, nada foi bastante para abater sua coragem, e valor: elles occupados em seus officios domesticos, apenas o sino da Torre dos Clerigos annunciava o inimigo, atacando as linhas, tudo deixavam, e lançando mão da arma, marchavam unir-se aos defensores da liberdade, a participar da gloria d'aquelle dia: as mesmas viuvas que voltavam das linhas, com os despojos do marido alli

fallecido, chorando a sua natural falta, diziam == » elle já não existe, elle já não precisa dos meus cuidados, morreu pela liberdade da patria » == com estas doces expressões, mitigavam sua dor aquellas heroinas Portuenses, cuja constancia poderá ser imitada, mas nunca excedida.

Crise arriscada. Milagre da Divina Providencia.

Quando a situação dos Liberaes era a mais critica, e a mais arriscada, pela continuação do rigoroso inverno, que por muito tempo impedio o desembarque das necessarias provisões; quando houve momentos em que no Arsenal não existia um só barril de polvora, não obstante ter o Governo estabelecido manufactura deste combustivel, na Quinta do Bello ás Aguas-ferreas, tinham-se acabado as materias de sua composição: quando finalmente os satellites da usurpação, esperavam daquellas imperiosas circunstancias, obter dos sitiados o que por suas forças não tinham podido conseguir: foi naquella triste e arriscada crise, que a Divina Providencia em um momento fez desapparecer dias tempestuosos, applacando os ventos, e abrandando as impetuosas ondas, principiou a soccorrer seus escolhidos; e quando foi o meado d'Abril estava a Cidade abundante de todos os generos, desembarcados na Costa, e habilitada para resistir por muito tempo a seus inimigos.

Tomada da posição, e Forte do Covello pelos Liberaes em 9 d'Abril — Defesa do mesmo no dia 10.

Duas posições havia occupadas pelo inimigo, entre as linhas Miguelistas e Liberaes, que em verda-

de eram muito prejudiciaes aos sitiados, e protegiam qualquer tentativa do inimigo sobre as linhas de defeza da Cidade; isto mesmo foi lembrado em tempo; mas S. M. I., que então só contava com o pequeno Exercito desembarcado nas praias do Midêlo, limitou-se a mandar construir as linhas em circulo mais proximo á Cidade, equivalente ás poucas forças que tinha para as guarnecer, abandonando não só aquellas, mas outras muitas; porém quando conheceu a boa vontade dos habitantes, promptos a fazer todos os sacrificios pela causa da Rainha; quando vio que todos os homens sem excepção de idade, ou condição, correram a alistar-se nas bandeiras da Liberdade; e finalmente tendo sido testemunha de que, aquelles novos Soldados tendo-se batido em campo como tropas aguerridas, não duvidou, não só estender as linhas de defeza, como em desapossar o inimigo das posições, que occupava em grave prejuizo das operações dos Liberaes.

Senhores os Liberaes das posições de Lordello, Pinhal, Pasteleiro, Luz, e Antas, restava-lhe a do Covello; esta posição que dominava toda a linha dos Liberaes, desde a Agua-ardente até ao Serio, supposto que ao alcance das baterias do Monte Pedral, S. Braz, e Quinta dos Congregados, com tudo ella não só podia proteger qualquer tentativa do inimigo pela garganta do Lindo Valle; mas estando em poder dos Liberaes, podiam estes causar muito damno no acampamento, e linhas do inimigo, construidas nas planicies de Paranhos.

A altura do Covello estava occupada por uma força Miguelina, composta dos Regimentos n.º 12, e 13 de Infanteria, um de Milicias, e um Batalhão de Voluntarios Realengos: o inimigo depois da derrota que soffreu no dia 24 de Março, ficou em expectação, e só passados 15 dias appareceu, tentando for-

tificar aquella altura, de uma maneira impenetravel: então S. M. I. ordenou que, as tropas Liberaes desalojando o inimigo, occupassem aquella posição.

Na tarde do dia 9 d'Abril, uma força de 600 homens, commandados pelo Coronel Pacheco, composta de Caçadores n.° 12, e de Infanteria n.° 3, 9, e 10, dividida em duas columnas; a 1.ª composta dos n.os 9, e 12 de Caçadores, achava-se formada na Cruz da Regateira, e a 2.ª composta dos n.os 3, e 10, estava formada na estrada do Serio; eram seis horas da tarde, S. M. I., que na forma do seu costume, se achava presente, mandou que o inimigo fosse atacado; então o Coronel Pacheco fez avançar a passo accelerado a 1.ª columna; dirigindo-se o 12 de Caçadores sobre a esquerda do alto do Covello, e o 9.° de Infanteria sobre a casa da Nora, aonde estava collocado um forte piquete do inimigo: ao mesmo tempo a 2.ª columna se pôz em movimento, avançando parte do 10.° de Infanteria sobre a direita da mesma altura, e o 3.° de Infanteria sobre o monte da Secca, e o resto do 10.° marchava em reserva ao ataque da frente.

A' boa ordem, celeridade, e valentia com que a tropa Liberal de repente cahio sobre o inimigo, que não esperava similhante, e trevido ataque áquella hora, se deveu o ficarem os Liberaes em poucos minutos senhores do monte do Covello, que as tropas do usurpador vergonhosamente abandonaram, deixando alli todo o material, com que tentavam completar as fortificações já começadas; estas foram immediatamente destruidas, e os materiaes empregados na construcção do reducto, contra a parte opposta; cuja obra n'essa mesma noite ficou adiantada, pela direcção e assiduo trabalho do Coronel de Artilheria, Costa, e pelo auxilio que voluntariamente prestaram os Voluntarios Provisorios de Santa Catharina.

Ao mesmo tempo que as columnas avançavam ao Covello, foi o inimigo chamado á attenção na esquerda, e direita, por um tiroteio em que foram engajados os Voluntarios da Rainha, e Caçadores n.° 5, que fizeram o seu dever.

O inimigo, durante a noite, tentou retomar a posição, que havia perdido, dirigindo um ataque sobre o monte da Secca; (immediato ao Covello) este ponto achava-se defendido por um destacamento do Regimento n.° 3, o qual sendo reforçado por uma companhia da Brigada Real da Marinha, valorosamente sustentaram a posição, e pozeram o inimigo em completa debandada.

Pelas 4 horas da manhãa do dia 10, tendo cessado o tiroteio da parte do inimigo, as tropas Liberaes se retiraram a descanço, ficando o reducto do Covello guarnecido por 3 companhias do n.° 10, e por mais 100 homens de Caçadores n.° 12, e de Infanteria n.° 9, que ficaram occupando as casas demolidas sobre a direita do mesmo monte.

O inimigo, pelas cinco horas da manhãa, augmentando a sua força com os Regimentos n.° 7, 19, e 22, tentou novamente retomar as posições, quatro vezes avançou, e outras tantas foi vigorosamente repellido pela pequena força, que se achava no reducto, e immediações: em quanto o inimigo dirigia aquelle ataque sobre o Covello, uma força que tinha sobre Paranhos, marchava em direcção ao monte da Secca; este foi logo occupado por duas companhias do Regimento da Brigada Real da Marinha, que sustentando a posição que lhe foi confiada, repellio o inimigo em força muito superior, e á ponta da bayoneta o fez fugir na maior precipitação, e desordem, deixando em poder dos Liberaes 27 prisioneiros.

Quatro companhias do Regimento da Rainha, tendo tomado posição na estrada da Agua-ardente,

para servir de reserva; uma dellas avançou para supportar o posto occupado á direita do Covello, quando uma força inimiga appareceu na estrada da Cruz da Regateira, ameaçando um novo ataque: esta companhia carregando logo impetuosamente aquella força inimiga, a levou até seus intrincheiramentos, e voltou ao seu posto.

Frustradas todas as esperanças ao inimigo, de poder retomar as posições do Covello, quiz tentar sua fortuna por outro ponto. Pelas 11 horas da manhãa do mesmo dia 10 sahiram quatro columnas do inimigo de seus intrincheiramentos, e a passo accelerado se dirigiram contra os postos avançados de Infanteria n.° 15, do commando do Tenente Coronel Celestino, que defendiam a posição de Lordello.

Não obstante a superior força do inimigo, elle encontrou nos defensores tal firmeza em defender seus postos, e o bem dirigido fogo, atemorisou de tal forma os Soldados do usurpador, que não ousaram avançar além das posições, que ordinariamente occupavam seus piquetes.

Pelas 7 horas da manhãa do mesmo dia 10, o inimigo rompeu tambem fogo, em toda a extensão da linha dos piquetes, que cobrem a altura das Antas; sendo então repellidos naquelle sitio, pelas tropas do commando do Coronel Silva Pereira; porém ás 3 horas da tarde duas columnas inimigas, poseram-se em movimento sobre a direita das Antas; mas ao toque de avançar, os seus Caçadores n.° 8 não obedeceram, e em consequencia retiraram-se para dentro de suas linhas: o inimigo ainda não contente com as immensas perdas que tinha soffrido, tentou na tarde do mesmo dia pelas 5 horas, mais um ataque sobre o Covello, do qual foi vigorosamente repellido, e teve de recolher-se a seus intrincheiramentos, com mais de 600 homens de perda nestes dous dias de combate, além

da bella posição do Covello; os Liberaes perderam nestes dous dias 178 inclusivè 19 Officiaes; com cujo sacrificio elles ganharam uma posição que já em 29 de Março de 1809 abrio passo ao Exercito de Napoleão, commandado pelo General Soult, por onde penetrou na Cidade.

S. M. I. acompanhado de S. Exc.ª o General Solignac, sendo testemunha do brioso comportamento, e valor dos Officiaes, e mais praças, que nestes dous dias de combate, souberam desempenhar sêu dever, lhes dirigio seus Imperiaes, e beneficos agradecimentos acompanhados das merecidas recompensas.

Memoraveis occurrencias desde 10 *d'Abril, até o dia* 5 *de Julho.*

Desde o dia 10 d'Abril, até 5 de Julho nada occorreu entre os dous Exercitos digno de ser notado, excepto o chuveiro de balas, e bombas de dia, e de noite sobre a Cidade: os Generaes Miguelistas já não podiam conseguir, nem manter a boa disciplina, e subordinação no sêu Exercito; entre a tropa de linha havia muitos descontentes, e a deserção das Milicias, e Voluntarios para suas casas, hia em augmento; tal era o terror, e o medo dos que sustentavam o despotismo do usurpador, que sendo um numero consideravel, e com proporcionados recursos, não tinham podido, ha perto de um anno, penetrar no recinto da Liberdade, defendido por um punhado de bravos Liberaes, e só augmentado por paisanos armados; nem tão pouco defender e conservar suas posições, quando atacados.

O usurpador D. Miguel por tanto tempo esperado, chegou em fim, a revisitar seu Exercito; aquella

sua visita animou muito a todos os Miguelistas; os vivas de seus Soldados resoavam nos acampamentos, e se ouviam a grande distancia, fazendo de proposito um estrondo pasmoso, tudo com o fim de comprimir e abater os animos, coragem, e valor dos Liberaes; porém estes ao contrario, eram cada vez mais firmes em levar ao final sua tarefa, e resolução de vencer, ou morrer com as armas na mão em defeza da Liberdade, e da Rainha.

A brilhante e bonançosa primavera concorreu para facil desembarque de mantimentos, e mais objectos, com que centenares de navios de differentes Nações, atrahidos pelo bom preço do mercado, diariamente estavam fundiando na Costa: o plano do inimigo de reduzir a Cidade á fome falhou-lhe inteiramente; outro poder mais forte e sublime, amparou os Portuenses, dando-lhes valor, e constancia para soffrer a peste, a guerra, e a fome, permitindo que não falhasse arroz, e assucar para com elle se alimentarem até que, (graças ao Ente que tudo rege) os habilitou para resistir por muito tempo a seus inimigos.

Aquelle desembarque, supposto feito de noite, não era sem grande risco, pois que o inimigo tendo construido baterias no areal do Cabedello, mesmo áquella hora um fogo continuado, era applicado ao sitio das operações; porém os atrevidos remadores atravessavam a terrivel barra por entre numerosos rochedos, e sem temerem qualquer risco, elles conduziam duas e tres barcadas em cada noite para terra, e com tanta felicidade, que em todo o decurso de tempo, sómente morreram seis homens, e alguns foram feridos.

Com todo o rigoroso bloqueio por terra sobre a barra, assim mesmo em uma noite tentou, e conseguio sahir pela mesma, o Brigue de Guerra Liberal, commandado pelo Tenente de Marinha Soares

Franco, respondendo ás baterias inimigas tiro por tiro, até que póde sahir do seu alcance, rebocado, e espiado por pequenas embarcações, em cujo serviço se distinguio o Guarda Marinha Salter (que morreu nesta occasião), debaixo das direcções do habil, e perito Piloto-Mór da Barra, Joaquim Luiz de Sousa.

O inimigo tinha esgotado quantos recursos tinha disponiveis contra os Liberaes, tudo lhe tinha falhado na tentativa de fazer succumbir uma mão cheia de homens bravos, isolados, esfaimados, fechados n'uma Cidade, açoutada por quantos males a natureza conhece.

Nem a peste, nem a fome, nem a inquietação continuada de milhares de bombas, e granadas ameaçando a existencia, e o bem estar dos mais caros objectos de sua ternura, podiam domar a constancia dos Portuenses, a coragem do Exercito, e o invencivel espirito de D. Pedro; mettidos, e sitiados no pequeno recinto da Liberdade, resolvidos a morrer resistindo, e d'onde espalharam a morte e o terror entre seus inimigos, formidaveis sómente em razão do seu grande numero.

O Marechal Major General Solignac, tinha sido importunado para começar operações offensivas, e parecia resolvido a tentar algum golpe forte, contra os Miguelistas, — Solignac principiou a procurar em volta da Cidade os pontos por onde poderia emprehender, para isto levou comsigo Officiaes Generaes, que era provavel seriam empregados no commando, em caso de sortida: elle designou tres pontos, e maneiras de ataque, notando os objectos, que pertendia obter em cada um delles; mas não lhes communicou qual dos tres seria adoptado: na Cidade todos estavam anciosos, e alegres na esperança de brevemente tentar-se um golpe decisivo no inimigo: varios Conselhos d'Estado houveram, e a opinião dos

membros eram divergentes; o Marechal Solignac propoz seus planos, e pedio a cada um dos membros, que reflectindo, dessem sua opinião por escripto sobre suas proposições — assim foi resolvido no Conselho: Solignac tinha proposto atacar as linhas do inimigo em frente do Porto, ou commandar uma expedição de 5,000 homens, desembarcando nas visinhanças de Lisboa, pela occupação da qual se fazia responsavel: as opiniões por escripto dicidiram contra toda, e qualquer tentativa fóra das linhas do Porto, e tambem contra uma expedição, que exigia tão numerosa força destacada da guarnição da Cidade, ficando esta em perigo de se perder. Solignac então se offereceu a ficar no Porto, e que outro qualquer Official General commandasse a expedição, fazendo-se tambem responsavel pela conservação da Cidade até á volta da expedição: nenhuma destas proposições foi acceite no Conselho d'Estado, e no fim resolveu-se que uma expedição de menor força embarcasse para saltar em terra, onde fosse mais conveniente pelo lado do Sul de Portugal: o Marechal, por similhante motivo, pedio a sua demissão, a qual D. Pedro lhe concedeu, e deixou Portugal, embarcando-se para a França, tendo sido tratado por D. Pedro com todas as attenções d'amisade, e deixando aos Portuenses agradecidos pelos serviços que lhes prestou, e cheios de saudade pela sua ausencia.

S. M. I. reassumindo o commando do Exercito Liberal, resolveu finalmente destacar uma força de 1,500 homens escolhidos, do Exercito Libertador, e embarcal'-os, nomeando para Commandante delles, o Duque da Terceira; bem conhecido por seus talentos, firmeza, e constancia que sempre mostrou em todas as arriscadas emprezas, de que se tem encarregado na presente luta; já nas Ilhas, já no Cerco do Porto.

A medida de diminuir a força que defendia a Cidade, assustou muito alguma gente mais timida; e em verdade elles tinham razão; pois de todos era bem sabido, que todas as forças do Exercito Liberal, incluindo toda a arma, não excedia a 13,000 homens, e destes, 3 a 4 mil não podiam entrar em fogo nos dias de ataque; uns por serem empregados publicos, outros feridos, e doentes nos hospitaes; de maneira, que só se podia contar com 9,000 homens para guarnecer, e defender a Serra do Pilar, as Antas, o Covello, e as linhas até S. João da Foz; quando tambem se sabia que o inimigo distribuia 80,000 rações diarias no seu Exercito sobre o Porto.

Todas aquellas considerações, eram logo suppridas com a sublime idéa de ainda ficar entre elles o Grande Pedro, e calculando que a expedição sahindo ao mar, hiria desembarcar em algum sitio da Costa, perto e na retaguarda do inimigo sitiador, seria um passo, que obrigaria de alguma maneira, a levantar o Cerco para mais longe da Cidade.

A tropa destacada principiou a embarcar de noite debaixo de um continuado chuveiro de balas, e granadas, que os Miguelistas applicavam ao sitio do embarque (pois que o sabiam por via de seus espias); tal foi o medo que aquella expedição lhes infundio, que um fogo desesperado de bombas, granadas, e foguetes incendiarios, por dias e noites continuadas sobre a Cidade, foi com que desabafaram sua raiva, na consideravel perda de vidas dos habitantes.

No dia 21 de Junho, os defensores do Porto, viram dar á vela a esquadra, que conduzia aquelle punhado de bravos, ignorando seu destino, por ser um segredo sómente tratado no Gabinete de S. M. I. o Senhor D. Pedro: era impossivel não pasmar vendo o heroismo, e alegria, que naquelle dia reinava nos defensores, e habitantes Portuenses; parecia que

só faltava este golpe para ultima prova da sua constancia, esquecendo o perigo proprio, no cuidado geral da sorte da expedição; pois era evidente, que mais cedo, ou mais tarde seria sua taboa de salvação; e quando esperavam noticias do desembarque perto do Porto, souberam, que o invicto Duque da Terceira, tinha felizmente desembarcado no Algarve no dia 24 do mesmo Junho. . . . Deixemos aqui o heroe Duque com os bravos que commanda, e proseguiremos a historia do Cerco do Porto.

Ataque do inimigo sobre as linhas do Porto em os pontos de Lardell, e Campanhãa, em 5 de Julho.

Supposto que a expedição destacada não desembarcasse perto do Porto, como esperavam seus habitantes, com tudo o golpe nos Miguelistas ainda mais mortal foi, e mais segura a sorte dos Liberaes sitiados; por quanto aquella pequena expedição chamou á attenção das forças inimigas do Sul do Reino, e por conseguinte obstou, a que os sitiadores do Porto fossem reforçados por novas tropas como muitas vezes tinham sido.

D. Miguel continuou animando seu Exercito por meio de frequentes visitas a que assistia; os gritos de vivas de sua tropa em quanto elle passava, mais de uma vez atordoaram os ouvidos dos sitiados, sem com tudo os desanimar: parecia que os Generaes Miguelistas, agora que a guarnição do Porto estava diminuida, renovavam suas esperanças, — columnas de tropas atravessavam o Rio Douro do Sul para o Norte, D. Miguel todos os dias visitava seus acampamentos, e todos os preparativos se faziam para atacar a Cidade: no campo de D. Miguel era prohibido fallar-se

qual foi a direcção da expedição dos Liberaes; por seus Generaes foram espalhadas vozes, de que ella se dirigio para as Ilhas dos Açores, e que sendo composta de toda a tropa de primeira linha, só ficáram na Cidade e nas linhas até á Foz, uns poucos de estrangeiros, e voluntarios paisanos armados: deste methodo de persuasão se aproveitaram os Generaes Miguelistas para illudir, e sustentar o espirito quasi extincto de seus Soldados, para os poderem conduzir a um novo ataque; e com effeito

No dia 5 de Julho pouco depois do meio dia o inimigo em grande força atacou os postos avançados em frente de Lordello; S. M. I. immediatamente se apresentou no Carvalhido, onde mandou reunir a força sufficiente em reserva para apoiar os piquetes, e supportes que formavam o semicirculo da linha exterior de defesa desde o Carvalhido até a casa da Fabrica do Antunes; d'alli dirigio-se á bateria da Ramada alta d'onde presenciou a briosa defesa dos bravos que disputavam o terreno ao inimigo muito superior em forças: observando ao mesmo tempo o acerto com que o Marechal Saldanha Chefe do seu Estado Maior nos pontos atacados executava as ordens que o mesmo Augusto Senhor lhe tinha dado.

O inimigo sahio á meia hora depois do meio dia dos seus intrincheiramentos; em duas columnas de 900 homens cada uma: estas avançaram repentinamente pelo flanco direito do districto de Lordello, entre a quinta do Vanzeller, e a casa do Placido, com o fim de cortar a communicação da Cidade com a Foz.

A columna da esquerda do inimigo conseguio apoderar-se de parte da casa da Fabrica do Antunes onde se achava um piquete Liberal do Regimento n.° 15, o qual depois de haver por algum tempo, resistido á força que o atacava, retirou-se na melhor or-

dem, então o Capitão Pedroso do mesmo Regimento, com duas companhias avançou com tal denodo, que com esta diminuta força, desalojou completamente o inimigo da parte da mesma Fabrica.

A segunda columna inimiga atacou a linha que guarnecia o Regimento n.° 15 á esquerda da Fabrica do Antunes, mas foi vigorosamente repellida por quatro companhias do mesmo Regimento, e obrigada a retirar-se deixando 48 mortos e 10 prisioneiros; em todos estes movimentos era o inimigo protegido por um vivissimo fogo dos seus reductos de Serralves, Furada, e Verdinho, que dominavam o sitio da acção.

O inimigo achava-se desanimado pela grande perda que já havia soffrido, e pelo vivo e bem dirigido fogo da artilheria dos Liberaes; começou por tanto a retirar-se da proximidade das posições dos Liberaes, estendendo-se em atiradores por toda a frente dellas; e a columna que havia atacado a Fabrica do Antunes pertendeu flanquear a casa do Vanzeller.

S. M. I. já havia prevenido este movimento, e por essa razão tinha mandado sahir a força do commando do Tenente Coronel Moura para servir de reserva ás quatro companhias do Regimento da Rainha commandadas pelo Major Millenet, que se achavam postadas em frente do Carvalhido; e ao Major Torrezão que tomando o commando de duas companhias do n.° 9, occupasse a posição entre o Carvalhido, e a Quinta do Vanzeller, apoiando assim a esquerda das quatro companhias, sendo esta força sustentada por dous Esquadrões do Regimento de Lanceiros da Rainha, que formavam a retaguarda.

As quatro companhias do Major Millinet apoiadas por aquellas reservas avançaram sobre o inimigo que se achava fortificado na casa da Quinta da Prelada, e conseguiram apossar-se da casa protegidos pelo fogo das baterias da Ramada alta, da Gloria, e

de S. Paulo; sendo ao mesmo tempo o inimigo desalojado da Aldêa de Francos entre a Prelada e Quinta de Vanzeller, pelas companhias Belgas postadas sobre a direita da referida Quinta; pelo que a linha exterior dos Liberaes neste logar, se estendeu na distancia de mais um quarto de legua.

Eram tres horas e meia da tarde o inimigo ameaçou atacar os postos Liberaes avançados na direcção do Monte Pedral, e duzentos atiradores precediam uns seiscentos homens divididos em tres pequenas columnas — 1.ª postada na povoação do Regado — 2.ª sobre a estrada de Braga — 3.ª sobre Paranhos, e carregando o piquete Liberal avançado do reducto do Monte Pedral, foi este obrigado a retirar-se pela superioridade das forças com que foi acommettido; porém em breve a posição foi retomada, e outra vez occupada pelos Liberaes, concorrendo para isso o vivo fogo das baterias do Monte Pedral, Gloria, e Covello, que não permittio ao inimigo sustentar-se naquelles pontos, concorrendo igualmente para o mesmo uns 100 homens do Batalhão de Empregados Publicos, que estendidos em linha de atiradores, encommodaram tanto o inimigo, que vendo este frustrada sua tentativa retirou-se para dentro de suas linhas.

Ao mesmo tempo S. M. I. que se achava na bateria da Gloria observando os movimentos do inimigo sobre Lordello, e Monte Pedral para dar as convenientes ordens, foi informado pelo Telegrafo, que tres corpos de tropa inimiga atravessavam o Douro do Sul para o Norte, e que igualmente o inimigo dava demonstração de ataque nas immediações do alto das Antas, e na extrema direita em Campanhãa: S. M. I. dirigio-se logo á bateria dos Congregados d'onde melhor podia observar os movimentos do inimigo, e es-

tar mais ao alcance das communicações, e dar as providencias que julgasse necessarias.

Ás 5 horas da tarde tres fortes columnas de ataque se formaram sobre a direita das linhas dos Liberaes, pondo-se em movimento trazendo um grande numero de atiradores na sua frente pelas estradas da margem do Rio, de Campanhãa, e de Vallongo; estas columnas dirigiram seu ataque sobre os reductos de Campanhãa, e da Lomba; e carregando impetuosamente sobre os piquetes Liberaes, conseguiram fazel-os cahir sobre suas reservas; o inimigo conservou por algum tempo os pontos a que tinha avançado, e tendo passado sobre a extrema direita da linha dos Liberaes á quem da Fabrica da Solla em Campanhãa, foi então carregado por duas companhias do Batalhão de Caçadores n.º 12 commandados pelo Tenente Coronel Mesquita, — uma porção de marinheiros commandados pelo Tenente da Armada Couceiro, — duas companhias de Infanteria Ligeira da Rainha commandados pelo Major Pimentel, — uma companhia do primeiro Batalhão Nacional Fixo dirigida pelo Major de Cavallaria Barros: estas forças reunidas sem dar um tiro, e á ponta da bayoneta avançaram com tal enthusiasmo sobre o inimigo, que apesar da sua superior força foi obrigado a retirar-se com bastante perda abandonando os postos, que antes tinha tomado.

A columna postada em posição de ataque contra o reducto das Antas, avançou n'aquella direcção; mas foi vigorosamente repellida pela artilheria daquelle ponto, e pela fuzilaria da força do Batalhão de Caçadores n.º 5, e de duas companhias de Voluntarios Nacionaes Fixos, que guarneciam aquelle reducto commandados pelo Capitão Cabral; com tal intrepidez carregaram o inimigo, que elle foi obrigado a retirar-se com muita perda.

Ao tempo que estes acontecimentos tinham logar

ao Norte do Douro, o inimigo ao Sul fez avançar contra a fortaleza da Serra do Pilar 200 paisanos com picaretas, alviões, e pás, cobertos por uma linha de atiradores: os bravos defensores d'aquelle baluarte da liberdade, esperaram seus hospedes com o sangue frio do costume; porém o inimigo não se aproximando d'aquelle ponto, retirou-se impunemente para seus acampamentos.

Assim foi completa a derrota do inimigo neste dia, e S. M. I. teve a satisfação de ver o garbo com que aquellas tropas, e voluntarios desempenharam o projecto da retomada das posições, e perseguiram o inimigo, que sendo muito superior em numero fugia diante d'aquelles bravos na maior desordem: a perda dos Liberaes neste dia em todos os pontos, foi de 150 dos quaes 15 eram Officiaes; perda bastante consideravel em verdade; mas insignificante em comparação da do inimigo, que além de 160 mortos que deixaram sobre o campo dos Liberaes; tiveram perto de 800 feridos, e prisioneiros.

S. M. I. durante a acção animou com sua presença as bravas tropas que commandava; e foi testemunha do brilhante comportamento do General Conde de Saldanha, pelo acerto com que dirigio as operações de defeza, e ataque contra o inimigo, apparecendo em todos os pontos para fazer executar as ordens de S. M. I. comportando-se sempre com o seu costumado valor, e actividade, contribuindo efficazmente para o bom resultado d'aquelle dia; e bem assim de todos os Officiaes, e mais praças dos corpos da primeira linha, Voluntarios Nacionaes, Provisorios e Empregados Publicos, que tiveram a fortuna de partilhar da gloria do dia; e depois dirigindo a todos, Seus Imperiaes agradecimentos por tão distinctos serviços na defeza da justa causa de Sua Augus-

ta Filha, voltou ao Paço pelas nove da tarde a descançar das fadigas do dia.

Logo que o fogo tinha começado, os Portuenses com o maior enthusiasmo correram armados ás linhas, e as guarneceram de modo, que não parecia haver-se destacado força alguma do Exercito Libertador, e os Batalhões Nacionaes Provisorios, pela promptidão com que correram a seus postos, bem deixaram ver o espirito, e o patriotismo que os animava: á vista de tão decidido valor, e constancia, quem havia de duvidar do vencimento da justa causa que defendia!

Fez-se notavel neste dia a conducta de uma mulher por nome Maria Thereza casada com Mathias de Campos Soldado da 3.ª companhia do Regimento n.º 15, a qual além de assistir aos feridos, e levar agua aos Soldados empenhados no fogo, conduzio para os postos avançados dezeseis barris de polvora, e para que os Soldados carregassem mais prompto, lhes mordia os cartuxos; pelo que S. M. I. houve por bem conceder-lhe soldo, e uma ração em quanto durasse a campanha.

Grande ataque do inimigo sobre as linhas do Porto — Derrota do General Bourmont em 25 de Julho.

A nove de Julho dia anniversario da entrada do Exercito Libertador na Invicta Cidade do Porto, neste dia de tanto regosijo para os Portuenses, foi para elles, e seus defensores mais uma corôa de gloria pela tomada da Esquadra Miguelina, (1) cuja noticia

(1) Depois de concluida a historia do Cerco do Porto fallaremos da Esquadra, que muito cooperou para o vencimento da Causa.

foi divulgada nos acampamentos do Exercito do usurpador, bem como a do desembarque da expedição no Algarve; se os Soldados do usurpador até alli estavam desanimados por tantas derrotas, e pancadas dadas por um punhado de Liberaes; mettidos e fechados n'um pequeno recinto, faltos de todos os recursos; agora muito mais, aterrados ao saber que os bravos da expedição já estam no Algarve dando pancadas em seus camaradas, e levando tudo diante de si: D. Miguel e seus Chefes, com tudo nutriam a esperança de mais uma vez os trazer ao ataque das posições Liberaes de Lordello, e assim novamente tentar de cortar as communicações com a Foz, unico recurso dos Liberaes, e dos Portuenses; mas conhecendo o pouco espirito, e nenhum enthusiasmo de seus Soldados, fluctuavam entre o receio de serem por elles desobedecidos, tratavam de persuadil'-os, de que aquellas noticias eram falsas, e um rigoroso castigo recahia sobre os que fallavam a verdade.

Assim se achavam perplexos os Generaes que serviam ao usurpador, quando chegou a noticia, que D. Miguel tinha acceitado os serviços do ex-Marechal Bourmont, e de outros muitos Officiaes Francezes; este Marechal foi logo feito pelo usurpador Marechal General em Chefe do seu Exercito, e neste caracter passou revista ás tropas do usurpador; promettendo-lhes que em breve as conduziria á Cidade do Porto.

S. M. I. não duvidava do bom exito contra qualquer tentativa do inimigo sobre a Cidade; pois que provas de sobejo tinha do caracter, e firmeza dos bravos que commandava, e da constancia dos Portuenses; e tambem não duvidava do bom resultado da expedição no Algarve; mas por querer poupar mais effusão de sangue portuguez, (como sempre foram suas Imperiaes e paternaes vistas) não duvidou mandar o seu habil Ajudante de ordens Calsa de Pina,

como Parlamentario ao campo inimigo, communicar-lhe noticias das felizes operações dos Liberaes no Algarve; offerecendo-lhes uma Amnistia ampla do passado, e proposições para futuras negociações: o Parlamentario, e a Carta que levava foram tratados de resto, e voltou com a mesma Carta.

O inimigo no dia 23 e 24 de Julho passou do Sul para o Norte do Douro quasi toda a sua força que guarnecia aquelle lado: por um tal movimento conheceram os Liberaes, que o novo General do usurpador se propunha dar cumprimento a suas inconsideradas e temerarias promessas.

No dia 25 o Tenente General Conde de Saldanha, e Chefe do Estado Maior Imperial, acompanhado de diversos Officiaes Generaes, depois de haverem corrido toda a linha na madrugada desse dia, foi postar-se pelas tres horas da manhãa na bateria da Gloria, a fim de observar ao romper do dia, os movimentos do inimigo; e como durante a noite se tivesse sentido o rodar d'artilheria, e a marcha de Cavallaria, em frente da linha do Carvalhido, e Lordello, parecia assim certo o ataque do inimigo, e por essa razão o General Saldanha mandou de tudo informação a S. M. I.

S. M. I. havia soffrido uma indisposição em sua saude desde o dia 21, da qual ainda não estava restabelecido; mas apenas recebeu participação d'aquelles movimentos; pelas cinco horas com a sua costumada actividade, e decisão montou logo a cavallo, e correu á bateria da Ramada alta, e havendo d'alli reconhecido a exactidão com que na conformidade das suas ordens, se achava distribuida a força Liberal por toda a linha exterior de defeza, desde o Carvalhido até ao Pasteleiro; o mesmo Augusto Senhor se dirigio á bateria da Gloria, por ser aquelle ponto d'onde podia igualmente observar os movimentos do

inimigo sobre a esquerda, e dar com promptidão as providencias e ordens convenientes.

O inimigo pelas cinco horas da manhãa rompeu um vivissimo fogo de artilheria do reducto de Serralves, levantado ao Norte em frente dos Liberaes, e do Verdinho, e Furada da parte do Sul do Douro que dominavam pela retaguarda as posições Liberaes da Quinta do Vanzeller, Lordello, e Pasteleiro, vindo assim a ficar estas posições, e as linhas, no meio do fogo daquellas baterias inimigas.

As forças inimigas, em numero de onze a doze mil homens commandados pelo General Bourmont começaram a sahir de seus intrincheiramentos, entre a Ariosa, e Mathosinhos, divididos em oito columnas, com tres Regimentos de Cavallaria, e dezeseis peças de Artilheria volante guarnecidas dos competentes Artilheiros.

A ordem de batalha em que o inimigo marchava ao ataque pelas cinco horas e meia da manhãa, era o seguinte — sobre o logar de Francos, e casa da Prelada, uma columna d'Infanteria com duas companhias de atiradores estendidos na sua frente em força de 1,300 a 1,400 homens — sobre a esquerda, centro, e direita da Quinta de Vanzeller no logar do Mirante; tres columnas d'Infanteria, e Caçadores com 400 a 500 atiradores em frente, trazendo a columna do centro sobre cada um dos flancos, direito, e esquerdo, tres peças de campanha de calibre 3 e 6 (achando-se já embuscados nos pinhaes proximos á Quinta, dous esquadrões de Cavallaria) o total desta força, era de 3,500 a 4,000 homens — sobre Lordello duas columnas d'Infanteria, com 250 a 300 atiradores na frente, e um esquadrão de Cavallaria; subia esta força de 3,000 a 3,500 homens — sobre a esquerda, e direita do Pasteleiro, duas columnas d'Infanteria, e Caçadores, com 350 a 400 atiradores em

frente; tres esquadrões de Cavallaria, e dez peças de Artilheria volante; o total desta força, era de 3,800 a 4,000 homens.

S. M. I. conheceu logo pela ordem em que o inimigo avançava, e pelas grandes massas que tinha de reserva no campo, que o fim do General Miguelista era interceptar as communicações da Cidade com a Foz, e que nas immediações de Lordelló, e Vanzeller seria o ataque principal, ou unico deste dia; por esta razão, e porque a este tempo nenhuma apparencia de ataque se observava em outra qualquer parte da linha, o mesmo Augusto Senhor dirigio toda a sua attenção sobre aquelles pontos; ordenando logo ao General Saldanha fizesse examinar, se as reservas do 3.º e 4.º districto se achavam promptas para acudir aonde conviesse; e que para cada um dos pontos atacados, enviasse um Official d'Estado Maior Imperial para ser logo informado do estado da defeza, e todas as occurrencias; a fim do mesmo Augusto Senhor poder providenciar sobre o que preciso fosse nas diversas posições.

Pelas seis horas da manhãa era geral o ataque em toda a linha dos Liberaes, desde o Carvalhido até á esquerda do Pasteleiro, e direita do reducto do Pinhal na Foz.

A columna que se dirigio sobre o logar de Francos, conseguio apoderar-se d'aquella posição, que era defendida por dous destacamentos do 1.º e 2.º Regimento d'Infanteria ligeira da Rainha, os quaes sendo muitissimo inferiores em força, foram obrigados a ceder á columna atacante; porém sendo reforçados por 120 Voluntarios do Regimento da Senhora D. Maria II, e por alguns do 2.º Batalhão Nacional Fixo debaixo do commando da Capitão Solla conseguiram desalojar o inimigo, ganhando outra vez aquella sua antiga posição: animado porém o inimigo pelo pri-

meira vantagem que antes tinha conseguido, por mais duas vezes se apoderou da disputada posição: vendo por tanto o Capitão Solla, que era necessario por uma vez decidir a contenda, reunio toda a força, e á testa della, valentemente carregou o inimigo á bayoneta, e o obrigou a abandonar completamente aquelle ponto deixando 80 homens mortos no campo.

O ataque sobre a Quinta do Vanzeller foi tanto mais violento, quanto a tomada daquella posição era essencial ao inimigo para obter os fins a que se propôz naquelle dia.

Apenas as tres columnas inimigas se aproximaram a tiro de fuzil, assentaram logo duas baterias de campanha, uma em frente da Quinta do Vanzeller, e outra na frente do reducto da mesma Quinta na direita do pinhal; e assim apoiado o inimigo, avançou a passo accellarado ao ataque da dita Quinta, e da flexa da esquerda, que sustentava a linha até Lordello.

A superior força do inimigo permittio-lhe abrir caminho entre os postos Liberaes de Francos, e a mencionada Quinta do Vanzeller, avançando com uma porção de tropa pela estrada da casa do Arco; então o Coronel Furtado á testa de 40 homens do 2.° Regimento ligeiro da Rainha avançou com o maior denodo sobre ella, e a poz em debandada.

Ao mesmo tempo o Tenente Coronel Borso Commandante do 2.° Regimento ligeiro da Rainha, e o Major Cassano á frente das companhias de Carabineiros, e Flanqueadores carregando pela esquerda á bayoneta, poseram na maior desordem a columna da direita do inimigo, fazendo-lhe uma carnagem espantosa: batida a columna atacante nos flancos; a columna do centro não avançou, e servio assim para ponto de reunião de seus fugitivos; vendo porém o Coronel Furtado, que o inimigo era fortemente apoi-

ado pelas suas baterias de campanha, e que, formando novamente as suas columnas, pertendia outra vez vir ao ataque, determinou não só prevenil-o, mas tentar a tomada das baterias inimigas, e de pôr em desordem as columnas atacantes; e para assim o conseguir, sahio pela extrema esquerda da linha á frente da 3.ª companhia do Capitão Nuski, em quanto o Major Cassano tomando o cominando de uma pequena columna, avançava tambem em ataque pela direita da linha; estas duas forças executaram uma vigorosa carga sobre os flancos do inimigo: então o bravo Tenente Coronel Borso deixando o reducto guarnecido por uma companhia de Empregados Publicos e outra de Voluntarios do 2.º Batalhão Fixo, pondo-se á frente da 7.ª companhia de ligeiros da Rainha, atacou o centro do inimigo com tal valentia, que o fez retrogradar em desordem, e proseguindo na tentativa de tomar ao inimigo a artilheria volante, foram repentimamente embaraçados, e acommettidos por dous esquadrões de Cavallaria, que se achavam emboscados nos pinhaes contiguos, onde o terreno favorecia suas manobras contra as forças Liberaes; e por consequencia, tiveram estes de retirar-se em boa ordem com vantagem de que, em tal retirada, não perderam um só homem, e recolhendo-se a suas posições dirigiram um bem acertado fogo sobre a Cavallaria inimiga, com o qual lhe fizeram consideravel estrago.

S. M. I. conhecendo que, o inimigo pertendia a todo o custo apoderar-se da Quinta do Vanzeller (logar do Mirante) tendo para isso mudado a direcção da bateria de campanha, que no principio estabeleceu, e parecia querer flanquear pela direita a dita Quinta; o mesmo Augusto Senhor ordenou, que marchassem duas peças de Artilheria volante, — 200 homens d'Infanteria n.º 9, — 150 do deposito de reser-

va, e um esquadrão de Cavallaria de Lanceiros, para reforçar aquelle posto, e apoiar os movimentos projectados.

Pelo meio dia o inimigo havendo novamente formado pela quinta vez suas columnas, tencionava trazel-as a um novo ataque; este o não effectuou, ou fosse por causa da perda que havia soffrido, ou pela má fortuna em seus precedentes ataques, ou finalmente pôr temer a Cavallaria dos Liberaes, tomou a prudente, mas vergonhosa deliberação de retirar a sua artilheria de campanha com a maior precipitação, e desordem, fugindo suas columnas em completa debandada; deixando neste ponto em poder dos Liberaes 4 cavallos e nas immediações 150 homens mortos, entre elles 1 Capitão, 1 Cadete e muitos cavallos.

A Artilheria Liberal postada naquella parte da linha, commandada pelo Capitão Baldi, fez constantemente um bem dirigido fogo durante este porfiado ataque, e contribuio muito para o bom resultado delle.

As duas columnas inimigas, que se dirigiram a atacar Lordello, ao aproximar-se dividiram-se em quatro; duas d'ellas tentaram romper a direita daquella posição, mas sendo o ponto atacado reforçado, foram repellidos á bayoneta pela 6.ª companhia do Regimento n.º 15 commandada pelo Tenente Coronel Celestino, e Capitão Pedrozo; porém sendo esta força carregada por um esquadrão de Cavallaria do inimigo foi obrigada a intrincheirar-se atraz de uma parede, d'onde já tinha desalojado o inimigo: ao mesmo tempo as outras duas columnas inimigas faziam igual tentativa sobre a esquerda da linha, que se achava guarnecida pelos Fuzileiros Escocezes do commando do Coronel Shaw; aqui ganhou o inimigo alguma vantagem por ser sua força muitissimo superior áquella dos Liberaes, que defendiam a posição; mas sendo immediatamente reforçados por uma força

de 200 homens composta do Regimento n.º 15 e do 1.º Batalhão Nacional dos Mariantes e Voluntarios do Batalhão Nacional Provisorio de Cedofeita; o Coronel Shaw pôde então repellir o inimigo, e ganhar os pontos que tinha perdido, e carregando-o á bayoneta por duas vezes o levou além das posições de que havia conseguido apoderar-se.

Vendo o inimigo frustrados todos os seus ataques nos flancos da linha, tentou por tres vezes romper o centro, no sitio da Casa-branca, e por tres vezes foi repellido com muita perda, causada não só pela fuzilaria; mas tambem por uma peça de artilheria, que o inimigo não esperava alli encontrar e que se desmascarou naquella occasião.

Em vista da vigorosa resistencia, que os bravos defensores da Liberdade constantemente opposeram aos ataques nesta parte da linha, e introduzida a desordem nas columnas do inimigo, este vio-se forçado a retirar pelas onze horas e meia acossado do fogo de artilheria da bateria do Salabert, e da volante commandada pelo bravo Capitão Santos, ferido no fim da acção: o inimigo deixou sobre o campo na proximidade de Lordello 137 homens mortos e bastantes cavallos.

As duas columnas que o inimigo dirigio sobre a posição do Pasteleiro; fez avançar uma pela direita, e outra pela esquerda, marchando entre estas duas columnas, um pouco na retaguarda, tres esquadrões de Cavallaria; e as dez peças de artilheria de campanha foram collocadas em frente, e na flexa dos mortos á direita do reducto do pinhal; ésta flexa, e a da direita do reducto do Pasteleiro foram logo atacadas impetuosamente pelas columnas inimigas apoiadas as suas operações pela Cavallaria, e pelo vivo fogo da sua artilheria de campanha.

O Coronel Pacheco commandando a força que

defendia aquella parte da linha composta do Regimento n.° 10 de Infanteria, do 1.° Batalhão Nacional Movel, e parte do Batalhão Nacional do Minho, recebeu o inimigo com o seu costumado valor e sangue frio: este habil Official pela judiciosa maneira porque havia distribuido a sua gente, e pela bravura della, repellio todos os ataques do inimigo, que lhe era muito superior em forças: cinco horas de successivo ataque, sem o inimigo desistir da empreza de romper a linha dos Liberaes; e sómente a columna que atacou a flexa da direita do reducto do Pasteleiro pôde apoderar-se della, havendo a guarnição que a defendia disputado valentemente palmo por palmo o terreno ao inimigo; porém o Major Miranda encarregado do commando da reserva na direita, fez logo avançar a 5.ª companhia do n.° 10 de Infanteria para a frente da estrada coberta, que hia á flexa, e mandou occupar pela 6.ª companhia um muro que estava perto da casa do Pasteleiro que dominava a mesma flexa, e mandou ao Commandante do 1.° Batalhão Movel, que apoiasse a direita pela estrada que conduz a Lordello.

Estas disposições foram rapidamente executadas e o movimento que, sobre o flanco direito fez o Tenente Coronel Shaw, á frente de alguns fuzileiros Escocezes, obrigaram o inimigo a retirar-se da posição que poucos minutos antes occupára, e em duas tentativas que fez para retomar a flexa, foi vigorosamente repellido: finalmente havendo o inimigo descançado por espaço de uma hora, e reforçado a columna atacante, apoiado por um forte esquadrão de Cavallaria, pela quarta vez voltou ao ataque da mesma flexa com muita decisão: a força que a guarnecia commandada pelo Major Gauvêa do Batalhão Nacional do Minho, fez-lhe a mais briosa resistencia: a este tempo o Major Miranda, havendo reforçado os pi-

quetes, que tinha reunido na estrada coberta, deu-lhe ordem para carregar o inimigo á bayoneta; assim o cumpriram, e com tal bravura, e valentia, que sendo as forças inimigas muito superiores em numero, foram obrigados a retirar-se; e sendo então batidos de flanco por parte da 5.ª companhia do n.º 10, que o mesmo Major de combinação, tinha postado ao longo do muro proximo á flexa, e postos na maior confusão pelo vivo fogo dos Liberaes, que estavam sobre o muro da casa do Pasteleiro; seguio-se a mais completa debandada do inimigo, fugindo vergonhosamente; deixando sobre o campo neste ponto do Pasteleiro 230 homens mortos e 53 cavallos.

Para tão pequena força dos Liberaes repellir naquelle ponto o grande numero de inimigos commandados pelo habil General Bourmont, contribuio muito a deliberação tomada pelos defensores carregando sobre o inimigo á bayonêta, e semeando entre as suas columnas os effeitos produzidos pelos foguetes de congreve, e granadas mandadas pela artilheria dos reductos Liberaes.

Ao mesmo tempo que o inimigo atacou as posições Liberaes desde Francos, Quinta do Vanzeller, Lordello, e Pasteleiro junto á Foz, pertendeu divirgir a attenção das forças Liberaes daquelles pontos, com um tiroteio sobre a direita desde o Fojo, até á margem do Douro; tendo para isso formado na baixa de Campanhãa uma columna de 4 a 5 mil homens: esta columna dando indicios de querer realisar o ataque, S. M. I. determinou, que o Tenente General Conde de Saldanha passasse da esquerda para a direita a fim de dar naquelle ponto as providencias que julgasse convenientes.

Pela uma hora da tarde o inimigo tentou forçar o posto de Campanhãa, sobre o qual destaçou da sua columna uma força de 600 homens; os piquetes Li-

beraes foram obrigados a retirar-se sobre suas reservas; a este tempo foi mandado marchar o Coronel Mesquita com a 3.ª e 4.ª companhia do seu Batalhão de Caçadores n.º 12, e havendo-se reunido aos piquetes que tinham retirado, elle com a sua reconhecida bravura se poz á frente desta força, e carregando á bayoneta obrigou ao inimigo a abandonar o terreno sobre que tinha avançado.

Meia hora depois a força que havia sido repellida em Campanhãa avançou sobre os piquetes Liberaes postados entre o Bomfim, e Guella de pau; estes piquetes sendo atacados de flanco, e por uma força muito superior, foram obrigados a retirar-se; porém conhecendo o Tenente General Saldanha quanto seria vantajoso ao inimigo a posse daquelle ponto, e que era necessario em um momento desapossal'-o, e retomar a posição; elle mesmo com a bravura que lhe é propria dando ordem a 20 Lanceiros que o seguissem, carregou o inimigo, o qual não esperando a carga em terreno que nenhuma vantagem offerecia para manobra de Cavallaria, se retirou precipitadamente, e foi unir-se ás suas columnas.

Nesta mui necessaria carga, tiveram parte todos os bravos Officiaes d'Estado Maior, e outros que se achavam presentes a cavallo, os quaes espontaneamente acompanharam o General, e com suas espadas brigaram á par dos Soldados Lanceiros: seus nomes sam dignos de eterna memoria: eram

D. Francisco Xavier d'Almeida, Major de Cavallaria, e Ajudante de Ordens (morto na acção).
Guillet, Capitão Ajudante de Campo (ferido).
Antonio de Mello Breyner, Alferes de Cavallaria (ferido gravemente).
Domingos Manoel Pereira de Barros, Major de Cavallaria (ferido gravemente),

Bento d'Oliveira da França, Brigadeiro (ferido).
Luiz de Mello Breyner (contuso).
Manoel Maria da Roza Colmieiro, Tenente Coronel que foi das Milicias d'Aveiro (contuso).
Jorge Vanzeller, Tenente de Cavallaria, e Ajudante de Ordens.
D. Miguel Ximenes, Tenente de Voluntarios.
Joaquim Antonio Vellez Barreiros, Major de Engenheiros.
Balthazar d'Almeida Pimentel, Quartel Mestre General.
Pedro Paulo Pereira de Sousa, Tenente Coronel.
José Julio do Amaral, Capitão assistente do Quartel Mestre General.
João de Vasconcellos e Sousa, Capitão addido.
José Antonio Lopes, Alferes que foi das Milicias de Thomar.
Augusto Sotero de Faria, Alferes de Cavallaria.
Antonio Nicoláo d'Almeida Liz, dito.

Postados novamente os piquetes, e apoiados pela força da reserva que logo chegou, o General com os bravos que o acompanharam tornou a entrar para dentro da linha, deixando aterrado ao inimigo pelo estrago que soffreu n'aquelle ponto debaixo das espadas dos nobres defensores da justa causa.

O Barão do Pico do Celleiro (Torres) Commandante das forças Liberaes na Serra do Pilar mandou trabalhar sua artilheria sobre as baterias inimigas, que daquelle lado procuravam apoiar as operações de seus camaradas contra as linhas Liberaes da parte do Norte, no que fez grandes serviços; além disso para entreter, e divertir as forças inimigas daquelle mesmo lado, fez avançar tres destacamentos, o 1.º commandado pelo Capitão Magalhães do 3.º Batalhão Nacional Movel, — o 2.º pelo Capitão do mesmo Bata-

lhão Vaz Lopes, — e o 3.° pelo Capitão Carreira do 2.° Batalhão Nacional; contra os piquetes inimigos postados desde Quebrantões, até Campo Bello; que obrigados pelo fogo dos destacamentos Liberaes, abandonaram os postos que occupavam, retirando-se a uma vantajosa posição, aonde foram reforçados por uns 200 homens, e continuando os Liberaes atacando-os, em pouco tempo valentemente conseguiram desalojar o mesmo inimigo, que fugindo foi recolher-se dentro de suas trincheiras; esta sortida preencheu seus fins, por quanto, fez mudar a direcção da artilheria inimiga do Norte para o Sul, e poz em alarme sua tropa; e então os destacamentos se retiraram na melhor ordem para dentro das trincheiras da Serra do Pilar.

Deste modo foi completo o triunfo dos Liberaes neste dia de gloria, e o nome do Marechal Bourmont apparece na lista dos Generaes vencidos do Exercito do usurpador — Bourmont quando General da França, á frente de homens livres foi vencedor em Argel de um Exercito de Mouros escravos; em Portugal á frente de um numeroso Exército de escravos do usurpador, foi vencido por um pequeno numero de homens Livres.

O usurpador D. Miguel contava com a victoria deste dia — elle achava-se collocado no alto de S. Gens (meia legua do Porto) d'onde via, e observava todos os movimentos do seu Exercito; e quando vio frustradas tão desesperadas tentativas, arremessou um oculo que tinha na mão, arrancou as barbas, batêu o pé, finalmente (disse quem estava presente) tornou-se mais furioso, colerico, e raivoso que as proprias furias do inferno.

S. M. I. o Senhor D. Pedro ainda mal convalescido, debaixo de um intenso calor, que um sól ardente desenvolveu naquelle dia, durante as nove ho-

ras successivas de ataque, animou com sua presença os bravos que commandava; e mais de uma vez teve a satisfação de observar o valor, e sangue frio desenvolvido por todos os Officiaes, e Soldados que compoem o Exercito, que tanta gloria tem adquirido para as Armas da Rainha: tendo cessado completamente o fogo, pelas duas horas da tarde recolheu-se ao Paço gostoso no maior grau, por ter visto não sómente a valentia e firmeza com que todas as posições foram defendidas dos repetidos e impetuosos ataques das forças Miguelinas, mas a audacia, e arrojo com que as tropas da Rainha por varias vezes tomando a offensiva, levaram o terror, e a morte ás columnas comparativamente collosssaes do inimigo.

O Tenente General Conde de Saldanha como Soldado valente, foi visto em todos os pontos os mais arriscados; como General habil, fez executar com o melhor acerto, e descirnimento as ordens de S. M. I.; concorrendo por este modo, para o feliz resultado deste dia; mereceu a approvação do mesmo Augusto Senhor, e adquirio novos direitos á gratidão da Patria.

Os Officiaes de todas as graduações, e Soldados que tiveram a dita, e a gloria em defender a justa causa da Rainha, e das liberdades patrias, sempre em tantos e tão frequentes ataques, tem mostrado firmeza, bravura, e valor de que sam capazes; mas no presente em que elles cada um em seu posto, rivalisaram em coragem, e desenvolveram seus talentos, e pericia militar na luta deste assignalado dia; é por tanto invejoso, e injusto fazer particular selecção.

Os Voluntarios Nacionaes Fixos, Provisorios, e Empregados Publicos, deram neste dia novas provas do seu valor, e devoção civica, prestando os melhores serviços, e engajando-se no fogo onde se portaram com bravura.

Foi digno de admiração, e louvor, o enthusias-

mo com que os bravos habitantes da Cidade corriam, á porfia, a guarnecer as linhas, e a baterem-se com os sequazes de um governo usurpador: dando assim mais uma prova do seu amor, e adhesão pela causa da Rainha, e da Patria.

Tanto valor e devoção não coube só a estes bravos; o bello sexo rivalisou com elles: durante a acção, foram vistas em toda a parte as mães, irmãas, filhas, e esposas subministrando aos seus, e aos estranhos todos os soccorros: levando agua aos Soldados empenhados no fogo, conduzindo-lhes munições de guerra debaixo dos projectis do inimigo; em fim, consolando, e ajudando a curar os feridos a quem solicitas soccorriam com tudo que estava ao seu alcance: tanto valor, e tantas virtudes, só o amor da Liberdade é capaz de produzir.

Lamentavel foi a perda dos Liberaes em nove horas de successivo combate na defeza da causa da Rainha, e da libertdade da patria; elles perderam em todos os pontos atacados 322 de seus bravos, inclusivè 39 Officiaes; mas sendo como foi a do inimigo atacante para mais de 5,000 homens e 80 cavallos, que deixou cahidos no campo de batalha, na proximidade das linhas da Cidade Eterna, vieram a pagar com usura, o sangue liberal, que por sua louca, e malograda empreza alli foi derramado.

O usurpador D. Miguel e seus sequazes em consequencia das felizes operações do Duque da Terceira no Sul do Reino, tentaram com todas as suas forças atacar, e levar de assalto a Cidade Eterna; e dar o ultimo golpe mortal nos bravos defensores diminuindos em numero; porém succedeu-lhes o contrario; o inimigo encontrou nellos, mais resistencia, mais bravura, mais valor e constancia; e depois de tantas horas de porfiado combate, tratou de evadir-se da presença daquelles, a quem ufanos contavam já venci-

dos, e assim evitar a completa ruina, e confusão que já principiava reinando entre suas fileiras.

Se a raiva, e desesperação tinham produzido effeitos diabolicos, e infernaes na pessoa de D. Miguel e de seus sequazes, pela renhida e malograda empreza do dia 25; agora muito mais furioso; mas abatido, ao saber pelas noticias Telegraficas ás quatro horas da tarde, duas depois do revez que acaba de sentir, que o Duque da Terceira tem entrado em Lisboa.

Parecè que o Céo quiz premiar ao Páe da Patria o Senhor D. Pedro Duque de Bragança, e a seu bravo Exército os prodigios de valor praticados neste dia 25, com a espantosa e transcendente noticia da entrada do insigne Duque da Terceira com a sua pequena divisão na Capital de Lisboa no dia 24 de manhãa, desbaratados e rotos os bandos de escravos, que loucamente ousaram disputar-lhe o passo.

Eram 5 horas da tarde, quando um ligeiro Paquete movido por Vapor deu fundo na Costa do mar de S. João da Foz: pelos signaes logo fez saber que procedia de Lisboa trazendo aquella fausta noticia: já a bandeira gloriosa da Rainha fluctuava no Castello de S. Jorge; e ao ruido das salvas do Forte de S. Julião entrou no Téjo no mesmo dia a victoriosa Esquadra da Rainha commandada pelo Almirante Napier.

Nunca o Sol ao despontar illuminou com seus raios dia mais jubiloso para os leaes habitantes, e illustres defensores da heroica Cidade: o mez de Julho será por excellencia o mez glorioso da Nação Portugueza: expirou o monstro execrando da usurpação; aquelle derradeiro mortal golpe, dirigido ao coração, poz finalmente termo á sua infame existencia. E quem deixará de applaudir a profunda sabedoria com que tal golpe foi meditado nos sublimes Conselhos do Ma-

gnanimo Principe, que regia o destino dos Portuguezes; e a gentileza com que foram executados pelos intrepidos, e ardidos guerreiros, a quem o mesmo excelso Regente commetteu tamanha empreza!! A sua marcha triunfante, e rapida nada póde resistir.

Que Cidade tão forte por ventura
Haverá que resista, se Lisboa
Não póde resistir á fôrça dura
Da gente, cuja fama tanto vôa.

Lus. C. 3.° E. 61.

A' Heroica e Invicta Cidade Eterna.

No livro dos Annaes da Lusa historia
Teu nome, ó Porto, fulgurar se via;
Eis que a sanguinea mão da tyrannia
Tentou riscal'-o e roubar-te a gloria.

Audacia cede á força da Victoria
Que de Lysia ser livre aponta o dia,
E o receio, que os pulsos te prendia
Foi trocado em valor d'alta memoria.

Já livre estás, e a doce liberdade
É devida de Pedro ao forte braço
Tanto, quanto dos teus á lealdade,

Liga-te, ó Patria, no dourado laço
D'eterna gratidão á herocidade,
Que á Victoria guiou tão nobre passo.

Aos defensores do Porto, e a seus heroicos habitantes.

Tremei escravos vís, de um vil Tyranno
Que a Patria acórda á voz do Porto Invicto.
Não mais ser Liberal será delicto
Que o dia em fim chegou do desengano.

Lisboa sacudio o jugo insano
Que outr'ora supportou com rosto afflito
Do Algarve não ficou um só districto
Que a ella não corresse a todo o panno.

Parabens, Pedro, Patria, Liberbade,
Parabens da Rainha defensores,
Parabens habitantes da Cidade;

Que o bando immudeceu dos oppressores
Pedro subio hoje á eternidade
E o Porto se adornou de flores.

Recitado na bateria defronte de Quebrantões em 26 de Julho de 1832, por Joaquim Pedro Celestino Soares.

Embarque de S. M. I. o Senhor D. Pedro para Lisboa, e sua despedida aos Portuenses em 26 de Julho.

S. M. I. no dia 26 de manhãa trabalhou com Suas Excellencias os Secretarios d'Estado no Despacho, e preparativos de sahida do Porto para Lisboa; deu audiencia a todas as authoridades, e pelas quatro

horas da tarde foi passar revista aos corpos do Exercito Libertador nos differentes pontos da linha, a cada um dos quaes fallou com franqueza, e energia, ennunciando-lhes os nobres feitos, que em diversas acções haviam praticado, e assegurando-os da inteira confiança que nelles tinha; a cujas expressões, os Soldados de todas as armas do Exercito, bem como os dos Batalhões Provisorios e de Empregados Publicos, romperam com o maior enthusiasmo, nos vivas á Rainha, e a S. M. I. o Duque Regente; foi em toda a linha, e nas reservas tão magestosa, quanto pathetica a scena, que o povo reunia ao Exercito seus vivas: ás oito horas recolheu-se S. M. I. a jantar, e ás dez da noite embarcou em S. João da Foz com todo o seu Estado Maior, e Ministros d'Estado, no Paquete movido por Vapor para Lisboa; deixando os destinos da Cidade do Porto entregues ao cuidado do Chefe do seu Estado Maior, o digno e sabio Tenente General Conde de Saldanha; e por seu Imperial Decreto do mesmo dia encarregou ao mesmo habil, e prudente General, do commando das tropas do Exercito Libertador estacionadas na Muito Nobre, e Leal Cidade; dando todas as necessarias ordens como se presente estivesse, para tudo obrar conforme as circunstancias exigissem.

De S. M. I. o Senhor D. Pedro Duque de Bragança.

» Amigos Portuenses! A Divina Providencia, que nos tem sempre protegido, dignou-se permittir, que a Divisão Expedicionaria que deste Exercito destaquei, entrasse em Lisboa batendo os Rebeldes; e que a Esquadra da Rainha fundea-se no Tejo: aquelles Portuguezes que alli acabam de quebrar os ferros,

que os opprimiam, sam Portuguezes perseguidos como vós o fosteis; elles reclamam a Minha Presença: e poderei Eu votado a sacrificar-me por tão heroica Nação, deixar de correr a seus braços, a congratular-me com aquella porção de vossos dignos compatriotas, e animal'-os?

» Forçoso é por tanto, que Eu parta, sem demora, para que de Lisboa possa dar mais amplamente as providencias que as circumstancias reclamam. Bem tendes visto, Portuenses, que em quanto esta Cidade podia correr o menor perigo, nunca vos desamparei; agora porém, que as circumstancias tem mudado completamente; obedeço com inteira confiança á necessidade de deixar-vos por algum tempo; levando comigo a saudade mais pungente de vós, e dós meus companheiros de armas.

» Em quanto durar a minha ausencia, recommendo-vos união, firmeza, constancia, e tranquillidade: o meu Chefe d'Estado Maior fica entre tanto, encarregado do commando do Exercito, e do Governo da Cidade: elle é digno da vossa confiança.

» Asseguro-vos illustres Portuenses, que em breve hão de acabar os vossos soffrimentos, que as minhas promessas serão religiosamente cumpridas; e que a Carta Constitucional terá em breve a devida execução, que circunstancias tão extraordinarias, não tem permittido, que se lhe dê. Paço no Porto 26 de Julho de 1833. = *D. PEDRO, Duque de Bragança.* »

D. Miguel recorre á Divindade para o ajudar a mentir — Ordena a destruição dos Vinhos e Armazens em Villa Nova.

O bloqueio da Cidade foi rigorosamente conservado pelo Exercito Miguelista, que continuou termo-

samente firme, e fiel á sua causa, e o bombardeamento na fórma do costume foi continuado: D. Miguel ordenou que em todas as Igrejas se celebrasse Te Deum Laudamus pela tomada da Esquadra da Rainha, e derrota da força expedicionaria do Duque da Terceira: não duvidou aquelle malvado impostor, (que se dizia protector do Altar), de prostituir a Religião a fins politicos, invocando a Divindade para o ajudar a mentir, e a encobrir sua impostura, só a fim de poder evitar por algum tempo, que a verdade apparecesse no meio das fileiras dos seus escravos, porque seus malignos projectos de destruir a Cidade, e seus habitantes, ainda não estavam consumados.

A raiva, e a desesperação roendo as entranhas do despota usurpador ao ver malogradas suas tentativas, e perdidas todas as suas esperanças de jámais poder pisar o solo da Cidade Eterna; resolveu a destruição de um immenso cabedal em vinhos nos Armazens de Villa Nova pertencentes á Companhia do Alto Douro: seus Generaes o ajudaram a commetter tão inaudita atrocidade no exacto cumprimento de uma medida tão desastrosa, fazendo barbaramente voar pelos ares, e queimando o valor de dous mil, e duzentos contos de réis, patrimonio de centenares de familias respeitaveis, e muitas dellas suas adherentes, que ficaram arruinadas sem a sua subsistencia no dia 16 d'Agosto de 1833.

Tremenda e melancolica foi a scena daquella louca destruição, ao ver as correntes do vinho ardendo, e fumegando despenharem-se no Rio Douro, do qual as aguas por muitas horas mudaram da sua natural côr em vermelho!

Batalha fóra das linhas do Porto em que foi o inimigo obrigado a levantar o sitio, em 18 d'Agosto.

No dia 17 d'Agosto o inimigo da banda do Norte abandonou as posições do Castro, Ervilha, e Serralves, e estabeleceu a sua direita no logar de Contomil em frente das Antas, tendo na sua retaguarda o grande reducto Real: as tenções do inimigo eram sem duvida de attrahir os Liberaes ao campo, onde contava com a victoria attendendo á sua superioridade numerica: o Tenente General Conde de Saldanha conhecendo o valor e disciplina do Exercito Libertador, não duvidou sahir a campo, e aproveitar-se da occasião que se lhe offerecia: os tres reductos abandonados foram logo occupados pelo Batalhão de Granadeiros da Rainha: o Batalhão de Voluntarios do Minho occupou Lordello em observação da margem do Douro; e meio Batalhão do Major Millinete ficou guarnecendo as Aldêas de Francos, e Prelada; a Quinta do Vanzeller foi occupada por quatro companhias do 2.° Batalhão Nacional Fixo; ficando o resto e o 1.° guarnecendo as obras exteriores da Cidade; e os Batalhões Provisorios guarnecendo as linhas: o General Canavarro teve ordem para fazer tocar o sino a rebate logo que amanhecesse, a fim dos habitantes correrem armados ás linhas na fórma que o costumavam fazer; com taes disposições ficaram as linhas de defeza da Cidade muito bem guarnecidas, e toda a mais tropa prompta para sahir ao campo bater o inimigo.

S. Exc.ª o Conde de Saldanha á meia noite achava-se no campo entre o Carvalhido e Vanzeller, onde tinha mandado formar o Regimento n.° 10 de Cavallaria, os Lanceiros da Rainha, uma Brigada de Ar-

vilheria, e duas de Infanteria, — a 1.ª composta dos Regimentos n.° 10 e 15, e do 1.° Batalhão Nacional Movel, e das praças da divisão expedicionaria que se achavam em deposito; foi commandada pelo Coronel Pacheco, — a 2.ª composta do Regimento n.° 9, e de quatro companhias do Regimento da Marinha, de dous Batalhões Escocezes, e o Batalhão do commando do Coronel Dodgins; foi commandada pelo Brigadeiro Maldonado.

Esta força marchou pela uma hora da noite em direcção ao Padrão da Legua, e alli formando o General duas columnas, uma da 1.ª Brigada e o Regimento n.° 10 de Cavallaria — outra da 2.ª, e os Lanceiros, e Artilharia; meia hora antes de amanhecer marcharam por dous caminhos em direcção a S. Mamede sendo a columna da direita commandada pelo General Saldanha, e a da esquerda pelo General Valdez.

O inimigo que não esperava o ataque de flanco áquella hora, foi surprehendido em seus piquetes, e a velocidade, e rapidez da marcha sobre S. Mamede foi tal, que o Regimento n.° 11 do inimigo acantonado na Igreja daquella Aldêa, foi immediatamente desalojado pelo Regimento n.° 10 de Infanteria, e por algumas companhias do 1.° Movel, commandados pelo Major Miranda; e sendo então carregados pelo Regimento n.° 10 de Cavallaria, e Lanceiros, foi aquelle corpo inteiramente aniquilado, cabendo a mesma sorte ao Batalhão de Caçadores n.° 4, e um de Realengos inimigos: a carnagem causada por estas cargas foi espantosa.

As columnas Liberaes continuando sempre a sua marcha, em pouco tempo se acharam em frente do reducto Real, e de Contomil, onde o inimigo tinha já formado a sua linha.

A este tempo o Coronel Xavier com uma colum-

na composta do 5.° de Caçadores, e dos Voluntarios da Senhora D. Maria II, e do 2.° Regimento da Rainha, forçou a linha, e atacou a esquerda da nova posição do inimigo; onde os Voluntarios da Senhora D. Maria II com o seu costumado valor querendo forçar, e atacar o Forte de S. Miguel, tiveram alguma perda.

O Brigadeiro Zagallo a quem o General Conde de Saldanha tinha confiado o commando de outra columna composta do Batalhão de Caçadores n.° 12 e de meio Batalhão do Regimento ligeiro da Rainha, atacou a extrema esquerda da linha do inimigo sobre a Ponte de Campanhãa, e continuou seus movimentos sobre a esquerda em contacto com as mais forças atacantes.

As columnas Liberaes marcharam ao ataque na melhor ordem, e as posições foram tomadas sem disparar um tiro: estes movimentos combinados fizeram que o inimigo abandonasse toda a linha fortificada, e se pozesse em fuga na direcção de Vallongo, tendo experimentado consideravel perda pelos bem acertados tiros da Artilheria Liberal. A brava Cavallaria Liberal perseguindo o inimigo teve occasião de fazer sobre elle outra brilhante carga, no logar de Vendas Novas, uma legua da Cidade: o inimigo aproveitando-se do local tinha formado dous esquadrões de Cavallaria do Regimento n.° 8 e a Policia que fôra do Porto, sustentados pela Infanteria; e apesar do superior numero e da posição, o Coronel Nepomuceno não hesitou um instante; e carregando sobre a Cavallaria inimiga foi esta acossada, acutilada, e posta em fuga, bem como a sua Infanteria, e uniram-se á força que coroava as alturas.

O inimigo sendo obrigado a largar todas as suas fortificações só deixou guarnecido o Forte de S. Miguel em Paranhos, de cuja guarniação se rendeu ao

Coronel Dodgins, que foi mandado ficar alli de observação.

Toda a força Miguelista ao Norte do Douro achava-se reunida nas alturas de Vallongo, a duas leguas da Cidade, em cuja posição seria imprudencia leval'-a de frente; em consequencia o General Conde de Saldanha depois de dar algum descanço á tropa marchou em direcção á altura, por nome a mulher morta, e por um caminho que não podia ser visto pelo inimigo — alli sem ser observado formou em tres columnas, e avançando sobre a extremidade, e frente da linha do inimigo com tal rapidez, que quando os Liberaes antes julgaram achar uma porfiada resistencia, o inimigo debandou completamente, e foi ainda uma vez perseguido pelos Lanceiros até ás alturas de Ponte Ferreira: concluida desta maneira a sortida do dia, o General ordenou o regresso das tropas triunfantes para a Cidade aonde foram recebidas com todas as provas de gratidão ao som de harmoniosos repiques dos sinos.

Para o bom exito destes movimentos contribuio muito uma sortida, que o bravo Major Fontoura fez sobre Oliveira do Douro com as forças que commandou, tiradas da Serra do Pilar, com as quaes conteve em respeito o inimigo da parte do Sul, e evitou que o mesmo passasse o Douro para o Norte.

O bravo e prudente General Conde de Saldanha manobrou bem e militarmente, n'um estilo brilhante, e suas sabias disposições habilitaram os Liberaes a colher os louros da gloria em tão brilhante e feliz dia; abrindo passo aos leaes habitantes engaiolados dentro da Cidade ha perto de um anno.

As bem acertadas e repentinas medidas tomadas pelo invicto General, e a boa vontade, e valor com que foram executadas; foi sem duvida quem obrigou o inimigo a ceder em poucas horas o terreno e forti-

ficações, por elle ha' tanto tempo occupados; experimentando além disso, uma consideravel perda em mortos e feridos, e 215 prisioneiros inclusivè um Major e seis Officiaes, uma peça de campanha de calibre 5, tres armazens de polvora, balas, granadas, viveres, varios utencilios, e um bom numero de apresentados: havendo que lamentar a perda de 118 Liberaes inclusivè 12 Officiaes.

Assim finalisou o sempre memoravel dia 18 de Agosto; dia de gloria para os defensores da Cidade Eterna; dia de jubilo e gostoso prazer para os dignos Portuenses: o Porto ficou livre, levantou-se o rigoroso sitio, que por onze mezes e dez dias seus leaes habitantes com valor, e constancia, soffreram todas as privações que se podem imaginar; de dia, e noite debaixo de um continuado fogo de bombas, granadas, foguetes incendiarios, fome, e devastadora peste. O livre ar do campo principiou a respirar em seus magoados corações; e suas visitas ao terreno, aonde tão nobre e heroicamente tinham lutado em defeza da justa causa, os enchia de prazer, e indemnisava de todas as perdas, e privações porque tinham passado.

Milagres da Divina Providencia.

A' vista de tantos e repetidos ataques do inimigo sobre o Porto, e sem nunca conseguir seus malvados fins, á vista de milhares, e milhares de projectis destruidores, que em todo o tempo do sitio lançou sobre a Cidade, á vista das bem construidas linhas de circumvalação, e baterias do inimigo, em todo o sentido superiores ás dos Liberaes, á vista finalmente de um numeroso Exercito inimigo a quem não faltavam recursos, e que em numero nunca foi menos de

des para um Liberal a quem tudo faltava, á vista de tudo isto, haverá humano vivente, que não acredite, que a Divina Providencia com seu benefico braço defendeu, e auxiliou a pequena porção de seus escolhidos, encarcerados na Cidade Eterna em defeza da justa causa da sua Rainha a Senhora D. Maria II, contra o tyranno D. Miguel usurpador da sua Corôa?

O inimigo foi estabelecer-se a 4 leguas do Porto.

Finalmente o inimigo, forçado a levantar o sitio da Cidade, foi estabelecer-se a quatro leguas em todos os pontos das estradas que seguem ao Porto, fazendo o central em Santo Thirso, a direita em Villa do Conde e a esquerda em Mélres: a divisão ao Sul do Douro abandonou suas posições no dia 18 por noite, e foi tomar ponto central em Souto-Redondo a quatro leguas tomando todas as estradas transitaveis para o Porto: estes movimentos tiveram por objecto impedir a communicação das Provincias com o Porto, e de conter em respeito as fôrças Liberaes, em quanto o usurpador, e seu General Bourmont marchavam sobre Lisboa com 17,000 homens de Infantèria, 1,200 cavallos, e 30 peças de artilheria em reforço ao General Molellos, e ao ex-Duque de Cadaval, fugidos diante dos Estandantes da Rainha, onde a mesma sorte esperou, e teve o vencedor de Argel.

Supposto que o Porto ainda estava de tal maneira ameaçado, já tinha quatro leguas d'onde tirar recursos; os Lavradores d'aquelles contornos ha perto de um anno não tinham visto real pelo producto de suas Seáras, por este motivo, foi tal a concurrencia de todos os generos entrados na Cidade por este lado, e em trinta e dous navios pela barra, que a abundan-

cia principiou, e a fome jámais ameaçou aos habitantes.

Sortidas dos Liberaes a Azurara, Mélres, e Lomba em 30 d'Agosto.

O General Conde de Saldanha foi chamado por S. M. I. a Lisboa: no dia 23 d'Agosto tomou o commando da defeza do Porto, o General Stubbs, tambem predilecto da confiança dos habitantes, pelo seu bom comportamento e defeza que fez, (pela incursão Silveiratica-Miguelista em 1827), sendo então Governador da mesma Cidade: este prudente, e sabio General teve logo o cuidado em preencher com novos alistamentos o numero dos contingentes, que do Exercito tinham embarcado para Lisboa; e em suas energicas providencias, não foi menos sabio e activo que seu antecessor: o inimigo não estava longe, e muitissimo superior em forças numericas, aos presentes defensores da Cidade; estes diminuidos, e aquelles reunindo e engrossando suas fileiras com novas tropas.

O General Stubbs a quem estavam confiados os destinos da Cidade, fez continuar com muita actividade e energia o arrasamento, e total aniquilação das linhas e reductos, que o inimigo tinha construido sobre a Cidade, e fazendo levantar outros, que seriam bem fataes ao inimigo se tentasse outra vez aproximar-se.

Este circunspecto General ao mesmo tempo que cuidava na segurança da Cidade, suas vistas se estendiam a aniquilar as forças do inimigo: elle constando-lhe que em Azurara se achava reunindo uma guerrilha Miguelina, fez marchar no dia 29 por noi-

te 200 praças do Batalhão de Voluntarios da Senhora D. Maria II, e 14 cavallos; esta força commandada pelo Capitão Mesquita ao romper do dia 30 inesperadamente cahio sobre aquella povoação, e podendo rodear os differentes pontos onde a guerrilha se achava dividida, apezar da sua resistencia, o resultado foi ficarem 15 mortos, escapando-se os mais pelos campos e valles, deixando em poder dos Liberaes, duas peças, armamentos, e munições que fizeram conduzir ao Porto.

Ao mesmo tempo marchou pelo Douro acima em direcção a Meltres, o Capitão Joaquim Bento com uma companhia do seu Regimento n.° 10 e batendo-se alli com um Regimento de Milicias, e Voluntarios Realengos, com tanta fortuna, e vantagem, que em menos de uma hora aquelles escravos do usurpador se escaparam abandonando o seu posto, deixando em poder dos Liberaes 350 cunhetes e oito barris de cartuxame de polvora, 50 lanternetas, 4 morteiros, e 1 peça de calibre 18, com cujos despojos se recolheram á Cidade.

No mesmo dia e na mesma occasião, o Sargento Jeronimo Pinto com mais alguns Voluntarios patriotas da Villa da Feira, sabendo que no sitio da Lomba na margem do Douro se achavam duas barcas carregadas com artilheria grossa, e estas guardadas por uma guerrilha Miguelina de 100 homens commandados pelo Capitão Mór de Ordenanças da Raiva; aquelles bravos, e atrevidos Liberaes correram ao sitio, e batendo-se com os guerrilhas, os fizeram retirar tomando-lhe as duas barcas que conduziram ao Porto, trazendo a monstruosa peça Paulo Cordeiro, outra de calibre 42, quatro morteiros, sete caixões de cartuxame, quantidade de balas, bombas, e outros petrechos de guerra.

Sortida dos Liberaes sobre Baltar, Villa do Conde, e Medrea em 3 de Setembro.

O inimigo estabelecido a 4 leguas, interceptando n'aquelles pontos tudo quanto pertendia passar para o Porto; occupava então a attenção do General, e constando-lhe que as authoridades Miguelinas na Provincia do Minho, e Partido do Porto, trabalhavam de accordo na reunião dos Milicianos, que haviam fugido para suas casas por occasião da retirada do Exercito, e que os Generaes Miguelistas forcejavam em reunir varios destacamentos de tropas das diversas partes das Provincias; para obstar a tudo isto, resolveu fazer um movimento geral sobre todos os pontos occupados pelo inimigo.

No dia tres de Setembro pelas duas horas da manhãa, o mesmo General Stubbs á frente de uma columna marchou pela estrada de Baltar, a procurar o inimigo que em força alli se achava reunido; este porém tendo noticia da marcha dos Liberaes e lembrado das cousas que nas linhas tinha apanhado, não se atreveu a esperar os hospedes, que o procuravam; retirou-se para Penafiel; e por consequencia as forças Liberaes voltaram a seus postos, cabendo-lhes nesta occasião sómente a gloria de ver fugir diante dos Estandartes da Liberdade, os escravos da usurpação, e do absolutismo.

No mesmo dia e hora, outra força Liberal commandada pelo General Zagallo marchou pela esquerda em direcção pela estrada de Braga e de Villa do Conde, onde surprehendeu um Regimento de Milicios o qual fazendo uma vigorosa resistencia, depois de ter perdido uns 200 homens entre mortos e feridos, o resto de 168 se entregou prisioneiro, que foram con-

duzidos ao Porto com dous carros de objectos militares e 247 armas.

Outra pequena columna commandada pelo Major Fontoura, marchou pela direita em direcção a Melres, aonde o inimigo (depois do acontecido no dia 30 d'Agosto) novamente tinha reunido e reforçado aquelle ponto com uns 300 homens de Infanteria n.º 19, Voluntarios Realengos, e porção de guerrilhas; cujas forças pertenderam defender o ponto que lhe fôra confiado, e depois de alguma resistencia, fugiram diante dos bravos que os procuravam; e por consequencia Melrés ficou em poder dos Liberaes em quanto estes levantaram do fundo do Rio Douro toda a artilheria, que o inimigo alli tinha afogado, pensando que desta maneira seria salva, e não cahiria no poder dos Liberaes.

Os Liberaes desalojaram o inimigo da Areosa e monte de Pedrouços sobre o Porto em o 1.º de Dezembro.

O inimigo depois das sortidas do dia 3 de Setembro voltou a occupar seus anteriores pontos; e Conde de Almamar General Miguelista adoptou um systema de barreira em todas as estradas perseguindo, e tratando cruelmente alguns miseraveis que lhe cahiam nas mãos conduzindo alguma sorte de mantimento para o Porto: os Liberaes desde então não tornaram a procurar o inimigo, e dentro de suas linhas ficaram espectadores vigiando seus movimentos; tendo-se uns, e outros conservado em suas posições em todo o mez de Setembro, Outubro, e Novembro.

No primeiro de Dezembro os piquetes da descoberta annunciaram, que o inimigo em força se aproximava sobre o Porto pela estrada de Guimarães; e

com effeito ás oito horas da manhãa achava-se estabelecido no logar da Ariosa e o monte de Pedrouços: o Exc.mo General Stubbs determinou um reconhecimento sobre aquelles pontos; e para esse fim sahio o mesmo incansavel General pela bateria do Covello com parte dos Regimentos n.os 10, e 18, os Voluntarios do Minho, e 80 cavallos; esta força cahindo sobre os postos avançados do inimigo, os fez desalojar; tendo travado um renhido tiroteio, conheceu o General, a numerosa, e superior força do inimigo, por isso ordenou a retirada para dentro das linhas, onde contava dar-lhe uma boa lição se tentasse atacar a Cidade; porém o inimigo não se atreveu, e contentou-se em fazer n'aquelle dia varias evoluções, desapparecendo, e apparecendo em varios pontos; até que de noite se retirou.

A perda dos Liberaes neste reconhecimento foi de um Soldado morto e 24 feridos, entre estes o bravo Coronel Pacheco Commandante do n.º 10 de Infanteria, que infelizmente não pôde sobreviver á gravidade do seu ferimento na cabeça, e morreu no dia 3, deixando a seus companheiros de armas, e aos habitantes do Porto, a mais terna saudade: elle ganhou uma gloria immortal, desenvolvendo em defeza da patria seu valor e pericia militar: a singeleza de seus costumes, a innocencia de sua vida, brilhavão em todas as suas acções, seus Soldados em vida o amavão, e morto o choraram como pae. (1)

---

(1) A Camara Municipal do Porto em memoria do illustre defensor da Liberdade, mandou na Rua onde fineo seu termo abrir o titulo de = Rua do Coronel Pacheco = A Irmandade de Nossa Senhora da Lapa mandou no seu Cemiterio, e sobre o jazigo onde descançam os restos mortaes do virtuoso e insigne guerreiro, levantar um busto á sua memoria.

O inimigo atacado pelos Liberaes em Santo Thirso, a 4 leguas do Porto, em 25 de Março de 1834.

S. Exc.ª o General Stubbs foi chamado a prestar seus serviços no Exercito de Lisboa, para onde marchou levando comsigo a saudade de todos os habitantes do Porto. No seu logar ficou o General Torres, militar bravo, e firme, bem conhecido por seus feitos; já na Ilha Terceira, e já na defesa da Serra do Pilar; sua actividade no aperfeiçoamento das obras de defesa em torno da Cidade; a continuação do recrutamento de Voluntarios nas Aldêas visinhas, que pareciam não fazer falta os contingentes sahidos para Lisboa.

O inimigo achava-se nas mesmas posições, ainda que muito desanimado pelos revezes que seus camaradas continuadamente tinham experimentado ao Sul do Reino: o commando estava confiado ao General Cardoso: este habil General Miguelista tinha reunido em Santo Thirso, todas quantas forças póde, com as quaes queria tentar sua fortuna, ao saber que os defensores do Porto estavam em grande numero diminuidos; porém o vigilante General Torres, que entendeu o plano do inimigo, não esperou nem lhe deu tempo de o pôr em pratica.

No dia 25 de Março, Torres deixando as linhas do Porto guarnecidas pelos Batalhões Nacionaes Provisorios, e entregue ao cuidado, e vigilancia do Governador Militar Cantanhede, sahio em direcção a Santo Thirso com uma força composta do Regimento n.º 18, o Regimento de Voluntarios da Senhora D. Maria II, o Regimento n.º 10, alguns Batalhões Nacionaes, duas Brigadas de Artilheria, e uns 100 cavallos incluindo os da Guarda Nacional; no seguinte

dia 26 pelas cinco horas da manhãa atacou os postos avançados do inimigo, e tendo este feito uma vigorosa resistencia, foi obrigado a ceder e deixar a posição que occupava retirando-se para Guimarães com bastante perda, sendo a dos Liberaes 2 mortos, 8 feridos, 2 cavallos mortos e 6 extraviados.

O General Torres em Santo Thirso destacou uma columna sobre Braga; e com outra continuou perseguindo o inimigo: em Braga achava-se o furioso Raimundo José Pinheiro Governador Miguelista da Provincia do Minho: este miseravel General bem conhecido por fraco, e impostor, não esperou o encontro, e immediatamente deixou Braga, retirando-se para Carvalho d'Este, com o seu Batalhão de Padres, 2 peças de campanha e alguns cavallos, d'onde foram perseguidos pelas forças Liberaes, e em consequencia se retiraram para a Villa de Chaves.

O inimigo que se tinha retirado para Guimarães, tendo noticia da occupação de Braga pelos Liberaes, não esperou e na noite de 26 abandonou a Villa, e evadio-se pela estrada de Hombeiro, hindo estabelecer-se na forte posição da Lixa, onde se lhe reunio as forças que tinha em Baltar.

Batalha na Lixa em 2 d' Abril.

O General Torres entrou em Guimarães no dia 27 de Março de manhãa, e tendo alli dado algum descanço a sua tropa, e reunindo as forças que tinha destacado sobre Braga, marchou no primeiro d'Abril em seguimento do inimigo, que encontrou no dia 2 nas immediações da Lixa, estendendo-se desde o principio da povoação até á elevação que a domina: os Liberaes formaram em três columnas de ataque e tra-

vando-se um renhido combate resultou fugir o inimigo deixando no campo 112 mortos, muitos feridos e 2 bocas de fogo: os Liberaes perderam 99 incluindo 12 Officiaes.

Esta brilhante acção acabou de corear de louros aos defensores da Cidade Eterna: já não era a primeira vez, que seus inimigos tinham provado a sua coragem, e valentia a coberto das linhas do Porto; mas naquelle dia, paisanos bateram-se em campo a peito descoberto, seu valor foi mais que admirado, e rivalisaram com seus camaradas aguerridos: a Cavallaria composta de Nacionaes do Porto, e sendo alli encontrados pela Cavallaria e Lanceiros inimigos, avançaram ao ataque, e bateram-se como Soldados experimentados apesar do terreno não lhe ser favoravel.

Ataque na Ponte d' Amarante em 11 d' Abril.

O inimigo passou a Ponte d'Amarante, e foi estabelecer-se no Gevello em uma forte posição que dominava a passagem da ponte: o General Torres estava preparado para forçar aquella posição, quando recebeu ordem para entregar o commando ao Duque da Terceira, Anjo Tutelar das Liberdades Patrias, diante de cuja espada fogem, e desapparecem as falagens da usurpação e da tyrannia: o Duque desembarcou no Porto em o dia 3 com o Batalhão de Caçadores n.° 12 e no dia 6 tomou o commando das tropas em Amarante, e continuou a mão de obra barredoura sobre o inimigo.

No dia 11 d'Abril ao romper do dia uma columna composta do Regimento n.° 18, Caçadores n.° 12, Voluntarios da Senhora D. Maria II, e o Batalhão de Voluntarios Nacionaes Transmontanos com 60 cal

11 para 12, e por conseguinte o povo d'aquella Cidade abrindo a Cadêa deu soltura a seiscentos e tantos presos que alli gemiam em ferros a prol da Liberdade.

Para a total aniquilação das forças Miguelinas ao Norte do Douro contribuio muito o desembarque feito pelo Commandante da Esquadra da Rainha (Napier) em Caminha no dia 23 de Março, e sortida que o mesmo fez á Praça de Valença, que se lhe rendeu no dia 3 d'Abril de 1834.

O Porto finalmente fica livre — Soffrimento, perda de vidas e bens dos habitantes — Total perda dos Exercitos Liberal e Miguelista durante o Cerco.

Finalmente o Porto ficou de todo e inteiramente livre; suas linhas de defeza não precisaram mais de occupar a vigilancia e os braços dos leaes, e constantes Cidadãos defensores; e cada um por tanto foi entregar-se a seus domesticos trabalhos, e a gosar com sua amavel familia, da livre paz ganhada á custa de tantos e penosos sacrificios.

A livre communicação com as Provincias sem o menor tropeço, habilitou os Cidadãos Provincianos a conduzirem as producções de sua industria ao mercado do Porto.

Os habitantes do Porto soffrêram a fome, a peste, e a guerra; mas seus males, seus padeceres, eram ao mesmo tempo suavisados por um Governo paternal, liberal, e consolador; pelo contrario os Provincianos que tiveram a desdita de ficar debaixo da tutela do usurpador, soffreram sem remedio, na sua honra, vida, e fazenda, toda a sorte de despotismo, e tyrannica escravidão.

Que os povos das Provincias soffriam o pesado jugo de seus oppressores, e que só esperavam o momento de quebrar os ferros com que se achavam maneatados; foi provado, e authenticado pela espontanêa acclamação da Constituição, e adhesão ao Governo da Rainha a Senhora D. Maria II, logo que se acharam livres da força armada Miguelina, detestando para sempre o governo do usurpador, em todas as Cidades, Villas, e Povoações das Provincias resgatadas.

As baterias Miguelinas construidas nas mais elevadas posições ao sul do Douro, fornecidas de grossa artilheria, entre estas a celebre Paulo Cordeiro; apesar dos milliares de balas razas, bombas, granadas, foguetes incendiarios, que durante o Cerco lançaram sobre a Cidade, taes projectís não sortiram o estrago desejado pelo usurpador; por quanto os edificios da Cidade sam construidos de grossa pedra com tal arte e segurança, que suas paredes sam uma muralha de fortaleza; não obstante mais de tres mil propriedades soffreram mais ou menos prejuizo, sendo algumas consumidas pelas chamas do fogo, e reduzidas a cinza, cujas ruinas já se acham na maior parte reparadas.

A perda de vidas tambem não satisfez aos malevolos desejos do tyranno; por quanto entre setenta mil habitantes só vieram a ser victimas daquelles projectís, pelo calculo mais aproximado, uns mil infelizes: milagres foram vistos aos olhos de muitos; que arrebentando as granadas nas ruas, nas praças, no meio de numeroso povo, dentro das casas no meio mesmo de familias, onde destruindo moveis, portas, janellas, felizmente não era nenhuma creatura molestada.

A fome e por consequencia a Colera morbus fez mais estragos; desta molestia, tambem pelo calculo mais aproximado, finaram mais de duas mil creaturas.

A perda do Exercito Liberal durante o Cêrco do Porto, em vinte e nove ataques ás linhas, e fóra dellas, entre mortos, feridos, e prisioneiros foram 3:478, inclusivè 201 Officiaes.

A perda do Exercito Miguelista nos vinte e nove ataques ás linhas do Porto, entre mortos, feridos, e prisioneiros foram 23:004 homens.

E para lamentar a perda de tantos mil bravos Portuguezes; uns derramando seu sangue, dando a vida no campo da honra pela Liberdade da Patria, e restaurar o Throno usurpado a sua Rainha a Senhora D. Maria II; outros para sustentar o despotismo, e escravisar a mesma Patria a um tyranno usurpador.

Quando D. Miguel e seus perversos conselheiros decretaram o arrazamento da Cidade do Porto, e a extincção de seus habitantes, seus delirios naquelle momento não lhes deram lugar para conhecerem, que a poderosa mão do Omnipotente manejava em apoio da justa causa da Joven Rainha, e em favor de tantos milhares de innocentes, que o novo Faraó do Seculo XIX pertendia immolar á sua tyrannia. A serie de acontecimentos desde 1828 até 1834, sam uma trombeta, ou clarim, que nos está annunciando aquelles prodigios, e milagres; cujos nós, que ora vivemos, e fomos testemunhas, devemos sem duvida, e com toda a fé acreditar; porque sem o soccorro da Divina Providencia não era possivel que o braço dos homens conseguisse levar ao fim empreza tão ardua.

Biografia ou a vida, trabalhos, e acções de D. Pedro no sitio do Porto.

D. Pedro de eterna memoria!! quando aportou nas praias de Mindello em Portugal, a força numerica do seu Liberal Exercito não excedia de 7:500 homens; mas bravos, e decididos a morrer, ou vencer ganhando a perdida Patria, e a Liberdade para suas familias: elles por seu incomparavel valor, apoiados n'alta sabedoria e confiança de seu Chefe, foram capazes de tantos feitos gloriosos, obtidos na porfiada lucta em que se empenharam; nunca houve Exercito tão pequeno com igual coragem: mui raros tem sido os Principes em quem se reunissem as qualidades que possuia D. Pedro: elle era bom religioso sem impostura; bom Regente, e generoso; Páe misericordioso; bom General, e bom Soldado; muito habil, activo, humano, e caritativo: estas excelsas e virtuosas qualidades eram os preciosos dotes de sua grande alma: respeitava e protegia a Religião Christãa que professava de todo o seu coração, já com o seu exemplo na assistencia a todos os actos religiosos, já legislando em augmento e veneração do culto, já gratificando os Ministros do Altar que mais se distinguiam por suas virtudes nos actos de seu santo ministerio: como Regente, incançavel em promover o bem-estar dos subditos da Rainha, promulgando salutares Decretos, medidas sabias e permanentes para felicidade dos Portuguezes; premiava e enchia de graças aos benemeritos Cidadãos, que se distinguiam no serviço da Pa-

tria; perdoava e modificava as pennas, e o castigo que a Lei impõe aos mais Cidadãos transgressores e perturbadores do socego publico, corregindo seus immoraes sentimentos a fim de os tornar Cidadãos uteis: como General em todas as occasiões de ataque, ou atacando o inimigo, elle sempre foi visto á frente do seu Exercito animando seus soldados a baterem-se com seus inimigos: era habil em todas as sciencias e artes, para elle nada havia difficultoso: activo no que resolvia, e logo immediatamente era posto em execução; não admittia demoras, nem observações, e nestes casos era o primeiro a dar exemplo, pegando no instrumento abria caminho aos trabalhos, fosse qual fosse sua natureza: a caridade, e humanidade nunca se apartava da sua grande alma; Estabelecimentos pios para asilo e amparo da pobreza foi um de seus maiores cuidados e attenção: seus puros, sãos, e moraes sentimentos brilhavam em todas as suas acções; grande com os grandes, popular com os pequenos; fallava a todos com a mesma attenção, urbanidade, e singeleza.

Por seu genio laborioso, pouco tempo tomava de repouso; recolhia-se á sua camara pela meia noite, e ás quatro horas da manhãa já estava prompto esperando por seus Ajudantes d'Ordens, em companhia dos quaes sahia a visitar toda a linha de defeza, a dar as necessarias providencias; recolhia-se ao Paço pelas dez horas a tomar algum alimento, e ficava trabalhando com seus Ministros no Despacho, e dando Audiencia até ás duas horas da tarde, quando então outra vez sahia, dirigindo-se, uns dias por todas as officinas de obras militares, vendo e examinando, e accelerando os trabalhos das mesmas; outros dias destinava-se aos differentes hospitaes a visitar os feridos; aquella carinhosa visita era igualmente feita ao hospital dos prisioneiros feridos a quem dirigia expressões

de humanidade, assegurando-lhes que, logo que estivessem sãos, os mandaria para seu Irmão; (cuja promessa foi religiosamente cumprida, mandando-os vestir de panno encarnado, e passar fóra das linhas de defeza) concluida a visita recolhia-se ao Paço pelas seis horas, tomava assento na sua mesa a jantar com todos os Officiaes do dia, findo o qual, entrava em Conselho de Estado sobre os diversos assumptos do Governo; e concluido, lá hia apparecer no Theatro para satisfazer á multidão de espectadores, que anciosos alli o desejavam vêr. Assim foi consumida a preciosa vida do Grande Heroe em um anno e quinze dias, que dentro do sitio da Cidade eterna tiveram os Portuenses a gloria de gozar da sua amavel presença.

D. Pedro com a Rainha visitam o Porto em Julho de 1833 *— Sua despedida.*

Os Portuenses sempre em todas as épocas foram fieis, e predilectos por seus legitimos governantes; por estes, e pela Liberdade da Patria teem exposto suas vidas, suas fazendas, e suas fortunas: do incomparavel D. Pedro, 1.° Imperador do Brazil, 4.° Rei de Portugal, Duque de Bragança, Páe da nossa Excelsa Rainha a Senhora D. Maria II, eram extremamente amantes: D. Pedro veio salval'-os, e tiral'-os das garras da féra, que os pertendia devorar; e em recompensa os Portuenses se prestaram, e ajudaram D. Pedro com suas vidas, e suas fortunas, até á final anniquillação, e expulsão do tyranno usurpador D. Miguel; dando assim a todo o Reino a paz, e a liberdade a todos os Portuguezes; e elevando a legitima Rainha ao seu Throno tão atrozmente usurpado.

O documento que se segue, escripto por mão de D. Pedro vindo visitar a Cidade do Porto em Julho de 1834, assás prova os auxilios que os Portuenses lhe prestaram durante o memoravel sitio.

Portuenses.

» Apesar de não estar completamente restabelecido da doença, da qual tantas fadigas e trabalhos, por vós presenciados, foram a principal causa, Eu não quiz por mais tempo demorar a Minha vinda a esta muito nobre e muito leal Cidade, em companhia da vossa Rainha, com o fim de Me congratular pessoalmente comvosco, pela terminação honrosa da Guerra civil, cumprindo com a promessa que vos Fiz no dia 26 de Julho do anno proximo passado, immediato áquelle em que o vencedor de Argel experimentou o primeiro revez em Portugal. Entre vós tendes a vossa Rainha, que vos agradece tantos esforços, e sacrificios que por ella tendes feito, e vos louva pela heroicidade que mostrasteis, a qual poderá vir a ser imitada, mas nunca excedida.

» Eu Me felicito a Mim mesmo por me ver no theatro da Minha gloria, no meio dos Meus Amigos Portuenses, daquelles a quem devo pelos auxilios que Me prestaram durante o memoravel sitio, o Nome que adquiri, e que honrado deixarei em herança a Meus Filhos. Eu muito folgo de vos vêr gozar da prosperidade, da paz e da liberdade, e de vos poder assegurar, bem como a todos os Portuguezes, que em quanto Eu tiver vida, defenderei por todos os modos a Rainha, e a Carta Constitucional da Monarchia.

» Eu desejaria poder demorar-Me mais de dez dias entre vós; porém estando mui proximo o dia em

que deve ter lugar a abertura das Cortes, é de absoluta necessidade que Eu Me ache na Capital alguns dias antes. Eu conto para o anno seguinte; se a Minha saude m'o permittir, vir com a Rainha, em estação opportuna, e por terra, visitar as Provincias do norte, e nessa occasião, tornar a ter o prazer de passar alguns dias nesta heroica Cidade. Porto 27 de Julho de 1834. = *D. PEDRO, Duque de Bragança.* »

D. Pedro cumprio a promessa em apresentar aos habitantes do Porto a sua Rainha, por quem elles tantos sacrificios tinham feito em sua defeza: a Imperatriz que a acompanhou foi testemunha do enthusiasmo, gratidão, e regosijo dos Portuenses, ao vêr dentro de seus muros o immortal companheiro de suas fadigas, e trabalhos, acompanhado dos distinctos, bravos, e leaes Generaes, o Duque da Terceira, e o Marquez de Saldanha. A visita por curta não correspondeu aos desejos dos habitantes do Porto: D. Pedro os deixou magoados com saudades; porém elle tambem não sentia menos. Quando atravessando a barra de volta para Lisboa, correspondendo com seu lenço a milhares de homens e senhoras que de longe acenando se despediam; elle voltando-se para a Imperatriz, e para a Rainha com perturbação — « Então enganei-vos?!!! não sam elles meus fieis Portuenses? Adeus Porto, nunca mais te verei. »

Morte de D. Pedro — Doação de seu Coração á Cidade eterna.

Adeus Porto, nunca mais te verei!! disse o Grande e incomparavel D. Pedro presagiando o curto es-

paço da existencia de sua preciosa vida, tão activa, e atribulada com fadigas, e angustias a que esteve exposto durante a porfiada luta: elle desceu ao tumulo do eterno descanço no dia 24 de Setembro de 1834 no melhor e mais brilhante lustre de sua idade 35 annos, 11 mezes e 12 dias!! a Patria, e os bons Portuguezes terão sempre que lamentar a sua falta, e os habitantes do Porto devem chorar a perda do seu Amigo, e companheiro nos trabalhos.

Aos fieis Portuenses confiou D. Pedro a guarda de seu Coração, doado por elle á Cidade eterna em premio e memoria da gloria adquirida dentro de seus muros: essa reliquia preciosa, que hoje se acha depositada na Real Igreja de Nossa Senhora da Lapa, terá de ser transferida para o Baluarte da lealdade, valor, e patriotismo na Serra do Pilar, aonde será levantado um monumento eterno em memoria do Grande Homem: alli hirão os corações generosos pagar o grato tributo de admiração, e saudade pelo seu Libertador; e as gerações futuras aprenderão desse tumulo a detestar os tyrannos, e a amar a Liberdade.

Batalhas Navaes — Derrota e tomada da Esquadra Miguelina.

Supposto que a Esquadra maritima dos Liberaes não dêva enumerar-se como parte do Cerco do Porto; com tudo ella contribuio muito para os Liberaes poderem supportar por longo tempo a causa em que se achavam empenhados, — 1.° porque tendo o usurpador D. Miguel declarado o Porto bloqueado, os especuladores abandonando o bom preço do mercado não mandariam seus navios sobre a Costa carregados com mantimentos; como effectivamente mandaram confiados e certos de que, suas especulações eram protegidas, e cobertas pelos navios de guerra Liberaes, que apesar de serem menores em numero e forças, sempre contiveram em respeito a Esquadra Miguelina commandada pelo Almirante João Felix, quando se apresentou ao mar da Costa do Porto, com o projecto de apresar e fazer desapparecer os navios que alli se achavam carregados com mantimentos, e provisões para os Liberaes, — 2.° porque de alguma maneira obstou a que o Governo do usurpador mandasse de Lisboa por mar a desembarcar perto do Porto, os continuados reforços ao seu Exercito sitiador, sendo por isso obrigado a mandal'-os por terra, vindo assim a soffrer os gastos e trabalhos de uma longa demora no transito daquelles reforços, — 3.° pelas batalhas navaes, resultando destas a total aniquilação, e tomada de toda a Esquadra Miguelina, — 4.° finalmente acompanhando, e apoiando por mar as operações dos Libe-

raes desembarcados no Algarve até á sua feliz entrada na Capital de Lisboa.

O Governo usurpador tendo declarado o Porto bloqueado, mandou apromptar a sua Esquadra composta de — 1 Náo — 1 Fragata — 3 Corvetas — 3 Brigues, para com força armada realisar de facto, o que sem custo tinha resolvido em gabinete. S. M. I. immediatamente mandou ao Almirante Sartorius Commandante da Esquadra Liberal que navegasse sobre Lisboa; a fim de impedir a sahida da Esquadra Miguelina ao mar; 2 Fragatas — 1 Corveta — 3 Vasos pequenos — 1 Vapor armado, era a unica força da Esquadra Liberal para bloquear o porto de Lisboa, e bater-se com outras muito mais superiores: o Almirante Sartorius tendo destacado dous de seus navios para o Norte ficou diminuido em forças, o Commandante da Esquadra Miguelina aproveitando esta occasião, e favorecido por uma brisa do Norte sahio do Téjo na manhãa do dia 3 d'Agosto de 1832 em direcção a S. W. e W. nw. seguido mui de perto pelo Almirante Sartorius, que apesar das inferiores forças que tinha lhe offereceu por vezes combate o qual não foi acceite pelo Commandante Miguelista, mas antes evitou toda a occasião de bater-se; porém Sartorius na noite do dia 10 para 11 sendo favorecido pelos ventos não perdeu occasião de atacar a Esquadra Miguelina, conseguindo então derrotar a Náo D. João VI, por cujo motivo foi logo rodeada pelas mais embarcações e assim poderam conduzil'-a a Lisboa onde entrou com grande avaria: nesta brilhante acção tiveram os Liberaes 3 mortos, e 10 feridos. É para notar, que o Governo do usurpador mandasse illuminar a Cidade de Lisboa na noite do dia 10 em regosijo pela tomada da Esquadra Liberal, impostura que pouco tardou a verificar-se com a entrada da sua conduzindo a Náo destroçada.

A Esquadra Liberal ficou sobre Lisboa em observação da Miguelina, que tendo-se reparado dos estragos soffridos pôde sahir ao mar, e navegando ao Norte apresentou-se na Costa á frente do Porto, seguida sempre da Liberal que offerecendo-lhe combate nunca lhe foi acceite: a força dos elementos obrigou as duas Esquadras a recolherem-se ao abrigo na Ria de Vigo aonde fundearam: tendo-se alli demorado algum tempo, a Esquadra Miguelina suspendeu ferro na manhãa do dia 10 de Outubro; quando o Almirante Sartorius a atacou causando-lhe tal ruina, que foi obrigada a hir recolher-se a Lisboa reparar os damnos que tinha soffrido.

Officio do Almirante Sartorius.

Bordo da Fragata D. Maria, 11 d'Outubro de 1832
— 40 milhas ao Este das Ilhas de Baiona.

» Hontem ás 6 horas da manhãa tendo observado que a Esquadra inimiga composta de 1 Náo de linha — 1 Fragata — 2 Corvetas — 2 Brigues, vinha sahindo da Bahia de Vigo, immediatamente suspendi do meu ancoradouro dentro das Ilhas de Baiona, e lhe fui no alcance, determinado, não obstante a grande superioridade de forças, a obrigar seu Commandante a um combate geral, na certeza de que lhe havia de reduzir seus grandes vasos a tal estado, que ficassem fóra do serviço por alguns mezes; por consequencia em meu plano de ataque colloquei de tal modo os meus vasos menores que eu ficasse livre para dahir com as duas Fragatas sobre a Náo inimiga em quanto as minhas duas Corvetas occupassem a attenção da Fra-

gáta rebelde; mas no acto de nos aproximarmos e romper o combate pela volta de uma hora da manhãa de hoje era tão pouco o vento, ou antes bafagem que poucos d'aquelles vasos poderam tomar suas destinadas posições, e prestar-me o auxilio que estou bem seguro mui anciosamente desejavam dar-me.

» O resultado foi que, todo o fogo do inimigo (então a tiro de metralha) se dirigio unicamente ás Fragatas, e ao Brigue 23 de Julho, mas com mais particularidade á Fragata Almirante, e ultimamente á Corveta Portuense; foi sustentado e respondido o fogo por todos os Officiaes e tripulação com o maior invencivel espirito e coragem durante quatro horas e meia; passado este tempo e vendo que a minha ensarcia de bombordo tinha soffrido bastante, e que algumas peças do mesmo lado se achavam temporariamente inutilisadas, tratei de virar com o fim de me engajar por estibordo; acompanhei este movimento com um bem dirigido fogo sobre a Fragata contraria, e apenas o havia effectuado observei logo que o inimigo carregou todo para o Sul, o que me dava tempo para reparar as avarias: É-me impossivel achar termos sufficientes e expressivos com que possa louvar o sangue frio, bravura e intrepidez de todos os Officiaes, Marinheiros, e Soldados que tomaram parte em tão desigual conflito: tenho a lamentar a morte de 16 dos valentes que faziam parte da tripulação, sendo um destes o mais activo e bravo Official, além de 38 feridos de cujo serviço fico por algum tempo privado. = *Jorge Sartorius.* »

Aquella segunda lição dada por forças muito menores, e o grande estrago nos vasos de guerra do usurpador, decidio ao Almirante Miguelista a tomar o rumo do Sul e hir entrar em Lisboa a reparar-se das immensas avarias que no combate tinha soffrido; e

fosse temendo o inverno, ou antes a total derrota (que a final veio a realisar-se) a Esquadra por muitos mezes ficou ancorada no Téjo.

A Esquadra Liberal tornou a entrar na Ria de Vigo para igualmente reparar suas avarias e aonde passou o inverno: ordens repetidas foram pelo Governo Liberal mandadas ao Almirante Sartorius para sahir sobre Lisboa; porém elle a nenhuma dea cumprimento; em consequencia de desintelligencia que houve entre elle e o Governo, de que resultou, concederlhe S. M. I. demissão do seu serviço nomeando para Almirante da Esquadra Liberal Carlos Ponza Napier.

Este intrepido Official collocou as poucas forças do seu commando em toda a Costa do Porto até Lisboa de tal maneira, que ao primeiro momento podesse cahir sobre a Esquadra Miguelina se esta tentasse sahir ao mar; e ao mesmo tempo apoiar pela Costa qualquer operação das forças Liberaes de terra: elle tomando a seu bordo sobre a Costa do Porto no dia 21 de Junho de 1833 o invicto Duque da Terceira com 1,500 bravos Soldados da Liberdade, no dia 24 protegidos pelas baterias de seus navios desembarcaram na Costa do Algarve á vista mesmo das tropas do usurpador, ficando a Esquadra Liberal fundeada na Bahia de Lagos com destino á proteger as operações do Exercito de terra.

O Governo do usurpador em Lisboa ao saber pelo Telegrafo que a divisão Liberal sahida do Porto tinha felizmente desembarcado no Algarve, e que a Esquadra se achava fundeada na Bahia de Lagos: fez logo sahir de Lisboa as suas forças maritimas sobre a Costa do Algarve contando já com a victoria pela certeza que tinha das muito menores forças daquelles; e quando ufano esperava ver entrar no Tejo a Esquadra Liberal prisioneira, teve o desprazer de saber, que as suas grandes forças maritimas foram

derrotadas, é cahidas a final em poder dos Liberaes no dia 5 de Julho.

Officio do Almirante Napier.

Bordo da Fragata Rainha de Portugal na Bahia de Lagos 6 de Junho de 1833.

» Ill.mo e Exc.mo Snr. = Foi Deus servido conceder á Esquadra de S. M. F. uma grande e gloriosa victoria sobre o inimigo, que encontrei no dia 2 do corrente na altura do Cabo de S. Vicente, tendo a Esquadra do meu commando sahido da Bahia de Lagos na tarde do dia antecedente: a inimiga compunha-se de 2 Náos de linha — 2 Fragatas — 3 Corvetas — 2 Brigues — e 1 Chaveco, ao todo 10 vasos: a da Rainha de 3 Fragatas — 1 Corveta — 1 Brigue — e de 1 pequena Escuna ao todo 6 vasos.

» Mandei immediatamente a Lagos o Brigue Villa-Flor chamar os Vapores, que se me uniram á tarde: durante os dias 3 e 4 havia muito mar, o que tornava impraticavel a abordagem, modo de ataque, que eu tinha decidido adoptar: na manhãa do dia 5 acalmou o tempo.

» Eu esperava que os Vapores me prestariam grande e bom auxilio, mas á excepção de William IV, os outros não se mostraram dispostos a prestar aquelle auxilio, e os Engenheiros, e maruja recusaram positivamente aproximar-se ao inimigo: os primeiros pedindo duas mil libras cada um, antes de entrarem em acção: devo com tudo fazer justiça a Mr. Bell, que fez tudo quanto podia para os induzir a cooperar.

» Durante esta discussão levantou-se uma aragem pondo a Esquadra do meu commando a barlavento da do inimigo; a qual estava formada em uma linha cerrada, navegando com pouco panno; as duas Náos primeiro, as duas Fragatas na pôpa, tendo as tres Corvetas, e os dous Brigues um pouco a sotavento nos entrevallos.

» Expliquei aos Commandantes a minha intenção de atacar a Náo Rainha com a Fragata Almirante, e Fragata D. Pedro — á Fragata Princeza Real destinei a Fragata D. Maria II — á Fragata Martim de Freitas destinei á Portuense, e Villa-Flor, abandonando a Náo D. João VI (com Pavilhão de Almirante) aos navios pequenos.

» A's duas horas estando a Esquadra de S. M. a Rainha reunida, dirigiram-se os navios aos seus respectivos postos, e assim que nos aproximamos a tiro de fuzil, abrio-se um fogo terrivel em toda a linha, com excepção da Náo D. João VI, cuja artilheria não podia fazer pontaria: soffremos muita avaria no vellame, cabos, e perdemos gente bastante; com tudo continuamos a nossa derrota respondendo ao fogo dos navios inimigos, á medida que hiamos passando por elles: aproximamo-nos da Náo Rainha, que se tinha adiantado um pouco, pozemo-nos a par della por barlavento e abordamol'-a lançando-lhe toda a gente.

» O inimigo não resistio á nossa abordagem, que com difficuldade se conseguio, porque defenderam a tolda com bravura, e sinto dizer que nós soffremos muito: o Capitão Rews, segundo em commando desta Fragata, e o Capitão Charley, meu Ajudante de Campo, foram segundo penso os primeiros, que abordaram, (o primeiro recebeu tres feridas, uma dellas grave, e o segundo cinco), foram seguidos immediatamente por mim, e pelos meus Officiaes, e

por uns poucos de Marinheiros. O Capitão George, que servia como Voluntario, e o Tenente Woldridge foram mortos; o Tenente Eduards, e Mr. Winker, meu amanuense foram gravemente feridos: os Tenentes Liott, Cullis, e eu fomos os unicos Officiaes que escapamos: á medida que a maruja saltou dentro da Náo, correu a auxiliar-nos, e em cousa de 5 minutos a Náo era nossa.

» Por este tempo a Fragata D. Pedro deixou-se cahir a sotavento para a abordagem, mas eu ordenei ao Capitão Groblet, que perseguisse a Náo D. João VI que se tinha affastado, e sinto dizer que no acto de fallar comigo aquelle Capitão foi mortalmente ferido por uma bala de fuzil disparada da bateria do convez da Náo Rainha.

» O Tenente Liott, e um destacamento ficaram encarregados da presa, e a Fragata Almirante fez força de vela em seguimento da Náo D. João VI.

» Nós tinhamos os nossos cabos e o panno muito cortados, mas pelos grandes esforços do Capitão Phillips Mestre da Armada que neste tempo tomou o commando da Fragata Rainha, mudaram-se as velas do joanete, concertaram-se as enxarcias, e arranjaram-se os cabos, e consequentemente podemos avançar, e estavamos muito proximos da Náo D. João VI; hindo a Fragata D. Pedro na minha prôa, quando o Chefe da Divisão arreou a sua bandeira sem disparar um tiro, porque os Officiaes, e Maruja recusaram bater-se: as tres Corvetas, e os dous Brigues deram a pôpa ao vento, e asseguro a V. Exc.ª que não esteve ao meu alcance o evitar que se escapassem.

» Durante o tempo que eu estava atacando a Náo Rainha, a Fragata D. Maria II, Capitão Henry, tomou a Fragata Princeza Real, por abordagem com toda a bravura e gentilesa: o Capitão Henry faz grandes elogios aos seus Officiaes, e tripulação; sentindo

ter de informar que o seu Tenente Mr. Mois foi morto.

» A' Fragata Martim de Freitas (Maia e Cardoso) era demasiada força para o Villa-Flor, e Portuense, e ainda que estes dous navios lhe causassem grande damno, deitando-lhe abaixo o mastro de prôa, e fasendo-lhe outras avarias, aquelle navio pôde escapar-se dando a pôpa ao vento

» Eu deixei a Fragata D. Pedro encarregada de tomar conta da Náo D. João VI, e dei caça á Fragata Martim de Freitas que arreou bandeira antes de pôr o Sol. — Tenho a honra de ser de V. Exc.ª obediente — *Carlos Ponza.*

» *P. S.* A Corveta Princeza Real veio entregar-se esta manhãa, e pôr-se debaixo do meu commando no Ancoradouro. »

Falla de S. M. I. aos habitantes do Porto.

» Portuenses! Faz hoje um anno que á frente de um Exercito de bravos entrei nos muros da vossa Cidade, e neste dia chega a certeza do favor com que a Divina Providencia corôou as Armas da Rainha dando-lhe uma completa victoria sobre a Esquadra rebelde.

» No mesmo dia 5 do corrente em que nas linhas o nosso Exercito obrava prodigios de valor, se aniquilava a Armada inimiga defronte do Cabo de S. Vicente. As duas Náos — duas Fragatas — e uma Corveta, cahiram em nosso poder.

» Portuenses, os vossos trabalhos estam acabados. O fructo de tantas fadigas e sacrificios está diante dos olhos.

» Triunfou a vossa perseverança, e a grande causa da restauração Portugueza.

N

» Viva a Esquadra, e o Exercito Libertador, e a mui nobre, e leal Cidade do Porto. — Paço 9 de Julho de 1833. — *D. PEDRO*, *Duque de Bragança.* »

Parece que a Divina Providencia em tudo protegia os defensores da nobre causa da Liberdade, e da restauração do Throno usurpado á sua legitima Rainha: não foi só nas fôrças de terra, que milagres, e prodigios de valor sempre foram companheiros daquelles heroes, tambem as forças moventes sôbre os elementos foram participantes, alcançando sobre seus inimigos a milagrosa, e completa victoria da total aniquilação e tomada de todas as fôrças navaes do usurpador no dia 5 de Julho.

Titulos conferidos por S. M. a Rainha, aos bravos heroes que no campo da honra exposeram suas vidas para restaurar o Throno usurpado á Mesma Augusta Senhora, e a Liberdade aos Portuguezes.

Duque da Terceira.

ANTONIO José de Sousa Manoel e Menezes Severino de Noronha — Conde de Villa-Flor — Marquez em 1827 — Duque da Terceira em 1832, por relevantes serviços Militares nas Ilhas, e no Cerco do Porto.

Duque de Palmella.

D. Pedro de Sousa Holstein — Marquez — Duque de Palmella em 1833, por serviços Diplomaticos na Inglaterra, nas Ilhas como Regente, e no Cerco do Porto.

Marquez do Ficalho.

Antonio de Mello — Marquez em 1833, por serviços feitos no Cerco do Porto.

Marquez de Saldanha.

João Carlos Saldanha Oliveira Daun — Conde de Saldanha — Marquez em 1834, por serviços Militares no Cerco do Porto.

Marquez da Bemposta.

João Guilherme Hyde de Neuville — Conde — Marquez em 1835, por serviços Militares nas Ilhas, e Cerco do Porto.

Marquez de Santa Iria.

Luiz Roque de Sousa Coutinho Monte — Conde d' Alva — Marquez em 1833, por serviços Militares nas Ilhas e Cerco do Porto.

Conde do Cabo de S. Vicente.

Carlos Ponza Napier — Visconde do Cabo de S. Vicente em 1833 — Conde em 1834, por serviços Navaes na Costa de Portugal e Cerco do Porto como Almirante da Esquadra Liberal.

Conde das Antas.

Francisco Xavier da Silva Pereira — Barão das Antas em 1835 — Visconde em 1836 — Conde em 1839, em premio dos relevantes serviços Militares nas Ilhas, e Cerco do Porto.

Conde do Bomfim.

José Luiz Travassos Valdez — Barão do Bomfim em 1835 — Conde em 1839, em premio de serviços Militares nas Ilhas e Cerco do Porto.

Conde de Mello.

Luiz Francisco Soares de Mello da Silva Brayner Sou-

sa Tavares de Moura — Conde em 1835, por serviços Militares nas Ilhas e Cerco do Porto.

Conde de Villa Nova de Gaya.

Thomaz Guilherme Stubbs — Barão em 1833 — Conde em 1835, por serviços prestados no Cerco do Porto.

Visconde de Sá da Bandeira.

Bernardo de Sá Nogueira — Barão de Sá da Bandeira em 1833 — Visconde em 1834, por relevantes serviços Militares nas Ilhas e Cerco do Porto, aonde perdeu o seu braço direito.

Visconde da Serra do Pilar.

José Antonio da Silva Torres — Barão do Pico do Celeiro em 1833 — Visconde em 1834, em premio de seus relevantes serviços Militares nas Ilhas, Cerco do Porto, e defeza da Serra do Pilar.

Visconde de Bobeda.

Joaquim de Sousa Quevedo Pizarro — Visconde em 1835, por serviços Militares desde 1828 conduzindo a divisão emigrada até Plymouth, nas Ilhas, e Cerco do Porto.

Visconde de Samodães.

Francisco de Paula d'Azeredo Teixeira — Visconde em 1835, por serviços Militares nas Ilhas, e Cerco do Porto.

Barão de Casella.

Antonio Pedro de Brito — Barão em 1835, por serviços Militares nas Ilhas, e Cerco do Porto.

Barão de Campanhãa.

Balthasar d'Almeida Pimentel — Barão em 1835, por serviços Militares nas Ilhas, e Cerco do Porto.

Barão de Fonte Nova.

Bento da França Pinto d'Oliveira — Barão em 1835, por serviços Militares nas Ilhas, e Cerco do Porto.

Barão de Faro.

Deocleciano Leão de Brito Cabreira — Barão em 1833, por serviços Militares nas Ilhas, e Cerco do Porto.

Barão de Argamassa.

Francisco da Gama Lobo Botelho — Barão em 1835, por serviços Militares nas Ilhas, e Cerco do Porto.

Barão de Ruivos.

Francisco Saraiva da Costa Refojos — Barão em 1835, por serviços Militares nas Ilhas, e Cerco do Porto.

Barão de Villar Torpim.

Francisco José Pereira — Barão em 1837, por serviços Militares no Cerco do Porto.

Barão d'Alcobaça.

Henrique da Silva da Fonseca Cerveira Leite — Barão em 1834, por serviços Militares nas Ilhas, e Cerco do Porto.

Barão da Piedade.

Jorge Sartorius — Barão em 1836, por serviços Maritimos em Belle-Isle, nos Açores, e na Costa de Portugal como Almirante da Esquadra Liberal.

Barão de S. Cosme.

João Nepomuceno de Macedo — Barão em 1835, por serviços Militares nas Ilhas, e Cerco do Porto.

Barão de Setubal.

João Schwalbak — Barão em 1835, por seus relevantes serviços Militares nas Ilhas, e Cerco do Porto.

Barão do Monte Pedral.

José Baptista da Silva Lopes — Barão em 1835, por serviços Militares nas Ilhas, e Cerco do Porto.

Barão de Lordello.

José da Fonseca Gouvêa — Barão em 1836, por serviços Militares nas Ilhas, e Cerco do Porto.

Barão de Leiria.

José de Vasconcellos Bandeira de Lemos — Barão em 1835, por serviços Militares nas Ilhas, e Cerco do Porto.

Barão do Casal.

José de Barros e Abreu Sousa Alvim — Barão em 1836, por serviços Militares nas Ilhas, e Cerco do Porto.

Barão de Vallongo.

Luiz Pinto de Mendonça Arraes — Barão em 1835, por serviços Militares no Cerco do Porto.

Barão do Candal.

Manoel José Mendes — Barão em 1839, por serviços Militares nas Ilhas, e Cerco do Porto.

Barão d'Almargem.

Marianno Barroso de Sousa Garcez Palha — Barão em 1835, por serviços Militares nas Ilhas, e Cerço do Porto.

Barão do Cabo da Praia.

Manoel Joaquim de Menezes — Barão em 1835, por relevantes serviços Militares nas Ilhas, derrotando as forças do usurpador na Villa da Praia em 1829, e no Cerco do Porto.

Barão de Cacilhas.

Romão José Soares — Barão em 1835, por serviços Militares nas Ilhas, e Cerco do Porto.

Barão do Valle.

Victorino José d'Almeida Serrão — Barão em 1835, por serviços Militares nas Ilhas, e Cerco do Porto.

Cavalleiros da Antiga e muito Nobre Ordem da Torre e Espada do Valor, Lealdade, e Merito.

Bravos Heroes!! Vosso nome está gravado no honroso Distinctivo, que em premio da vossa constancia, e do vosso valor no Campo da Batalha vos foi conferido; e que pendente de vossos valorosos peitos affugentará para longe os inimigos da Rainha e da Liberdade: os bons Portuguezes em memoria de vossos feitos, repetirão com prazer e ufania aquelle saudaso e memoravel canto de Camões aos illustres guerreiros do Seculo 15.°

E julgareis qual é mais excellente
Se ser Rei do mundo ou de tal gente.

Lus. C. 1. E. 10.

FIM.

INDEX.

Pag.

Pag.

Pag.

ERRATAS

Pag.	Lin.	Erros	Emendas
63	4	Souttorendo	Souto-Redondo
93	14	Soldados prisioneiros	pioneiros
117	5	Midêlo	Mindêlo
122	2	terrivel	temivel